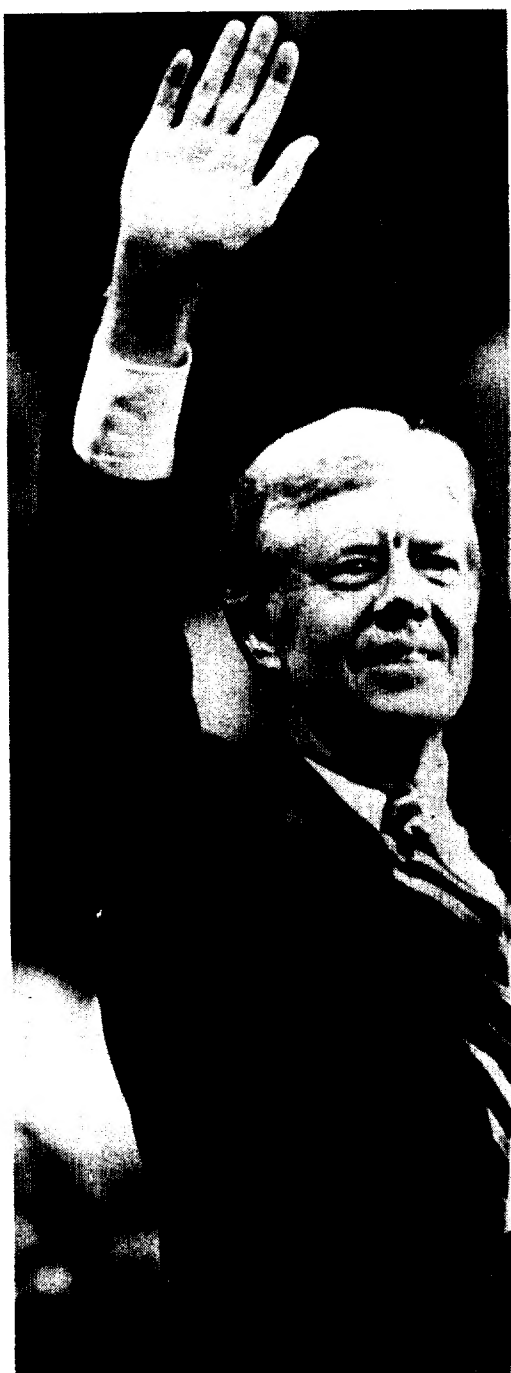


A partir de amanhã, devido à greve dos jornalistas Portugal quatro dias sem jornais

Pág. 11

Resultados conhecidos ao fim da tarde

Possibilidades iguais para Carter e Reagan



Carter (confiante)

Só ao fim do dia de hoje serão conhecidos os resultados das eleições presidenciais nos EUA. As últimas sondagens indicam que as possibilidades do actual presidente Carter do Partido

Democrata, são, na prática, idênticas aos do seu mais directo concorrente, o republicano Ronald Reagan, uma vez que o candidato independente, Anderson, aparece sem quaisquer hi-

póteses de chegar à Casa Branca. Um factor decisivo para a vitória de Carter seria a libertação dos 52 reféns americanos, há precisamente um ano sequestrados em Teerão. Muitos



Reagan (jubiloso)

observadores consideram, por isso que, as eleições dos Estados Unidos, pela primeira vez na História, podem vir a ser decididas por um dirigente estrangeiro,



Khomeiny (enigmático)

no caso o «ayatollah», Khomeiny. Aparentemente indiferentes ao que hoje se passa nos EUA, milhares de iranianos, na sua grande maioria jovens, estão

concentrados junto à Embaixada, numa gigantesca manifestação comemorativa da tomada dos reféns.

Págs. 13 e 14

Não foi assinado qualquer acordo mas apenas estabelecida uma "base de entendimento"

Eanes responde hoje a acusações de Soares

Ramalho Eanes deverá reafirmar esta tarde, durante uma reunião da Comissão Nacional de Apoio à sua reeleição, que não assinou nenhum acordo com o dr. Mário Soares, antes de apresentar a sua candidatura à Presidência. O Presidente repetirá que tudo o que existe é «uma base de entendimento» entre os dois.

Uma fonte próxima da campanha

revelou também ao «DL» que muito provavelmente o Presidente da República vai declarar-se surpreendido pela crise desencadeada por Mário Soares e lamentar as eventuais consequências que dela advêm para a democracia portuguesa. Espera-se também que afirme recusar a motivação pessoal e abstracta para a degradação de relações entre democra-

tas. No entanto, Eanes será firme em assegurar que nenhum dos eventos políticos recentes o dissuadiu da intenção de se recandidatar nem lhe diminuiu as esperanças de ganhar a pugna eleitoral de 7 de Dezembro.

O Presidente, tal como já fez na entrevista publicada na passada sexta-feira pelo «Jornal», não se referirá directamente à crise vivida no seio do Partido

Socialista nem à atitude tomada por Mário Soares.

Outros pontos da sua intervenção serão, segundo julgamos saber, precisões do seu projecto e da base política com que se candidata.

Assim Eanes voltará a recusar o referendo como processo de revisão constitucional, defen-

Continua na pág. 24

EXCLUSIVO**sentinela neocolonialista
no continente africano**

A França como sentinela neocolonialista no continente africano e a «desmaioização» na China são assuntos dominantes no «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento das terças-feiras inclui ainda um artigo sobre o «Serviço Paz e Justiça» para a América Latina, a propósito do «Prémio Nobel da Paz» para Esquível e também outros artigos do maior interesse sobre a Alemanha Democrática, Cabo Verde, etc., além das secções habituais.

**Carlos Brito
acusa
Mário Soares
de promover
Soares
Carneiro**

Pág. 24

**MDP ao «DL»
"Nenhum
vínculo
nos liga
ao general
Ramalho
Eanes"**

Pág. 5

O "DL" na Coreia do Norte

II — Os segredos de Chenlima

A ideia zuche, enunciada pelo presidente Kim Il Sung, resume a ideologia a partir da qual o povo coreano ascendeu no seu conjunto à unidade ideológica: assenta na convicção de que são as massas que fazem a história e de que só se pode contar com as próprias forças.

Zuche é a soberania na política, a independência na economia, a criação própria e autónoma na educação e na cultura, a defesa da personalidade nacional, a fé no espírito criador das massas populares.

Independência, portanto, na concretização original do marxismo-leninismo, em todos os planos da vida, desde a economia até à política externa, passando pela autodefesa militar. Com o seu próprio esforço e contando apenas com os recursos de que dispõe, a Coreia do Norte, de país semifeudal que era, transformou-se em pouco tempo num Estado socialista avançado, com um nível elevado de desenvolvimento das forças produtivas, amante da paz, mas pronto a defender, a todo o momento, o seu território contra qualquer força agressora, por grande e forte que seja.

A encarnação da ideia zuche no domínio da edificação económica, tal como foi definida por Kim Il Sung, parte do princípio de que os Estados incapazes de produzir, com os próprios esforços do povo, todos os meios materiais necessários à sua vida, não podem garantir aos cidadãos uma vida verdadeiramente independente e criadora nem induzi-los a manter a firme posição que deverá corresponder-lhes como donos do país e da sociedade.

Só os países que conseguem construir uma poderosa economia nacional independente e são capazes de cobrir plenamente por si mesmos as necessidades culturais e materiais do povo, podem fazer com que este adquira e assuma a posição e a consciência de ser senhor do país e da sociedade.

Segundo Kim Il Sung, sem autonomia económica não se pode evitar a agressão e o saque dos imperialistas estrangeiros, nem impedir que surja no espírito dos homens o nihilismo nacional e o servilismo perante as grandes potências.

«Podemos dizer que um país criou uma firme base material e técnica do socialismo só quando tenha construído uma economia nacional combinada e independente, desenvolvida em múltiplos aspectos, equipada com técnicas modernas, maneja a produção de artigos da indústria pesada e ligeira e de produtos agrícolas, às diversas e sempre crescentes necessidades da construção económica, da defesa nacional e da vida do povo.»

Estas palavras de Kim Il Sung, longe de serem simples repto retórico, são a afirmação muito concreta de uma vontade que os seus compatriotas tornaram realidade. Podemos constatar-lo nos dias que passámos na Coreia do Norte, onde praticamente tudo o que vimos, maneámos e consumimos, desde os artigos de primeira necessidade até aos produtos da indústria pesada, era fabricado por coreanos.

Zucheanização da economia

No passado, a Coreia nem sequer era capaz de produzir ferramentas agrícolas ou peças sobresselentes. Hoje, a indústria de construção de maquinaria está em condições de fabricar com os seus próprios meios grandes maquinarias e máquinas e equipamentos de precisão, incluindo máquinas-ferramentas e automáticas, geradoras de 50 mil KVA, transformadores de 200 mil KVA, grandes «bulldozers»

fissionais de música, teatro e «ballet».

Reportando-nos às estatísticas, verificamos que o valor global da produção industrial cresceu quase duas vezes desde 1974 (produção de meios de produção: 2 vezes; produção de bens de consumo: 1,5 vezes), a

a extracção de carvão alcança os 70 milhões de toneladas, a produção de aço (laminado, em tubos ou em cabos) passou para os 7 milhões de toneladas, a de metais não ferrosos para um milhão de toneladas, a de produtos mecânicos elaborados para 5 milhões de toneladas (50 mil unidades de máquinas-ferramentas e 45 mil tractores), a de adubos químicos para 5 milhões de toneladas, a de adubos para 12 milhões de toneladas, a construção anual de habitações para 200 mil unidades. Se a tudo isto acrescentarmos os valores da pesca (3,5 milhões de toneladas), dos cereais (10 milhões de toneladas), da carne (800 mil toneladas), da fruta (1,5 milhão de toneladas), dos tecidos (800 milhões de metros), do calçado (100 milhões de pares de sapatos), etc., verificamos que se a Coreia do Norte não é o «paraíso» que os seus inimigos gostam ironicamente de mencionar entre comas, é pelo menos um país cujos cidadãos se podem orgulhar de terem construído com as próprias mãos tudo o que vêem em seu redor: cada cidade, aldeia, fábrica, escola, e também quase todas as máquinas foram construídas por gerações que recordam a miséria e a vida humilhante sob a pata nupônica, e também as provações inenarráveis que tiveram de enfrentar para expulsar da sua terra o agressor americano.

A dignidade nacional é coisa que se percebe hoje nos modos e na atitude de todos os norte-coreanos. Os coreanos, em geral, constituem um povo ferozmente orgulhoso. Como escreveu Wilfred Burchett, «a cara das pessoas nas fábricas, nos campos e nas ruas é um índice mais importante do que as estatísticas. Chosen, 'país das manhãs calmas', como os coreanos chamam à sua terra, é, na metade norte, uma nação alegre, de pessoas bem alimentadas e bem vestidas. Sem necessidade de estudos documentais, sem uma única entrevista ou conversa, apenas com um par de olhos atentos, nenhum visitante objectivo e honesto pode chegar a outra conclusão senão essa. Tratando-se da Ásia, isto é quase um milagre; tratando-se de um país asiático que há 27 anos se encontrava totalmente destruído, é mesmo um milagre».

Segredos de Chenlima, o cavalo alado dos coreanos. Uma gigantesca estátua em bronze de Chenlima, sobre um pedestal de 50 metros de altura, domina hoje a perspectiva de Piongyang. Trata-se de um corcel com asas, cavalgado por um jovem par humano, voando para o futuro. Segundo antigas lendas coreanas, Chenlima era capaz



Kim Il Sung conversando com os operários da Fundição de Juangje

de transportar ao «país da felicidade», à velocidade de mil léguas por dia, quem tivesse a sorte de o montar. Chenlima foi adoptado como símbolo da rapidez com que o país teve de ser reconstruído.

Pan-Munjon

Há mais de 30 anos que persiste a divisa da nação coreana e já se passaram 27 anos desde que foi concluído em Pan-Munjon o acordo de armistício da Coreia, estipulando a resolução pacífica do problema coreano após o cessar-fogo.

Em Pan-Munjon localiza-se a «Área de Segurança Conjunta», essa parte da Zona Desmilitarizada (2 quilómetros para cada lado, a partir do paralelo 38, que divide a Coreia desde o mar Amarelo até ao mar do Japão) onde se encontram as salas de conferência cuja segurança está a cargo conjuntamente de norte-coreanos e de norte-americanos. Dentro dessa pequena área ambas as forças se podem movimentar livremente, mas em todo o resto da Zona cada parte deve situar-se do lado que lhe corresponde e não ultrapassar a Linha de Demarcação Militar que atravessa o centro da Zona, cortando precisamente ao meio as mesas de conferência das várias salas onde se reúnem os delegados da Comissão de Armistício.

De uma pequena elevação que domina a área das salas de conferências avista-se um vasto panorama sobre ambos os lados da linha de demarcação. Do lado norte, há searas, terras lavradas, arrozais. Camponeses, junto a dois tractores, trabalham a terra mesmo ao lado do famoso paralelo (a cooperativa agrícola de

Pan-Munjon situa-se dentro da Zona Desmilitarizada).

Do lado sul, não se avistam pessoas, casas, nem campos de sementeira, mas um ermo de cardos e arbustos atravessado por várias fileiras de arame farpado.

Não é esta a única diferença: do lado norte só há coreanos; do lado sul só há americanos. Quando chegámos a Pan-Munjon, interrompemos a actividade de um sentinela norte-americano que, esbodegado numa cadeira de verga, com os pés em cima de um monte de canas, folheava atentamente um livro de histórias aos quadradinhos. O homem viu-nos e correu a uma torre de vigia, de onde desatou provocatoriamente a tirar-nos fotografias. Cá em baixo, dois rapazes fardados às três pancadas perseguiram-se mutuamente em algazarra, fazendo gaifones um ao outro. Que contraste com o atilado porte militar dos guardas coreanos! Até nos modos se via a diferença entre soldados invasores e militares que representam o país no seu próprio solo.

Recordemos os factos que deram origem ao escândalo persistente e à ameaça para a paz mundial que constitui a presença abusiva e injustificável dos EUA na península coreana, perpetuando à força a divisão artificial de uma nação várias vezes milenária.

Em Julho de 1945, quando já não eram precisas (a guerrilha coreana e o exército soviético acabavam de esmagar literalmente o ocupante japonês), as forças dos EUA desembarcaram no sul do país, ao abrigo dos acordos de Potsdam, isto é, a título provisório (tal como a URSS). Nesses acordos, ficou decidido que os EUA e a URSS partilhariam as tarefas de desarmar os japoneses, traçando uma linha divisória (o paralelo 38); os americanos avançariam até essa linha a partir dos seus locais de desembarque (a sul), e os soviéticos a partir da fronteira norte do país.

Como é que o paralelo 38, de simples referência táctica para assegurar a execução das operações militares contra o ocupante nipónico, veio a transformar-se numa irreductível fronteira ideológica? Em Dezembro de 1945, os Acordos de Moscovo estabeleciam um prazo máximo de cinco anos para a presença de forças estrangeiras no país e para a realização de eleições com vista à formação de uma Coreia unida, democrática e independente.

Em 1947, na sequência de uma ofensiva contra os partidos e organizações populares, Syngman Rhee, em ruptura total com as forças de libertação e com os Acordos de Moscovo, reclama a intervenção da ONU.



Há 35 anos que os EUA ocupam a Coreia do Sul. Esta árvore tem a mesma idade da divisão da Coreia. Cresceu no local onde a linha de demarcação militar divide o país

de 300 HP, potentes barcos de 20 mil toneladas e camiões de 100 toneladas, mandriladoras de 400 milímetros, tornos verticais de 18 metros, tornos de 15 metros, gruas e guindastes, enfim, atingiu uma etapa em que pode produzir integralmente as máquinas e equipamentos necessários à construção de grandes fábricas modernas da indústria pesada e ligeira.

O país produz hoje, em cinco dias, a mesma quantidade de produtos industriais que produzia num ano inteiro no período que antecedeu a libertação, tem uma proporção de auto-abastecimento de máquinas de 98 por cento, conseguiu forjar uma indústria que cresce incessantemente numa base estável sem ser afectada pelas flutuações económicas originadas pela crise de combustíveis e de matérias-primas, quintuplicou na agricultura os índices de produção de 1946, desenvolveu a produção cultural ao ponto do cartaz de teatro e cinema ser preenchido, em mais de 90 por cento, por originais coreanos (Piongyang conta com 7 teatros, 1 circo e cerca de 40 cinemas, além de mais de três dezenas de grupos amadores ou semi-pro-

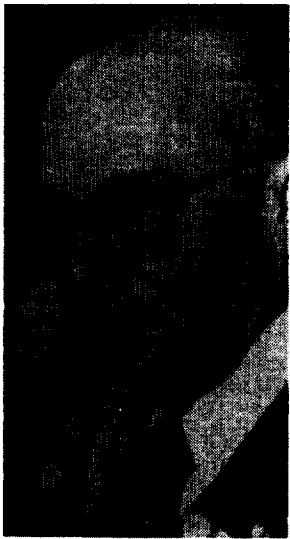
dução de electricidade atingiu o valor impressionante (para um país pouco maior do que o nosso) de 56 mil milhões de kwh,



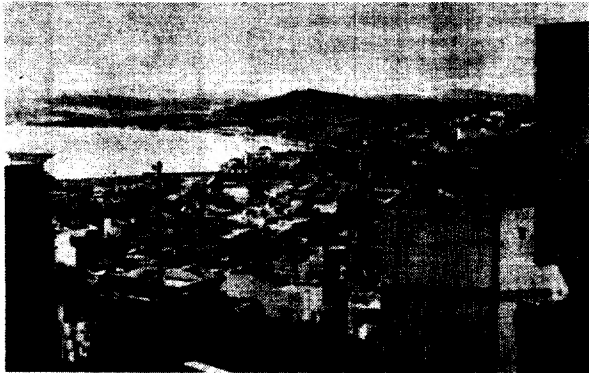
São as massas que fazem a história

ponto a ponto

• O presidente do Brasil, **João Figueiredo**, poderá visitar o nosso país após uma viagem a França, já marcada para Janeiro próximo. De acordo com «fontes bem informadas de Brasília» referidas pela France Presse, não foi fixada qualquer data para a visita do chefe de Estado brasileiro a Portugal, mas isso poderia ocorrer em Fevereiro.

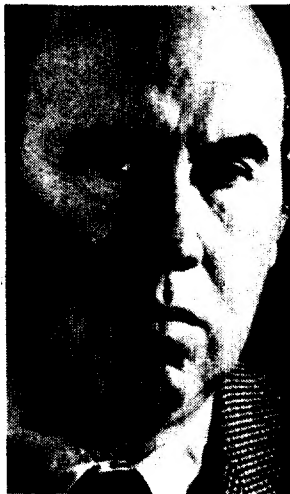


• O presidente do Governo Regional dos Açores, **Mota Amaral**, que se encontra desde ontem em Lisboa, deve avistar-se hoje com o Primeiro-Ministro para debater problemas ligados à concretização da autonomia e ao desenvolvimento económico da Região Autónoma dos Açores. Ainda em Ponta Delgada, Mota Amaral considerou a deslocação do Presidente Eanes aos Açores, a iniciar amanhã, como «extemporânea, visto estar-se já no período pré-eleitoral».



• Segundo o secretário de Estado dos Transportes, que ontem regressou a Lisboa depois de ter participado, em **Tânger**, num colóquio internacional sobre «Ligação fixa Europa-África», as autoridades marroquinas desejam que Portugal participe de «uma forma directa» na construção da ligação fixa entre Gibraltar e Marrocos. «Trata-se de um projecto complexo e grandioso, disse ainda Anacoreta Correia, que embora interesse mais directamente Espanha e Marrocos, diz respeito aos dois continentes».

• **Edmundo Pedro** é o convidado de hoje das habituais reuniões que as Mulheres Socialistas promovem às terças-feiras na sede do PS no Largo do Rato, a partir das 21.30 horas. O tema da intervenção do dirigente socialista, que introduzirá o debate entre os participantes, é a colaboração e assistência das mulheres aos presos políticos durante o fascismo.



• O secretário-geral da NATO, **Joseph Luns**, ofereceu ontem em Bruxelas um almoço a uma delegação da UGT, chefiada pelo respectivo secretário-geral, Torres Couto. A delegação, composta por dez elementos, chegou domingo à capital belga a convite da Organização do Tratado do Atlântico Norte e deve regressar esta noite a Lisboa.



SEM RODRIGUES MIGUÉIS?

por Mário Dionísio

Terça-feira, 27 de Outubro, um pouco antes da hora do meu jantar, a rádio deu com laconismo a notícia de que, com 79 anos, morrera em Nova Iorque o escritor português José Rodrigues Miguéis. Com laconismo e aquela ignorância das regras do «lead», que, atirando o quem para o fim da frase, em vez de fazer concentrar a atenção, só consegue dispersá-la. Pouco mais tarde, o mesmo laconismo na TV.

A minha primeira sensação foi a de não entender. Depois, a de uma amargura angustiante. Finalmente, a do completo absurdo. Como podia ter morrido alguém que fora sepultado há muito num mais que injusto esquecimento e já vivia para sempre naquele grande espaço onde a morte não chega?

Um esquecimento Indesculpável

É certo que o seu primeiro livro, **Páscoa Feliz** (1932), teve logo um prémio (mas a meio...), o da Casa da Imprensa. E que, em 1959, o **Léah e Outras Histórias** mereceu outro, de maior projecção, o «Camilo Castelo Branco», da Sociedade Portuguesa de Escritores. É certo ainda que um vespertino de Lisboa manteve até agora uma coluna semanal assinada por ele, no suplemento literário que um seu ferveroso admirador dirige. Mas, além desse bruxulear de vela, entre aqueles dois prémios e daí para cá, salvo raríssimas excepções, quem lembrou e estudou ou fez estudar uma obra tão extensa e verdadeiramente ímpar como a de Rodrigues Miguéis?

Esse esquecimento feria-o muito, eu sei. Explicará talvez certo azedume da sua ironia incomparável e alguma frieza inesperada e injusta perante um dos seus amigos mais fiéis, que sofria com isso. Nunca o impediu, porém, de trabalhar intensamente, sem descanso, com um espírito de exigência exemplar e os resultados que se sabe.

História antiga

Orgulho-me de ter escrito o primeiro artigo, ao que suponho, sobre a obra de Miguéis — «Um Escritor Português», **Vértice**, Junho de 47 —, com o fito de chamar a atenção dos nossos distraídos compatriotas para **Onde a Noite se Acaba**, segundo livro do autor e em tudo uma obra excepcional, que fora editada (no Brasil!), numa colecção dirigida por Jaime Cortesão, catorze anos depois de **Páscoa Feliz**. «Fica-se desagradável e tristemente surpreendido» — escrevi então — «ao sentir o pesado silêncio, o quase absoluto silêncio que abafou o seu aparecimento e ao verificar com desencanto o modo desinteressado como continua atirando para as escusas prateleiras das tão vistosas livrarias de hoje». E, noutro passo: «Pobres de nós, se não soubéssemos colher a notável lição deste grande escritor — que é nosso — e não soubéssemos, meditadamente, apreciar a nítida evolução que, embora sem alarido, mais zelosa do facto do que do palavrorio, seguramente se processa do primeiro ao último conto deste livro».

Onde a Noite se Acaba era, de facto, um prodígio de exercício(s) e desafio, escrito num estilo aliciente que, como o de Garrett, não temia o estrangeirismo para ser inequivocamente português. Nele o autor se media com Camilo, Eça, Fialho e nele se revelava ou confirmava ser «um dos maiores escritores de língua portuguesa dos nossos dias». O que hoje corroboro, cortando apenas o restritivo «dos nossos dias» para substituir estas palavras por «de sempre».

Esse modesto artigo, que imodestamente recordo, era um acto

de justiça e também o pagamento duma dívida secreta. Miguéis iluminara os meus primeiros passos na aventura literária, coisa que nunca terá sabido e pouca importância tem senão para mim.

Via-o pela primeira vez na sua tertúlia da Brasileira do Rossio e parecia-me um modelo, mais afinal do que ele queria ser do que seria então, a acreditar em suas palavras posteriores: modelo não de escritor e homem de acção, mas de escritor/homem de acção. Vi-o pela última vez em minha casa, há muitos anos, num serão de amigos, numa das suas raras visitas a Portugal.

Mas quando o conheci já ele regressara de Bruxelas, licenciado em Ciências Pedagógicas, advogava, ensinava. Já dirigira, com Bento Caração, **O Globo**, que só teve dois números, porque o terceiro foi apreendido pela polícia na própria tipografia. Já publicara, numa colectânea — **Dez Novelas/Dez Novelistas** — a novela «A Mancha não se Apaga», que me encantara. Lia e relia os seus artigos na **Seara Nova** e **n'O Diabo**, anos antes de eu próprio trabalhar nesse jornal. E, quando co-dirigi **Gleba**, em 34, não descansei até conseguir que colaborasse conosco. O que não era fácil. Porque Miguéis resolvera tentar uma coisa totalmente impossível nessa altura entre nós, sobretudo para um inconformista como ele: viver da pena. E, então, não abria excepções: qual-

gráfica que prefacia **Onde a Noite se Acaba**, habitou Miguéis, com a argúcia habitual, ao tema que aflorara numa entrevista dada a este mesmo jornal em 1935: «O homem, em nós, mata o escritor». Em nós, portugueses em geral, nele em particular. E explicava, insatisfeito: «Ainda não sou para nós a hora de pôr o homem de acordo com o escritor, as ideias e a experiência nova em uníssono com a obra». E tão justamente lhe pesava que tal desacordo fizesse sempre a acção do homem relegar a do escritor para segundo plano que, reagindo a apressadas interpretações, não hesitou em declarar: «Já me têm chamado escritor subjectivo, proletário, impressionista, neo-realista, e não sei que outras coisas. Pouco importa. Não é o rótulo que me interessa, mas a substância».

Dei-lhe razão, pois claro. Mas tão acesa andava a pugna nesses tempos sobre a posição do escritor e a função da literatura, que, no citado artigo, me permiti chamar a atenção de José Rodrigues Miguéis «para aquela talvez mal-humorada frase do prefácio, em que fala de rótulos e de substâncias», decidindo com juvenil desenvoltura: «Atravessamos uma hora em que tudo interessa, em que tudo vale, em que tudo se enche de significado e projecção. Até um rótulo».

Observação um tudo-nada impertinente ou deslocação num escudo de rendida admiração, em boa hora a fiz. Porque algum

meio, etc.; mas, ao contrário, como Você justamente o afirma, que o homem transforma o meio, ou se esforça por transformá-lo».

Miguéis connosco

Tal carta, irrelizmente, nunca ele chegou a entregar-ma. Mas o que nela diria ficou certamente dito, talvez melhor, nos tantos livros que foi escrevendo e aca-

baram por formar um todo de excepcional coerência e poder criativo, em que o escritor se libertou de ser morto pelo homem

(de acção), sem nunca, por sua vez, o matar. Fosse embora outra a acção, mas tendente sempre ao mesmo fim.

Penso nessa saborosa «distracção» policial (e não apenas isso) que, começada a publicar em folhetim **n'O Diabo** sob o pseudónimo de Van der Bosch,

viria a dar **Uma Aventura Inquietante** e na imaginosa carta-artigo em que contou a morte do autor inexistente, encarregando-se da tarefa de levar a obra ao fim... Penso em **Saudades para Dona Gencliana**, duma Almirante Reis dele e minha que já não há, **n'A Escola do Paraíso**, na **Gente de Terceira Classe**, na surpreendente narrativa **Um Homem Sorri à Morte** — com **Mela Cara**, dedicada a dois grandes amigos comuns que também já lá vão, os Doutores Pulido Valente e Navarro Soeiro. E **n'As Harmonias do Canelão**, em **Nikalal!** **Nika-**



quer artigo seu tinha de ser pago. Com o que eu concordava, só não sabendo onde arranjar o dinheiro. Até que a questão se resolveu, reduzindo ele, com promessas de segredo, o seu preço a metade e entregando-me o seu «Mucha Plata!» pela pouca **plata** de cinquenta escudos...

A dignidade do ofício

Não era um caso de ganância (bem modesta...) ou de pouco espírito de colaboração. Era uma atitude de luta incipiente pela profissionalização do escritor. Além de razões políticas bem conhecidas, essa luta o terá levado também, muito provavelmente, a abandonar o País, a que só voltou lá muito de onde em onde, para rever a Lisboa que tanto amava e conhecia e descreveu como ninguém. Luta contra o fascismo e luta pela dignidade do ofício que continuou lá fora, escrevendo e discursando, naquele tom de comunicar que levou António Sérgio a considerá-lo «o mais fino e o mais admirável dos oradores» que ouvira em toda a vida.

Na carta-dedicatória autobio-

tempo depois recebia do visado uma carta muito amiga: «Será preciso dizer-lhe quanto me emocionou a sua leitura? Seguindo o meu costume, lancei logo mão da caneta, e escrevi-lhe uma longa carta de 10 páginas, **stating my case**, como aqui se diz: nada encontro que discutir ou rebater no seu generoso e

reconfortante artigo». Acrescentando (e é o que importa): «mas em minha consciência julguei-me obrigado a revelar-lhe, numa espécie de autobiografia condensada — 1.º, que os rótulos (quando coincidem com a substância) são para mim muito mais importantes do que deixei trans-

parecer nessa **Carta a D.C.**: é que eu sei, por dentro, e percorrendo quase 30 anos dos 46 que levo de vida, que a minha actuação só pode ter um rótulo: e esse é o que me importa». E, mais claramente ainda: «Nessa carta, que um dia lhe entregarei de mão em mão, eu lhe relato resumidamente, 2.º, tudo o que, na minha vida de homem e de escritor, prova que nunca me limitei a pensar, com resignada filosofia, que o homem é um produto do

lall, **n'O Milagre de Salomé...** Em tudo em que deixou gravada a sua personalidade inconfundível esse invulgar «subjectivador do objectivo».

E penso também no que explicará tal obra não ter tido até hoje a projecção que merece e de que tanto todos precisamos. A prolongada ausência decerto e a distância, que lhe não permitiram, se acaso o queria, dedicar-se pessoalmente aos negócios da glória, em que tantos são exímios.

Mas com uma obra assim, não ficaremos nunca sem Rodrigues Miguéis. Talvez a triste notícia do seu desaparecimento físico acorde agora os estudiosos da literatura e o público em geral para o que publicou e o que haverá a publicar. Porque, tendo sido sempre um trabalhador obstinado me custa a crer que haja partido sem deixar as gavetas cheias de muitas coisas mais.

Também ele (é uma esperança) terá o seu baú.

Decidido pelo presidente do PS

Comissão Directiva reunirá dia 15 mas com a presença do Secretariado

● "Comunicado dos vinte" criticado

● Mário Soares pode "mexer" de novo

O presidente do PS e secretário-geral interino, António Macedo, convocou para o dia 15 uma reunião conjunta da Comissão Directiva e do Secretariado Nacional, soube a ANOP de fonte partidária.

Os dirigentes socialistas debruçar-se-ão sobre a mesma ordem de trabalhos da reunião impugnada na última sexta-feira, ordem de trabalhos que o próprio António Macedo definiu como «um caldeirão onde tudo cabe».

A reunião havia sido requerida por um grupo de dirigentes afecto às actuais posições de Mário Soares, mas Salgado Zenha impugnara-a, alegando falta de cumprimento dos prazos

estatutários para a convocação, no que foi bem sucedido.

O Secretariado Nacional manifestara a sua estranheza por, pela primeira vez, não ter sido convocado para essa reunião, onde os seus recentes actos seriam criticados sem possibilidade de defesa.

António Macedo, desta vez, convocou uma reunião conjunta da Comissão Directiva e do Secretariado.

Diligências em curso

Entretanto, Arons de Carvalho, membro do Secretariado Nacional do PS e porta-voz do

partido, disse que o Secretariado «é completamente alheio» à impugnação da reunião da Comissão Directiva da última sexta-feira.

Frisou que o Secretariado nada tem a ver com a impugnação, «tanto mais que não tomou parte nos trabalhos, ao contrário do que aliás é normal e do que seria desejável».

«De qualquer forma o Secretariado não tenciona trazer à opinião pública os debates internos que deveriam ser travados no seio do partido» — afirmou, numa clara crítica ao «comunicado dos vinte», divulgado no domingo e cuja redacção é já

geralmente atribuída a Almeida Santos.

Arons de Carvalho, que no momento em que prestou declarações à ANOP desconhecia ainda a decisão de António Macedo, admitiu a hipótese de o Secretariado ser convocado para a próxima reunião da CD, considerando tal eventualidade como «desejável», tanto mais que — disse — «estão em curso diligências para superar as dificuldades actuais».

Fontes afectas aos dois grupos em confronto no PS disseram que o compromisso entre o Secretariado Nacional e Mário Soares poderia estabelecer-se com a nomeação de uma comis-

são para assessorar António Macedo, secretário-geral interino.

Uma primeira proposta apresentada por Vítor Constâncio a Mário Soares, alvitara os nomes de António Esteves e Sousa Gomes (afectos ao Secretariado, sendo o primeiro um dos seus membros) e Almeida Santos e Eduardo Pereira (ambos «moderados» e da total confiança de Soares). Eduardo Pereira, de resto, tem continuado a «negociar» com Constâncio, em nome de Soares.

O auto-suspenso secretário-geral recusou a proposta, alegando que os «históricos» não estavam representados, e contrapôs, além dos nomes já citados, os de Jorge Sampaio (do Secretariado) e Tito de Morais (dos «históricos»).

A contraproposta de Mário Soares — garante a ANOP — limitava ainda as funções do Secretariado à campanha presidencial, ficando a Comissão com competência para a condução das actividades normais do partido.

O Secretariado, por sua vez, recusou esta contraproposta, não havendo até hoje qualquer alteração na crise socialista.

Melos próximos de Mário Soares admitiram à ANOP a hipótese deste vir a desenvolver «alguma actividade», não especificada, no interior do partido.

O «DL», entretanto, soube ontem que um conhecido editor lisboeta fará aparecer, provavelmente ainda esta semana, um «livrinho» com uma longa entrevista concedida por Mário Soares, no fim da última semana, ao colunista do PH Artur Portela Filho. Nessa edição surgirão também três ou quatro dos artigos escritos por Soares já depois da crise ter estalado. As cartas a Eanes ainda não serão publicadas por agora — disseram ao «DL» fontes normalmente bem informadas.

Críticas duras ao «comunicado dos 20»

Por outro lado, um membro da Comissão Nacional, afecto ao Secretariado, criticou o «comunicado dos vinte», afirmando ontem à ANOP que os seus subscritores «visam agravar a crise interna no PS e impossibilitar uma solução de compromisso que respeite os órgãos partidários existentes, nomeadamente o trabalho conjunto entre o Secretariado Nacional e o secretário-geral».

«Esta crise» — acrescentou — «poderá levar à realização de um Congresso Extraordinário que, dominado pela discussão sobre as eleições presidenciais, não serviria certamente para discutir a estratégia socialista para os próximos dois anos».

O mesmo dirigente salientou que «a minoria da Comissão Nacional pretende incompatibilizar o secretário-geral com a maioria (incluindo nesta o Secretariado)» e afirmou «não acreditar» que «haja qualquer tomada do poder dentro do partido nem qualquer subordinação a elementos que lhe são estranhos, nomeadamente o Presidente da República».

«O que se passa» — frisou — «é que o grupo minoritário da Comissão Nacional quer aproveitar-se de Mário Soares e da questão presidencial para tomar o poder dentro do partido».

A terminar, o mesmo dirigente sublinhou que «o que se passa agora no PS pode prejudicar a campanha eleitoral e dar a vitória a Soares Carneiro, o que seria extremamente grave para a democracia e para o próprio PS», adiantando que «seria desejável que os dirigentes da maioria e da minoria percebessem isso e se militassem a trabalhar para vencer Soares Carneiro, deixando as questões internas partidárias para o Congresso Ordinário».

Soares almoça com imprensa estrangeira

Mário Soares, segundo notícia veiculada por um matutino português, deverá almoçar hoje com a imprensa estrangeira, que, na cobertura da crise profunda que atravessa o PS, tem sido particularmente crítica à posição tomada pelo líder socialista.

Este encontro servirá, pois, a Mário Soares para esclarecer melhor posições suas aos correspondentes estrangeiros, mau grado continuar a manter que o seu silêncio não será quebrado (afirmação proferida na Televisão) até sete de Dezembro, data-limite para terminar a sua auto-suspensão de secretário-geral do PS.

Depois dos incidentes da semana passada — a convocação de uma reunião da Comissão Directiva, à margem das normas estatutárias e sem o Secretariado Nacional, que devido à primeira razão foi impugnada, as declarações que entretanto vieram a lume, agravam a crise no PS.



FRS reúne em S. Bento

A FRS reuniu ontem pela primeira vez os seus representantes dos três grupos parlamentares em S. Bento, não tendo sido tomada qualquer decisão. Está marcada nova reunião para amanhã.

Estiveram em discussão a eleição da nova mesa da Assembleia da República, a coordenação das bancadas parlamentares da FRS e a distribuição das bancadas em S. Bento aos deputados do PS, ASDI e UEDS.

Na quinta-feira reúne-se pela primeira vez em plenário o grupo

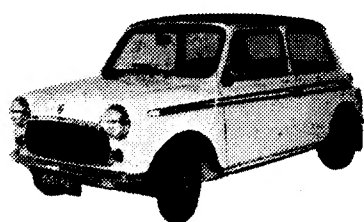
parlamentar do PS, constituído por 66 deputados, na maioria afectos ao Secretariado.

A FRS vai solicitar a ratificação parlamentar de alguns diplomas do Governo nas cinco primeiras sessões da nova Assembleia — disse à ANOP, Salgado Zenha, líder do grupo parlamentar do PS.

Na reunião de ontem participaram Salgado Zenha, Teresa Ambrósio, Almeida Santos, João Cravinho e José Niza por PS, Lopes Cardoso, António Vitorino e César Oliveira pela UEDS, Vilhena de Carvalho pela ASDI.



É TÃO GIRO TER UM MINI...



- A genial concepção do MINI conferiu-lhe uma personalidade cujo poder de atracção não desaparece.
- A facilidade de condução, a economia, a pioneira colocação transversal do motor e a segurança da tracção à frente fizeram escola.
- O MINI 1000 tem bancos reclináveis e duplo circuito de travagem. O MINI 1000 Special possui tejadilho forrado a «vinil», painel de instrumentos em madeira e tampões de rodas desportivas.

Austin Morris **Mini**

Mini - mais que ter automóvel: um modo de ter automóvel.



British Leyland de Portugal

Concessionários em todo o País.

Vontade de futuro

CONSUMO
5,8l-9,0Km/h

MDP/CDE em mesa-redonda ao "DL"

"Candidatura da APU não era justificável"

Em mesa-redonda com três dirigentes do MDP/CDE, Eduardo Pedroso, Helena Cidade Moura e Herberto Goulart, dois redactores do «DL» (Augusto Vilela e Rogério Rodrigues) puseram questões sobre o que de mais imediato surge na cena política portuguesa — as presidenciais, a crise do PS, a posição de Mário Soares, o papel a desempenhar por um partido como o MDP/CDE nos debates da Assembleia da República, o significado negativo para a Democracia e para a própria Igreja, da entrevista do bispo de Bragança à ANOP e o percurso do MDP/CDE nestes anos, de um movimento de unidade antes do 25 de Abril a um partido coligado com o PCP, exclusivamente para as legislativas, na APU.

«DL» — Como é que o MDP chegou à decisão de considerar a candidatura de Ramalho Eanes positiva, ainda mesmo antes de ser conhecida a posição do PCP, seu parceiro nas legislativas?

Herberto Goulart — Os processos de eleições legislativas e presidenciais são completamente diferentes. Por isso a coligação PCP e MDP na APU foi estabelecida apenas para as eleições legislativas.

O nosso partido considerou que uma eventual candidatura da área da APU não era justificável para as actuais eleições presidenciais, donde, e em acréscimo à ideia anterior, as nossas decisões não tinham que ter em conta as decisões do PCP.

HCM — Nós sempre privilegiámos a correcta função dos órgãos de soberania e o facto de recomendarmos o voto no general Ramalho Eanes quer dizer — e que nos parece muito importante na situação presente — que ele corresponde, pela sua actuação como Presidente da República nestes últimos anos, aos princípios de legalidade democrática, de honestidade de funções, qualquer que, pessoalmente, seja o seu projecto político.

var ainda mais que esta ideia era correcta.

Portanto, dentro desta nossa visão, o que importava era identificar o candidato que pudesse ser de facto o candidato do regime democrático com reais possibilidades de obter a vitória eleitoral. Esse candidato é o general Ramalho Eanes.

HG — Em síntese, o MDP/CDE recomenda o voto num candidato que considera ser o que tem melhores condições para a defesa do regime democrático, não envolvendo esta posição qualquer identificação ideológica com o general Ramalho Eanes, não ficando com quaisquer compromissos em relação à actuação do Presidente da República, e obviamente não ficando também este com qualquer vinculação ao voto dos nossos militantes e simpatizantes que não seja aquela que decorre do cumprimento correcto das suas funções.

Crise no PS: um processo sem alternativa

«DL» — Como é que o MDP, como força de esquerda, caracteriza a crise existente no

apoio do PS à candidatura de Ramalho Eanes. Todo o processo de Mário Soares é um processo que surge sem alternativas, é um processo público de negação constante.

No desempenho do seu papel de primeira figura do PS há o dever perante a população de desenvolver uma actuação em termos muito mais abertos. Não se pode aceitar que razões pessoais possam ser transformadas em razões partidárias e que estas visem assumir um papel determinante em questões nacionais.

HCM — O que mais me impressiona neste processo todo é a forma como a direita se tem empenhado em condicionar com ela a população, como de resto faz com tudo aquilo que pode. O seu objectivo não é criar relações democráticas; é destruir as relações democráticas existentes.

Pessoalmente acho natural que um partido que depois do 25 de Abril adquira as dimensões do PS viva as suas contradições internas e os seus esclarecimentos. Penso, no entanto, que os dirigentes políticos se deveriam obrigar nas presentes circunstâncias a objectivos mais amplos que é a defesa da Democracia.

HG — Os meus dois companheiros já apreciaram alguns aspectos da chamada crise no interior do PS e na sequência do que eles disseram eu gostaria apenas de acrescentar que a resolução dos diferendos no interior do PS pela importância deste partido na defesa da Democracia portuguesa é naturalmente uma necessidade da própria Democracia. Apesar das incidências que esta crise tem no quadro das eleições presidenciais é de exigir a quem tem responsabilidades democráticas, como aliás já foi dito, um comportamento que possibilite o reforço do campo democrático. Apesar da situação perturbada que se tem criado, a imagem do general Eanes não foi afectada aos olhos da população.

O MDP na AR: mais que o número dos votos

«DL» — Quais os projectos ou o papel que o MDP pensa poder desempenhar na próxima Assembleia da República, em campos para que eventualmente, dada a característica dos seus militantes, esteja mais vocacionado, como, a título de exemplo, a saúde, a juventude, o ensino e a cultura?

EP — Como elemento não integrado nem sequer nas listas para deputado, posso talvez dar um testemunho de fora do Grupo Parlamentar. De facto, tem-nos parecido que desde que entramos na Assembleia da República, a nossa intervenção tem sido uma expressão do próprio trabalho interno dos militantes e do próprio diálogo destes com pessoas ou grupos sociais a quem os problemas interessam directamente. Este método que ainda não está de forma alguma acabado, mas que é um projecto muito estimulante e importante a nosso ver, alia-se também a uma característica de grande honeste-

dade no próprio trabalho parlamentar, de grande generosidade no papel cívico que entendemos que um deputado deve desempenhar.

HCM — Esta definição que o meu companheiro Pedroso deu do papel de deputado leva a que a nossa acção embora não programada terá que ser muito sensível às situações concretas de uma sociedade em evolução permanente.

As áreas referidas pelo «Diário de Lisboa» são áreas de que eu, na distribuição do trabalho do

traz importantes responsabilidades para esta próxima legislatura levará o nosso partido a procurar o contributo de todos os seus militantes e de todos aqueles que consideram positiva a acção do MDP no quadro de colaboração muito aberto que já foi referido, para um empenhamento global em todos os campos sujeitos a revisão. Mais do que o número de votos pensamos que será útil a qualidade do contributo político que possamos dar acerca da revisão constitucional, sempre no espírito de preservar

falou em nome pessoal, mas também é evidente que a sua voz será ouvida na diocese de Bragança, pela qual é responsável.

A teoria afirmada, que incluía frases decalcadas sobre afirmações de um potencial candidato às presidenciais está totalmente inquinada de preconceitos que de nenhum modo expressam nem as decisões da Conferência Episcopal dos Bispos Portugueses nem as linhas gerais da Igreja universal, e que revelam uma intervenção negativa numa realidade tão fortemente marcada por 48 anos de fascismo e séculos de obscurantismo, como é a do distrito de Bragança.

Poder-se-á, em conclusão da entrevista do senhor bispo de Bragança, culpar a Igreja de que nesse distrito 51 por cento das habitações não tenham nem água, nem luz, nem instalações sanitárias? Que apenas 8 por cento das habitações usufruam desses «luxos asiáticos»? Que 10 por cento do número total de explorações agrícolas correspondam a praticamente metade da terra disponível? Que 93 por cento dos estabelecimentos industriais ocupem apenas cinco pessoas ou menos? Que 70,4 por cento da população activa trabalha numa agricultura precária e apenas 9,3 por cento na indústria? Que o desemprego e a mortalidade infantil correspondam às taxas mais elevadas do País? Não culpamos a Igreja destes factos mas entendemos que ela tem a sua quota-parte de responsabilidade que deve assumir pelo menos através de um discurso que liberte as populações e lhes possibilite uma escolha consciente.

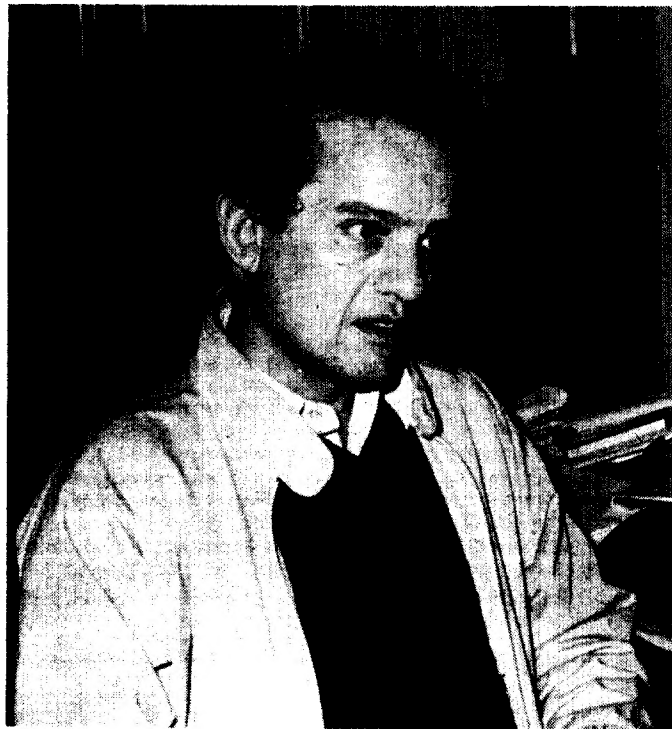
HG — Todos os aspectos acabados de relatar são preocupantes em relação ao próximo acto eleitoral, tal como já foram condicionantes negativas nas eleições de Outubro, sendo pois motivo justificado de uma grande atenção e vigilância de todos os cidadãos eleitores.

As forças democráticas têm aqui mais um bom motivo para um esforço de intensificação da cooperação entre si.

Um esquema de participação cívica e democrática

«DL» — Qual é neste momento, passados seis anos sobre o 25 de Abril, a força real e a implantação do MDP no País e quais os sintomas de crescimento que eventualmente tenham sido detectados?

Continua na pág. 6



Herberto Goulart: estamos em crescimento

partido, pessoalmente me ocupo. Estão entre si relacionadas e para lhe dar um exemplo, a Lei de Bases do Sistema Educativo, apresentada pelo MDP no final da legislatura, obriga-nos a projectos de leis complementares que têm a ver, por exemplo, com a orientação escolar, em si relacionadas com o Serviço Nacional de Saúde que defendemos, com a planificação do emprego que desejamos. Estamos precisamente neste momento a tentar alargar o sector da nossa intervenção cultural, reunindo num mesmo grupo artistas, escritores, trabalhadores da Comunicação Social, técnicos de cultura a nível de museus, de arquivos, de bibliotecas, no sentido de encontrarmos, tal como fizemos com o sistema educativo, plataformas de reflexão plurifacetadas que nos levem a uma visão correcta dos problemas em si complexos.

Não consideramos ainda o sector da juventude em si próprio porque ele é resultante de um contexto social que nós queremos lentamente ir alterando.

HG — Juntando dois ou três apontamentos rápidos ao que já foi dito — gostaria, em primeiro lugar, de citar a perspectiva de que o trabalho parlamentar deve realmente expressar o trabalho de todo o partido. Será nossa preocupação levantar na Assembleia da República problemas significativos das várias zonas do País, cujo conhecimento nos chega pelas actividades dos nossos militantes.

Por outro lado, e porque consideramos que a actuação da AD se caracteriza por um comportamento autoritário, ausência de diálogo indispensável ao superar de conflitos políticos e sociais e a gradual estilização na consciência do nosso povo de valores alheios ao 25 de Abril, a nossa actividade na Assembleia da República terá de considerar que esta é uma importante frente para a preservação das regras de funcionamento da nossa sociedade democrática.

A revisão constitucional que

o conteúdo do regime democrático.

«DL» — Mas vivemos ainda em regime democrático? Há quem, ouvindo a nossa Rádio, vendo a nossa TV, observando a actuação persecutória de autoridades e entidades patronais, assistindo à exaltação dos valores do passado, comece a ter dúvidas...

HCM — Formalmente vivemos em regime democrático. A nível do condicionamento das pessoas humanas as condições sociais já não expressam esse regime democrático. Isso é patente na deformação da comunicação social, na falta de qualidade dos programas, de que é último exemplo um «show» inaugurado na Televisão, e o último facto, ainda mais relevante, que são as declarações que o bispo de Bragança entendeu dar à ANOP.

E evidente que o senhor bispo



Helena Cidade Moura: uma voz que se mantém na Assembleia da República



Eduardo Pedroso: todo o processo de Mário Soares é um processo que surge sem alternativas

EP — A própria natureza do Presidente da República no nosso quadro constitucional afasta os aspectos ideológicos do seu conteúdo. Consequentemente as funções do Presidente da República são funções muito mais ligadas à legalidade e ao respeito da Constituição do que à execução de um projecto ideológico. Isso fez-nos, desde logo, considerar inadequada uma candidatura ligada a projectos ideológicos partidários. Além do mais, o facto de na própria Constituição e na Lei Eleitoral o presidente da República não ser nunca o candidato de uma força partidária — caso quase único em todos os nossos órgãos políticos e administrativos — vem compro-

PS na medida em que ela poderá condicionar uma candidatura do regime democrático?

EP — Sejam quais forem as razões internas que possam ocorrer e que levam ao surgir desta situação mais evidente e explosiva poderá parecer não haver um cálculo exacto das consequências que ela traz porque o desenvolvimento da crise é fruto de atitudes sucessivas de diversas pessoas, embora apareça como fundamental a atitude de Mário Soares. No desenhamento dessas atitudes talvez tivesse havido possibilidades de ter em conta as consequências que daí advinham. De facto, a atitude, pelo menos do ponto de vista mais público, centra-se no

CEMGFA nos Açores e 25 de Novembro em Cortegaça

O general Ramalho Eanes, na qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, inicia na quinta-feira uma visita de dois dias a cinco ilhas do arquipélago dos Açores.

Eanes, que será acompanhado pelo seu chefe de gabinete, brigadeiro Aurélio Trindade, e outros oficiais superiores do EMGFA, visitará sucessivamente o Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, as instalações militares da ilha de Santa Maria, a Capitania e a Estação Francesa de Telemédia, nas Flores, e as obras de construção da pista de aviação no Corvo.

A comitiva ficará instalada nas Lajes (Terceira).

Em Ponta Delgada, o chefe do EMGFA terá um «briefing» no comando-geral com oficiais dos três ramos das Forças Armadas.

O regresso a Lisboa, em avião militar, está previsto para a madrugada de 6 para 7.

Comemorações do 25 de Novembro

As cerimónias nacionais do «25 de Novembro» realizam-se este ano na base aérea de Cortegaça (na zona de Aveiro) por decisão do general Ramalho Eanes — confirmou hoje à Anop uma fonte oficial.

A mesma fonte acrescentou que «a coordenação e execução da cerimónia será da responsabilidade da Força Aérea».

Adiantou que «se o Governo concordar», participarão no desfile militar forças da GNR, GF e PSP.

A mesma fonte disse ainda que «nada está ainda decidido quanto à participação de Eanes na cerimónia».

Outra fonte esclareceu que «provavelmente no dia 25 de Novembro, três dias depois do início da campanha presidencial, Eanes já não será o chefe do EMGFA, pelo que a sua eventual participação seria a título de Presidente da República, o que ainda não está decidido».

Esta fonte admitiu que o general Lemos Ferreira, o mais antigo dos chefes de Estado-Maior, venha a substituir Eanes na chefia do EMGFA.

Denúncias de irregularidades são para Aires Rodrigues “provocação grosseira”

As irregularidades detectadas nos pedidos de certidão de eleitor de apoio à candidatura de Aires Rodrigues foram ontem consideradas pelo dirigente do POUS-PST como «provocação grosseira», que visaria impedir a sua concorrência às eleições presidenciais.

«Proceder contra presumíveis falsificações e provocações feitas contra a candidatura», foi a intenção anunciada pelo antigo deputado do PS que não apresentou, contudo, quaisquer ele-

mentos comprovativos das alegadas «falsificações». Manifestou igualmente o desejo de proceder criminalmente contra os jornais «Diário de Lisboa», «o diário» e «Portugal Hoje» que se fizeram eco das denúncias de irregularidades feitas há dias por órgãos autárquicos, como foi o caso da Junta de Freguesia da Damaia.

O rigor colocado por numerosas juntas na verificação dos pedidos de certidão de eleitor para aquela candidatura foram

considerados por Aires Rodrigues como obstáculos «políticos».

Recorde-se como informou há dias o «DL», com base em documentos apresentados pelo presidente da Junta da Damaia — numerosos cidadãos estão a desmentir formalmente que tenham subscrito tal candidatura, admitindo-se pois que as respectivas assinaturas tenham sido falsificadas, nomeadamente através do decalque das autênticas inseridas noutros documentos.

Doença afasta Pinheiro de Azevedo da corrida presidencial

O almirante Pinheiro de Azevedo desistiu da sua candidatura a Belém, alegando motivos de saúde. O antigo Primeiro-Ministro foi operado em Outubro ao hemorroidal e embora a sua recuperação tenha corrido bem não se encontra ainda em condições de saúde que lhe permitam enfrentar o esforço de uma campanha.

Pinheiro de Azevedo, que depois do 25 de Abril foi chefe do Estado-Maior da Armada, chefe do Governo e membro da Junta de Salvação Nacional e do Conselho da Revolução, foi um dos

primeiros militares a anunciar a sua intenção de se candidatar à Presidência. Fez-lo em Viana do Castelo, em 21 de Novembro de 1978.

O «almirante sem medo», como foi conhecido em 1975, tinha-se classificado em terceiro lugar nas eleições de 1976, obtendo 14,37 por cento dos votos, apesar de ter sofrido um ataque cardíaco nos últimos dias da campanha. Depois, iniciou um percurso político bastante sinuoso, que o levou à presidência do PDC, ao mesmo tempo que

defendia a social-democracia e o 25 de Abril. Uma das suas últimas actividades públicas incluiu uma deslocação ao forte do Arieiro, onde Nobre da Costa preparava a constituição do III Governo.

Nessa altura, Pinheiro de Azevedo não conseguiu ser recebido pelo então indigitado chefe do Executivo.

Pinheiro de Azevedo garantiu em declarações à Anop que lhe não faltariam assinaturas, se quisesse concorrer e não revelou, por enquanto, em quem irá aconselhar o voto.

Candidato da AD

Pré-campanha à base de almoços e jantares

Almoços e jantares diários em vários pontos do País, além de passagens por unidades industriais de empresários afectos à AD, continua a ser tom dominante da pré-campanha eleitoral do general Soares Carneiro, a acreditar na informação enviada directamente às Redacções pelo gabinete de Imprensa do candidato.

«Sentir o pulsar autêntico do povo português» é uma das afirmações e objectivos da pré-campanha atribuídas ao general comando durante o almoço de ontem, realizado em Torres Vedras, após uma passagem pelas fábricas de curtumes António Nunes Carvalho, Suc., em Gouxaria, e Joaquim Francisco Inácio, em Alcanena.

Após o almoço — onde o candidato AD afirmou ainda exigir-se

ao titular de Belém «uma dimensão de homem de Estado e outra de homem comum», e daí os almoços... — Soares Carneiro visitou uma fábrica de cerâmica e outra metalúrgica em Caxaria, passou depois por Vila Nova de Ourém, seguindo-se um jantar em Fátima com dezenas de convidados.

No almoço de Torres Vedras,

aquele candidato falou também do seu «projecto nacional» onde os jovens e velhos deverão ocupar «lugar especial», acentuando que para o êxito desse projecto deverá existir «uma ordenação perfeita, uma sintonia que exclua a intromissão, que signifique divisão de tarefas e responsabilidades» a nível de órgãos de soberania.

Jovens monárquicos encontram-se

Para lá do pitoresco toque de considerar a instituição real como «a única solução para resolver cabalmente o problema da chefia de Estado», Gonçalo Ribeiro Teles, líder dos populares-monárquicos alertou a AD: «Somos responsáveis pela aplicação do programa eleitoral da Aliança Democrática e não po-

dem ser coniventes com desvios e alterações dos seus propósitos». O dirigente do PPM falava na sessão de encerramento do I Encontro de Jovens Quadros Políticos do PPM.

O Encontro realizou-se num hotel da capital e teve os seus convidados especiais: Lucas Pi-

res, Sousa Tavares, Manuel Pereira, Gentil Martins, Bernardino Gomes, Borges de Macedo e Caldeira Cabral. Lucas Pires falou mais uma vez sobre a revisão constitucional e a reforma das instituições. Os jovens quadros do PPM, por seu turno, divulgaram um texto reclamando a «urgência da revisão dos crité-

rios que têm presidido à efectivação da Reforma Agrária» e manifestando preocupação «sobre a situação no âmbito da comunicação social estatizada, afirmando-se o mais veemente repúdio acerca de quaisquer métodos manipuladores, independentemente dos quadrantes políticos donde provenham».

Amanhã no STJ

Ramalho Eanes e Soares Carneiro formalizam candidaturas

Quatro dos candidatos às presidenciais estão em condições de legalizar a sua situação. Amanhã mesmo, Ramalho Eanes e Soares Carneiro entregarão os seus processos no Supremo Tribunal de Justiça, enquanto Carlos Brito e Pires Veloso adoptarão a mesma atitude no próximo dia 6.

Otelo fê-lo, como anunciou, em fins do mês passado.

Desconhecem-se ainda as datas em que os restantes candidatos vão apresentar os processos de candidatura no STJ. Galvão de Melo e Aires Rodrigues têm tido problemas com as assinaturas. O primeiro devido, segundo afirmou, à actividade do seu

chefe de gabinete, que as desviou, o segundo por causa de alegadas falsificações que teriam sido detectadas.

Para além destes dois candidatos, anunciaram ainda a intenção de concorrer ao acto eleitoral de Dezembro, o advogado Meneses Alves, o capitão Cavinho, o rendeiro Júlio Martins Pereira e o reformado João Maria Pereira. Desconhecem-se ainda se estes candidatos conseguirão arranjar as 7500 assinaturas que constituem o mínimo necessário para legalizar uma candidatura. A próxima sexta-feira, dia 7, marca o limite do prazo para a formalização das candidaturas.

Na Madeira

Governo Regional toma posse no dia 6 e a Assembleia já começou a funcionar

O Governo Regional da Madeira será empossado no próximo dia 6, depois da Assembleia Regional ter ontem aprovado a nova estrutura do executivo regional, de acordo com as disposições do novo Estatuto Político-Administrativo daquela região autónoma.

De acordo com a deliberação da Assembleia, o Executivo passará a ser constituído pela presidência do Governo, e pelas secretarias regionais do Trabalho, do Planeamento e Finanças, do Equipamento Social, dos Assuntos Sociais e Saúde, do Comércio e Transportes, da Educação e Cultura e da Agricultura e Pescas. Foi extinta a Secretaria de Estado da Coordenação Económica. Apenas os representantes do PSD aprovaram esta alteração, que teve a oposição do PS

e da UDP e a abstenção do PCP. O único representante do CDS não participou na reunião.

Entretanto, Alberto João Jardim foi já substituído como deputado regional, para poder assumir as funções de Presidente do Governo Regional.

O social-democrata Emanuel Rodrigues foi reeleito como presidente da Assembleia Regional, ficando todos os lugares da mesa daquele órgão na posse de elementos do PSD.

Ao Partido Socialista, o segundo partido em número de deputados regionais, foi apenas oferecido o lugar de segundo secretário, enquanto os socialistas reclamavam para si uma das vice-presidências. Também a UDP recusou participar na mesa do parlamento regional.

MDP/CDE em mesa-redonda ao “DL”

continuação da pág. 5

HG — Naturalmente que o nosso partido ao longo do processo político tem vivido dias mais fáceis ou mais difíceis de acordo com a evolução do próprio processo político. Hoje o partido está bastante marcado pelas decisões do III Congresso que corresponderam a um aprofundamento do seu projecto político e ainda pelo regresso à actividade parlamentar na última sessão legislativa da Assembleia da República.

Participando nos últimos processos eleitorais desde 1976 sob a forma de coligação na APU não temos a possibilidade de medir directamente o peso eleitoral do nosso partido, provavelmente diferente do que expressou nas eleições de 1975. Mas podemos avaliar a força do nosso partido pela actividade que desenvolve em todo o País em diferentes planos sociais, por

uma participação muito intensa nas autarquias locais e ainda pelo facto de sermos um partido que tem estruturas implantadas em todo o País.

HCM — Essa é uma pergunta que respondida directamente abrange uma pequena parcela da nossa realidade social e política. Na área da educação, da alfabetização, da cultura. Por isso, poderei dizer que o número de independentes que nele participam não é menor do que o número dos militantes que coordenam o trabalho e lhe dão expressão política quando isso se torna necessário.

A força do MDP/CDE é por isso mesmo superior à sua real implantação e oferece — podemos dizer — um esquema de participação cívica democrática de que todos nós nos orgulhamos e que cada vez se torna mais necessária na sociedade portuguesa.

«DL» — Quais os estratos sociais em que o MDP está mais implantado?

HG — O nosso partido desenvolve-se por pessoas que têm uma tradição de luta antifascista anterior ao 25 de Abril. Talvez seja o núcleo de militantes mais activos que, com as novas condições criadas com o 25 de Abril, se abriu a muitos outros democratas que podemos localizar nas camadas sociais médias, com particular destaque, pelo seu peso numérico, para o sector intelectual, quadros técnicos e trabalhadores de serviço.

As passagens para o PCP e PS

«DL» — Como é que vocês interpretam a sangria sofrida pelo MDP/CDE, após o 25 de Abril, em proveito quer do PCP quer do PS?

HC — Não poderemos propriamente falar de sangria, mas é evidente que o MDP/CDE depois do 25 de Abril é significativamente diferente do conjunto das CDE's anteriores ao 25 de Abril, especialmente na expressão mais ampla que estas tiveram nas eleições de 69 e 73.

Por outro lado, não pode falar-se numa alteração do MDP relativa ao período anterior ao 25 de Abril senão como um processo evolutivo, isto é, com a legalização dos partidos políticos muitos activistas das CDE's inscreveram-se nos partidos onde se identificavam, nomeadamente no PS e no PCP, pelo que os militantes que constituem o MDP/CDE se encontram neste partido por adesão ao projecto político e não apenas por tradição antifascista. Quando se fala em sangria, como foi usado na pergunta, esse fenómeno significa naturalmente a diferença

que existia entre um movimento de unidade e um partido com a sua especificidade própria.

HCM — A minha experiência é localizada geograficamente: amigos meus do PCP, do MES, do PS, do MDP que começou já a esboçar o seu nome próprio, que em 1973 pertenciam todos ao mesmo núcleo das CDE's, tomaram depois do 25 de Abril lugar nos respectivos partidos.

Quando temos o desgosto de ouvir o dr. Mário Soares falar das «ordens» que o PCP dá ao MDP/CDE, pergunta-se como pode ele igualar e mesmo ultrapassar a linguagem dos partidos conservadores, alheios à luta antifascista, que ele tão bem conheceu, negando a evidência do processo de transformação das CDE's quando tantos militantes seus, a que neste momento duro para o Partido Socialista prestamos homenagem, delas fizeram parte?

«DL» — Herberto Goulart, há de facto sintomas de crescimento do MDP?

HG — Ao longo de todo este ano de 1980 o partido tem verificado um processo de novas inscrições quer por iniciativas da organização, quer, o que é mais significativo, por acção espontânea de novos democratas que nos procuram. Por outro lado, foi-se intensificando ao longo de todo este ano, no aspecto que a Helena há pouco referiu, de muitos independentes a colaborar nas nossas actividades. E a organização partidária dá provas duma crescente capacidade de intervenção. Apesar dos resultados eleitorais de cinco de Outubro não terem correspondido aos nossos objectivos, os nossos militantes continuam a desenvolver as actividades partidárias com o mesmo entusiasmo e intensificou-se o ritmo de inscrições no partido.

Quem vai defender o nosso "naco da História"?

"Madre de Deus": uma história de aventuras, afundamento, recuperação

Parece próxima do fim, a história da nau portuguesa «Madre de Deus» que foi afundada pelos japoneses na baía de Nagasaki, em 1610, e que uma firma da mesma nacionalidade se propõe agora recuperar, mais os seus ouros e pratas prováveis, a partir dos 70 metros abaixo do nível do mar em que se encontra.

É a propósito do caso da «Madre de Deus» que surge por parte das autoridades portuguesas um «balbúcio» no sentido de assegurar os nossos eventuais direitos, ao abrigo das convenções internacionais. Só que, para os especialistas e interessados, já estamos na altura de fazer algo mais, de tomar medidas concretas quanto às cada vez mais frequentes descobertas de antigos navios portugueses que, com cargas as mais diversas, se afundaram (ou foram afundadas) um pouco por todo o Mundo.

A título de exemplo citemos o caso na nau «Sacramento», re-encontrada, já recentemente, no Brasil: ou, na África do Sul, a recuperação dos canhões de um galeão, também de nome «Sacramento», sobre o qual inclusive foi publicado um livro; e, no mesmo país a nau «Atalaia». Não é tudo, porém: perto de Mombaça, no Quênia, uma fragata, a «Santo António Tana», «jaz» afundada, foi alvo de expedições portuguesas durante quatro anos, mas o desinteresse (porque? de quem?) acabou por vencer.

Quem vai fazer algo, a sério, para defender os nossos direitos, no caso de eles existirem?

Onde começa o caso da «Madre de Deus»

As condições que rodearam a hostilidade japonesa relativamente ao comandante da «Madre de Deus», André Pessoa, têm entretanto todos os condimentos para uma história de acção e intriga. Tudo começou no Inverno de 1608, em Macau, que tinha como capitão-mor o citado André Pessoa.

Dizem documentos da época, recolhidos por Charles Boxer, que André Pessoa era um «homem destemido e guerreiro», o que não é difícil de calcular a partir da sua biografia: em 1579 partiu de Lisboa, ainda muito novo, como moço de câmara; em 1606, a Coroa mostrou-se-lhe

reconhecida e promoveu-o ao cargo de secretário da Alfândega de Malaca; no ano seguinte já está na Capitania de Mascate; e em 1608, já é capitão-mor de Macau.

É então, quando conta 29 anos de Oriente, que alguns barcos japoneses, açoitados pelo mau tempo, procuraram o porto de Macau para ali passarem o Inverno. A inactividade levou os marinheiros para a cidade, onde a partir de certa altura começaram a generalizar-se conflitos com as populações. Daí aos confrontos armados foi um passo.

Os japoneses começaram por dominar a situação. Mas Pessoa, avisado do que se passava, reuniu os seus homens e deslocou-se para a zona de acção, sendo previsível o que veio a acontecer, pois era por natureza pouco predisposto à contemporização. Acossados por forças superiores, os japoneses refugiaram-se em duas casas, onde foram intimados à rendição.

Só que o primeiro japonês a pôr pé na tua foi imediatamente fuzilado, por ordem do capitão-mor, que o acusou de pilhagem. Os restantes japoneses dispuseram-se então a resistir até ao máximo das suas forças e a fazerem-se pagar bem caras. Pessoa mandou incendiar uma das casas, o que obrigou os japoneses a saírem. Um a um iam sendo abatidos à medida que emergiam das chamas.

Alguém, impressionado com o massacre, foi avisar o bispo de Macau que intercedeu junto do capitão-mor, conseguindo que fosse poupada a vida aos quinze japoneses que ainda se encontravam cercados noutra casa.

Esses homens acabaram por regressar ao Japão, onde contaram a sua versão dos acontecimentos, apesar de terem sido obrigados a assinar, em Macau, documentos em que se reconheciam culpados de tudo o que acontecera.

Pessoa vai ao Japão

Fiado nesses documentos, que o ilibavam de responsabilidade, André Pessoa não teve qualquer problema em partir no ano seguinte para Nagasaki, comandando a nau «Madre de Deus» que ia carregada de mer-

cadorias para o habitual comércio entre Macau e o Japão.

As autoridades japonesas, que também não estavam interessadas em perder o lucrativo comércio com os portugueses, começaram por receber André Pessoa, como se nada tivesse acontecido, e aceitaram como bons os documentos que apresentou.

No entanto, Pessoa notou que o ambiente estava carregado e tratou de tomar as suas precauções. Mandou alguns japoneses convertidos ao cristianismo, que sabia serem de confiança, investigar o que se passava, ao mesmo tempo que mantinha a nau ao largo, fundeada apenas com uma âncora, para mais facilmente poder largar a qualquer momento.

Entretanto, os parentes e amigos dos japoneses mortos em Macau procuravam influenciar o «Daimio» (rei) de Arima, insistindo na necessidade de punir André Pessoa e vingar assim as vítimas do massacre. Por outro lado, comerciantes holandeses também faziam intrigas contra os seus rivais portugueses, tentando convencer o «Daimio» a apoderar-se da «Madre de Deus», ao mesmo tempo que prometiam manter o Japão abastecido com os produtos da China

trazidos até aí pelos portugueses.

Finalmente, o «Daimio» deixou-se convencer e, pensando juntar o útil ao agradável, marchou para Nagasaki com 1200 soldados, ao mesmo tempo que procurava atrair André Pessoa a uma armadilha em terra, convidando-o para um encontro amigável.

Contra os canhões

O comandante português, avisado a tempo do que se tramava contra ele, manteve-se a bordo da nau e mandou carregar os canhões, preparado para todas as emergências.

Ao anoitecer de 6 de Janeiro, os japoneses avançaram sobre a nau em dezenas de barcos a remos e abriram fogo de arcabuzes. A bordo da «Madre de Deus» reinava o silêncio e não se via qualquer luz. Intrigados, os japoneses aproximaram-se mais e, quando estavam à distância conveniente, uma salva de cinco tiros de canhão atingiu outros tantos barcos, que se afundaram, enquanto os outros se punham em fuga.

André Pessoa mandou então cortar a amarra da âncora e tentou fazer-se ao mar, mas o vento

faltou e a pesada nau continuou quase imóvel.

Nos dias seguintes, sempre sem vento, a nau foi sendo arrasada pela corrente e acabou por ficar encurralada num estreito, enquanto os japoneses voltavam à carga duas vezes, sendo repelidos outras tantas.

Vendo a superioridade de fogo dos portugueses, o «Daimio» mandou construir uma torre de combate flutuante sobre uma jangada que avançou puxada por barcos a remos contra a nau portuguesa imobilizada. Do alto da torre, os japoneses disparavam flexas incendiárias sobre o convés do navio que em breve começou a arder.

Quando tudo estava perdido, André Pessoa mandou incendiar o paiol da pólvora e, pegando num crucifixo, atirou-se ao mar dizendo aos companheiros que fizessem o mesmo.

Pessoa e nau afundam-se

Foi então a vez dos japoneses se entregarem a um massacre, perseguindo e matando os homens que procuravam alcançar a nau. O corpo de André Pessoa nunca foi encontrado e do massacre apenas escaparam os portugueses que tinha ficado

em Nagasaki, a tratar dos seus negócios, quando o combate começou.

A nau acabou por se virar e afundar, levando consigo ouro, prata e outras mercadorias avaliadas em um milhão de libras por Charles Boxer na sua obra «A Perda da Nau «Madre de Deus»». Na altura os japoneses apenas conseguiram recuperar alguns fardos de seda e três caixas de prata.

A lenda dos tesouros da «Madre de Deus» chegou porém aos nossos dias e, em 1928, foram feitas as primeiras tentativas de recuperação com mergulhadores. A nau encontrava-se a 70 metros de profundidade e com o equipamento de mergulho então existente não foi possível recuperar mais do que um canhão, uma âncora e alguns capacetes.

Após outras tentativas infrutíferas, mais recentemente, a empresa japonesa «Nippon Maritime Development» meteu ombros à tarefa e, no passado dia 31 de Outubro, um barco de 365 toneladas, equipado com todo o material necessário, iniciou os trabalhos de salvamento. A empresa anunciou estar na disposição de entregar à cidade de Nagasaki as relíquias históricas que encontrar.

Jovem abatido em Monte Gordo pela PJ

Novos elementos contradizem versão oficial

Foi alvejado com pelo menos oito tiros o jovem morto por agentes da Polícia Judiciária na madrugada da última quarta-feira em Monte Gordo no Algarve, sendo pouco crível que tenha resistido «à mão armada», pois a pistola seria encontrada na algibeira do blusão por um enfermeiro, já no hospital.

Conforme então noticiámos, a primeira versão seria a de Diogo Marques Palma ter sido abatido por desconhecidos, corrigida depois por uma nota da PJ de Faro: «Um agente encontrava-se a vigiar um automóvel referenciado na prática de furtos, tendo interpelado Diogo Palma, quando este entrava na viatura, exibindo o respectivo cartão profissional e dando-lhe voz de prisão. Nessa altura Diogo Palma, puxou da pistola de calibre proibido tendo o agente da PJ disparado em legítima defesa.»

Os elementos colhidos pelo «DL» levantam sérias dúvidas quanto à versão policial.

O Diogo foi alvejado por uma rajada

de metralhadora quando perto de casa arrancara com o automóvel, tendo a viatura percorrido cerca de cem metros até se deter de encontro a uma parede. Os tiros terão sido disparados do lado esquerdo do carro e detrás para diante. A pistola de Diogo encontrava-se na algibeira do blusão sem vestígios de ter disparado.

Não foi um agente a intervir, mas seis, que vigiaram a casa durante várias horas, e podiam tê-lo detido antes de entrar na viatura, parada a poucos metros de casa.

Diogo Palma, de 31 anos, pai de uma menina de 9 anos e de um rapaz de 5, era bastante conhecido no Algarve por há cerca de dez anos se dedicar a actividades hoteleiras. Fora proprietário de um restaurante em Santa Luzia, outro em Vila Real de S. António, o «Copacabana de Monte Gordo», o «Snack-Bar Gaivota», da mesma localidade e a «Setubalense» de Vila Real.

Naquela madrugada teria saído de casa pouco depois das três da madru-

gada para se deslocar a Lisboa onde pretendia chegar às oito e meia. A mulher ouviu o carro começar a trabalhar e logo a seguir a rajada de metralhadora. Aconteceu o seu pai e um filho e deram com o facto já consumado, e os agentes, que não se identificaram na altura, a olhar enquanto outros numa segunda viatura foram chamar uma ambulância. Estes factos são confirmados por outros vizinhos que também acorreram na altura.

Quer os familiares quer pessoas que o conheciam garantem que o Diogo Palma nunca tinha respondido em tribunal, não sendo assim cadastrado como pretendem agora apresentá-lo e que os seus contactos com as autoridades seriam apenas devidos a acidentes de automóvel.

O rápido esclarecimento deste grave incidente impõe-se não só por causa da imagem da PJ perante o público que serve, como para garantir de que os policiais não se confundem com pistoleiros, pois aqueles usam, ou

devem usar, as armas dentro dos condicionamentos legais enquanto os segundinos o fazem à margem das leis. Mal irá a sociedade quando os policiais foram factores de insegurança e não os garantes das garantias individuais, de segurança e integridade física.

As armas são distribuídas aos agentes de autoridades para legítima defesa, própria e alheia e não para deter qualquer condutor com o carro em marcha como parece ser o presente caso. As especulações que entretanto se podem fazer, e estão fazendo naquela área do Algarve, sobre o assunto, devem-se ao incompreensível laconismo da Direcção da PJ.

O corpo do Diogo Palma, apresentava catorze orifícios de balas distribuídos pela cabeça, torax e abdomen, tendo sete das balas perfurado um pulmão. O carro também se apresenta perfurado e com os vidros estilhaçados, sendo encontradas no local pelo menos oito cápsulas de calibre 9 milímetros.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

2.ª Publicação

ANUNCIO

O DR. ANTÓNIO PIRES, JUIZ DO 15.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pelo 15.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, e na Acção com Processo Comum ORDINÁRIO, registado sob o n.º 48/80 que as autoras MARIANA MARQUES SILVA HENRIQUES E OUTRAS, movem contra o réu MARIO & SILVA L.D., residente em parte incerta, e cuja última sede conhecida foi em LISBOA na Rua da Bempostinha n.º 21-A e B, corre o prazo de DEZ DIAS findos os dos éditos, que são de TRINTA DIAS, a contar da publicação do segundo anúncio, citando o réu na pessoa do seu legal representante, para contestar, querendo, aquela acção, sob pena de, não o fazendo, se considerarem confessados os factos articulados pelas autoras, na sua petição inicial, e cujo duplicado se encontra no 15.º Juízo 2.ª Secção à disposição do legal representante da ré, devendo ainda no mesmo prazo contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária formulado pelas autoras.

E, para constar se passou o presente anúncio a fim de ser publicado.

Lisboa, 27 de Outubro de 1980

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Abílio Assis Mendes

VERIFIQUEI A EXACTIDÃO

JUIZ DE DIREITO
António Pires

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

2.ª Publicação

ANUNCIO

O DR. ANTÓNIO PIRES, JUIZ DO 15.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pelo 15.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Rua Marquês de Fronteira, Palácio da Justiça Lisboa, e na Acção com Processo Comum ORDINÁRIO, registado sob o n.º 35/80 que as autoras MARIA HELENA DOS SANTOS FERREIRA E OUTRAS, movem contra o réu MARIO DE JESUS, L.D., residente em parte incerta, e cuja última sede conhecida foi na Rua da Bempostinha n.º 21-A-B-LISBOA, corre o prazo de DEZ DIAS, findos os dos éditos, que são de TRINTA DIAS, a contar da publicação do segundo anúncio, citando a ré na pessoa do seu legal representante para contestar aquela acção, sob pena de, não o fazendo, se considerarem confessados os factos articulados pelas autoras, na sua petição inicial, e cujo duplicado se encontra no 15.º Juízo 2.ª Secção à disposição do legal representante da ré, devendo ainda no mesmo prazo contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária, formulado pelas autoras.

E, para constar se passou o presente anúncio a fim de ser publicado.

Lisboa, 27 de Outubro de 1980

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Abílio Assis Mendes

VERIFIQUEI A EXATIDÃO

O JUIZ DE DIREITO

António Pires

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

2.ª Publicação

ANUNCIO

Pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário, com o n.º 172/79, em que é A. — Dulce Pardo Moura Fernandes e RR. Jorge Ferro da Silva Meneses, Vitor Manuel Pereira da Ponte e Ivo José de Noronha, ausentes em parte incerta e que tiveram a sua última residência conhecida, respectivamente, na Urbanização da Portela, Lote 118-3.º Esq.º, Quinta da Alegria, Urbanização da Portela, Lote 118-7.º Direito - Quinta da Alegria e Urbanização da Portela, Lote 118-8.º - Esq.º Quinta da Alegria, todos em Sacavém, e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando os referidos RR. para, no prazo de OITO dias, findo o dos éditos e este a contar da publicação do 2.º e último anúncio, contestarem, querendo, a dita acção, cujos duplicados da petição inicial se encontram ao dispor dos citando na respectiva secção e onde poderão ser levantados dentro das horas normais de expediente, sob pena de, não o fazendo, serem condenados no pedido formulado pela mesma A. que pede o pagamento da quantia de 76.084\$00, respeitante a diferenças de retribuição, de subsídios de férias e Natal, bem como as que se vencerem até final.

Lisboa, 20 de Outubro de 1980

O JUIZ DE DIREITO

José Maria Rodrigues

DA SILVA

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Álvaro Silva de Jesus

CONSELHO MUNICIPAL DA AMADORA EDITAL

FERMELINDO DA CONCEIÇÃO M. ROSADO, PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DA AMADORA, FAZ PÚBLICO QUE, NOS TERMOS DO N.º 1 DO ARTIGO 72.º DA LEI N.º 79/77 DE 25 DE OUTUBRO, CONVOCOU OS REPRESENTANTES DAS ORGANIZAÇÕES QUE CONSTITUEM O CONSELHO MUNICIPAL, PARA A REUNIÃO PLENÁRIA DO CONSELHO MUNICIPAL, A REALIZAR NO PRÓXIMO DIA 6 DE NOVEMBRO, PELAS 21.30 HORAS, NO EDIFÍCIO MUNICIPAL, AVENIDA MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS, AMADORA COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO — DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DO REGIMENTO DO CONSELHO MUNICIPAL.

PARA CONSTAR SE PÚBLICA O PRESENTE EDITAL E OUTROS DE IGUAL TEOR, QUE VÃO SER AFIXADOS NOS LOCAIS DO COSTUME.

Amadora, 30 Outubro de 1980

O Presidente do Conselho Municipal

FERMELINDO DA CONCEIÇÃO M. ROSADO

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.

☐ COSTURA ☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ FOTOGRAFIA ☐ DESENHO E PINTURA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS ☐ ELECTRICIDADE
☐ VENDAS / MARKETING ☐ INGLÊS
☐ CULTURA GERAL ☐ SECRETARIADO

Pegue o envelope sobre colorido e illustre livremente o curso que indicou com um X

GRÁTIS

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA Codex - Telef. 54 31 38

Conservatório Nacional

Decorrem as eleições para os Conselhos Directivos

Professores do Conservatório Nacional puderam ontem entrar, ao fim da manhã, nas instalações desta escola, à Rua dos Caetanos.

Estes tinham-se dirigido ontem ao Conservatório para procederem à eleição dos respectivos Conselhos Directivos, por ter terminado o prazo estipulado pelo MEC, para reestruturação conforme ontem noticiámos.

Chegados ao Conservatório viram a sua entrada impedida pelo «secretário» da escola, que assumia, na ausência do gestor nomeado, Luís de Oliveira

Nunes a «responsabilidade» do funcionamento da escola. O fantasma de ocupação foi o pretexto utilizado pelo sr. Antunes, o secretário referido.

Alertado para tal situação o director-geral do ensino superior, Brital Rodrigues, deslocou-se ao local, forçando a abertura do Conservatório, tendo a situação sido desbloqueada após o meio-dia.

No mesmo dia, Brital Rodrigues reuniu com professores e alunos para lhes anunciar que o anterior gestor, Oliveira Nunes,

estava exonerado das suas funções, sendo a partir de agora o Conservatório «devolvido aos seus professores».

Nessa mesma reunião Brital Rodrigues acusou o anterior gestor, que tinha sido nomeado pelo MEC, em Agosto, à frente de uma comissão de reestruturação, contestada de imediato pelo corpo docente e discente, de «demonstrar não valer muito» e «de deturpar certos despachos do Ministério a seu bel-prazer».

Referindo-se ao futuro do Conservatório, o director-geral

do ensino superior referiu que os professores deverão até ao fim da semana eleger os conselhos directivos das cinco escolas que compõem o Conservatório, que por sua vez escolherão uma comissão coordenadora, presidida pelo docente mais antigo, conforme também ontem noticiámos.

Brital Rodrigues referiu ainda que o Conservatório iniciará as suas actividades escolares desde que a comissão coordenadora considerar criadas as condições indispensáveis para tal.

Curso de hipnotismo em Coimbra

Cerca de trinta médicos e enfermeiros iniciaram hoje na delegação da Cruz Vermelha, em Coimbra, um curso de hipnotismo sob a direcção do matemático Eugénio Monteiro.

Na sua intervenção de abertura, aquele matemático afirmou que «a hipnose consegue-se por uma inibição parcial do cortex cerebral, acompanhada por um conjunto de condicionamentos, que conduzem o indivi-

duo a não pensar senão no que o hipnotizador lhe diz». O conferencista fez um historial do desenvolvimento da «ciência hipnótica» desde os tempos pré-socráticos, até aos anos sessenta do nosso século, momento que, disse, marca o final da «reflexologia pavloviana».

A próxima sessão será dedicada ao estudo da anatomia e fisiologia do sistema nervoso.

Dinâmica de grupos

Um curso de «iniciação de dinâmica de grupos» vai decorrer a partir de quinta-feira, 6 de Novembro, no Instituto Espanhol de Cultura do Porto.

Organizado pela Associação Luso-Espanhola de Pedagogia

(ALEP), o curso será orientado pelo pedagogo brasileiro Saad Zagheid Sobrinho. Os temas a desenvolver ao longo do curso, que termina no dia 27, serão «Fundamentos Psico-Sociológicos», «A Filiação da Dinâmica de Grupos», «O Potencial de Reciprocidade do Conflito e da Reversibilidade dos Grupos» e «Montagem de um Programa de Treinamento».

A mentira e a maledicência segundo Vasco Pulido Valente

Sessão de «mentiras e maledicências» e «inevitável homenagem que o vício presta à virtude», foram os epítetos que Vasco Pulido Valente, secretário de Estado da Cultura, encontrou para classificar o debate que

reuniu no final da passada semana três ex-secretários de Estado da Cultura, na sede da Associação Portuguesa de Escritores, como o «DL» largamente referiu.

A arrogância de VPV não tem

limites. A discussão e às críticas, responde olímpicamente com o insulto e o lugar-comum. Referindo-se ainda ao encontro, afirmou que ele se realizara «numa sucursal do PCP», considerando que o objectivo geral da reunião

parecia «ter sido criticar a política do Governo AD». E concluiu lapidarmente: «A substância da conversa não é comentável». Exemplar sentido das prerrogativas que o Poder oferece, sem dúvida...

Da castanha à apanha (uma distância tamanha)

«Quentes e boas» ainda há, mas cada vez mais caras. E mesmo assim, dizem os vendedores que se distribuem estrategicamente pela cidade, o negócio mal dá para o «pitrol», no caso para o carvão, que se gasta à média de 10 a 15 quilos por dia, para assar entre 10 e 20 quilos de castanhas. E também temos o sal, aí um ou dois quilos.

Ainda assim, os vendedores já fizeram descer um pouco o preço da dúzia de castanhas assadas, de 20 para 15 escudos (no ano passado começou a 15 descendo para 12,5). Só que «a maior parte dos fregueses acha o preço exageradamente elevado» e o negócio é que se ressent, garante um dos vendedores.

E depois há outros problemas, como o facto de serem ambulantes os vendedores de castanhas. Aqui, para os homens que querem fazer cumprir as leis dê por onde der, não há sequer que atender ao tipicismo desta actividade, motivo de encanto para

não poucos. Quando os problemas surgem é o vendedor quem «leva a castanha» (já foi pior, nos velhos tempos...) na alternativa da multa temos a apreensão do material.

De qualquer modo, a castanha está de tal modo arreigada entre nós que, parecendo por vezes em vias de desaparecimento, acaba por voltar por necessidade pública, por imperativo nacional, porque «quanto mais me bates mais gosto de ti».

E depois vem a água-pé. Magusto não há, sem a hábil associação destas duas componentes, reúnem-se os compadres, os conterrâneos e quem mais quiser. Muitos males esquece quem assim se espanta.

Mais pode ser comprovada a importância da castanha, quando recordamos que até já tivemos um Centro de Estudos do Castanheiro. Ainda no domínio da política, está por definir como vai ser este negócio, com a nossa entrada na CEE. Contingente... temos.

Escolas de música particulares já têm legislação

Um despacho assinado pelo secretário de Estado da Educação, Roberto Carneiro, define as habilitações para o exercício da actividade docente em escolas de música particulares. Estas

escolas passam, assim, a dispor de normas concretas para a selecção e constituição dos seus corpos docentes, visando a dignificação e a qualidade do ensino que ministram.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA ANÚNCIO

A Câmara Municipal de Almada compreendendo as causas da construção clandestina e a necessidade de dotar as populações nela envolvidas de equipamentos e infra-estruturas através do ordenamento urbanístico tem vindo a elaborar Planos de Reconversão das Zonas de Construção Clandestina.

A Câmara Municipal de Almada empenhada na realização destes Planos tem vindo a tomar posse administrativa de propriedades loteadas ilegalmente. O especulador de terrenos continua a aliciar e a enganar a população carenciada de habitação afixando placas (ilegalmente e com infração da Lei) nas principais vias anunciando a venda de terrenos (com ou sem escritura).

Alto do Índio, Vale Flores, Vale Figueira, Quinta da Morgadinha, Vale Fetal, Vale Rosal, Vale Cavala, Charneca, Quintinhas, Aroeira são zonas com Planos elaborados e abrangidos por Decretos regulamentares: definindo áreas críticas, impondo medidas preventivas e direito de preferência.

SR. COMPRADOR DE LOTES CLANDESTINOS

- NÃO COMPRE LOTES NESTAS ZONAS SEM CONSULTAR A CÂMARA
- NÃO SE DEIXE ENGANAR PELO ESPECULADOR-INTERMEDIÁRIO NA VENDA DE TERRENOS
- NÃO ARRISQUE AS SUAS POUPANÇAS
- CONTACTE A CÂMARA — GABINETE DE REALIZAÇÕES INTEGRADAS (LARGO DO POMBAL — COVA DA PIEDADE) TODAS AS SEGUNDAS (14-18 H) ANTES DE REALIZAR QUALQUER COMPRA:

Almada, 27 de Outubro de 1980

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA PONTE SOBRE A RIBEIRA DE OEIRAS — «INVESTIMENTO INTERMUNICIPAL»

FERNANDO SOUSA CAEIROS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE, TORNA PÚBLICO que pelo prazo de trinta dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente edital no «Diário da República», se aceitam propostas para o concurso designado em apigrafe.

- PREÇO BASE: 6 661 419\$00
- CAUÇÃO PROVISÓRIA: 166 536\$00
- ALVARÁ EXIGIDO: II CATEGORIA OU 4.ª SUBCATEGORIA DA II CATEGORIA

A abertura das propostas realizar-se-á às 21.30 horas da primeira 4.ª feira que se efectue sessão ordinária da Câmara de Castro Verde após o termo do prazo referido.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser consultados, todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente (de 2.ª a 6.ª das 9.30 horas às 12 horas e das 14 h. às 16.30 h.) nas Secretarias das Câmaras Municipais de Almodôvar e Castro Verde.

NOTA: Esta obra será financiada parcialmente pela Administração Central ao abrigo do «Programa de Investimentos Intermunicipais».

Paços do Concelho de Castro Verde, 22 de Outubro de 1980.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
a) Fernando Sousa Cairos

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que por deliberação tomada em reunião destes Serviços realizada em 9 de Outubro de 1980, se encontra aberto concurso pelo prazo de trinta dias a contar da publicação do presente aviso no «Diário da República», para o provimento de um lugar de TERCEIRO OFICIAL, no Departamento de Contabilidade e a que corresponde o vencimento mensal líquido atribuído à letra M — (13 800\$00).

A este concurso poderão candidatar-se indivíduos com o curso geral do ensino secundário ou equiparado, desde que satisfaçam os requisitos do Artigo 460.º do Código Administrativo.

Os concorrentes deverão apresentar no Departamento de Pessoal, dentro do prazo mencionado, no Departamento de Pessoal, dentro do prazo mencionado, no Departamento de Administração com assinatura aposta sobre um selo fiscal de 100\$00, reconhecida por notário, do qual conste o nome, profissão, estado civil, data de nascimento, filiação, naturalidade, residência, número e data do Bilhete de Identidade e serviço de Arquivo de Identificação que o emitiu.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 30 de Outubro de 1980.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Rodrigues de Matos

POUPE COMBUSTÍVEL

Controle regularmente o consumo do seu carro. Se notar um aumento exagerado consulte o seu mecânico.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

O POVO PORTUGUÊS NÃO ESTÁ SÓ NA LUTA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA

Os abaixo-assinados manifestam deste modo a sua solidariedade com os trabalhadores portugueses e em especial com os trabalhadores da Reforma Agrária, na sua luta para que:

- 1) acabem os ataques contra a Reforma Agrária;
- 2) sejam devolvidos às UCP's e Cooperativas todas as terras, máquinas, gado e produtos ilegalmente usurpados;
- 3) sejam expropriados os 700 000 ha ainda nas mãos de grandes agrários;
- 4) seja respeitado o direito legal dos trabalhadores em recolherem os frutos pendentes;
- 5) acabem as prisões de trabalhadores agrícolas que recolhem frutos pendentes e termine a acção agressiva de determinados elementos da GNR.

As 582 assinaturas abaixo publicadas foram recolhidas na Holanda e Bélgica nas últimas semanas.

Em 6 de Julho de 1979 foram publicadas 802 assinaturas no «Diário de Notícias». Em 18 de Agosto de 1979 foram publicadas 924 assinaturas em «o diário». Em 7 de Fevereiro de 1980 foram publicadas 1002 assinaturas no «Diário de Lisboa». Num total de 4219 assinaturas em defesa da Reforma Agrária. Brevemente será publicado novo anúncio.

Cada assinatura vinha acompanhada de um donativo para pagamento dos anúncios.

C v AARLE, funcionário; G v AARLE, desempregada; A ABDOEL, artista; H ACHTERBERG, empregado bancário; W ACKERMAN, bibliotecário; MADELAIDE, LADAMA, dona de casa; IAKEL, trab. sect. social; B ALBERS; MALMEIDA GOMES; M B ALVES; J v AMSTEL, trab. sect. cultural; Md ANJOS d SOUSA; L ANTHONIO; F APPELMAN, sem profissão; F ARAUJO; M ARENDS, estudante; M ARIAN, trab. científico; H ARNOLD, estudante; L ARONS, professor; Th ARTS, empregado; S ARTUZ, estudante; M ASMAN, logopedista; J AUGUSTO; R AUSSEMS, bibliotecário; C AZEDO; B v BAARSEN, informador; L BAKKER, estudante; W BARDOEL, estudante; J BARREIRO LOPES; A BARROS; M d BARROS d OLIVEIRA; Y BARTHOLOMEUS, professora; Th BASELMANS, soc. pedagogo; V BASTOS; R BATISTA; B BECK, estudante; Th BEEMER, professor; L d BEER, estudante; O BEERENDS, enfermeira; J BELEZAS FAIA; M v BENNSCHOT, estudante; J BENSMANN, estudante; O BENSMANN, funcionário; M BENSMANN-V GENT, dona de casa; B BERENBROEK, estudante; R BERENDS, trab. sect. sociocultural; Hvd BERG, Chr vvd BERG, estudante; P BERKERS, sem profissão; BERNARD, jardineiro; M-A BERRETTY, secretária; H BESEMER, entomologista; M v BEUKERING, estudante; W v BEURDEN, estudante; R BEIJARS, estudante; D d BEIJER, estudante; H BIANCHI, professor catedrático; B BLANKER; E BLOKSA, estudante; U BLOM, estudante; A d BOER, bibliotecário; T d BOER, estudante; T BONKAMP, secretária; J BONNIER, jurista; A BOOL, professora; J BOON, trab. sect. cultural; P BOONEN, estudante; M BOOY, professora; K vvd BOS, funcionário; S vvd BOSCH, estudante; L BOSS, professora; V TOTTEBURG, pintor; J BOUMA, estudante; J BOUWMEESTER, estudante; M v BRAKE, analista química; M v BRAKEI técnico do ambiente; J BRAND, trab. sect. social; J BREDEEL, mecânico; P BREUKER, estudante; R vvd BROECK, pianólogo; J vvd BROEK, estudante; N BRUIN, enfermeira; N BRUIJNZEEL, trab. sect. cultural; M-J BUCK, empregada; C BUENTING, trab. sect. cultural; H BUENTING, estudante; A vvd BUNTE, C BURGERS, professor; B BUSHOFF, trab. sect. sociocultural; H CALÇADO, desempregada; J CALINO; M CAMILO; M CAMPS, estudante; V CARIA; H d CARMO ROSA; C CARRIERE, professor; E CARVALHO REI; J CARVALHO; J d CARVALHO; S CINOTA, trab. sect. social; L CLAESSENS, estudante; M COOLEN, professora; H COOPMANS, desempregado; F CORREIA FIGUEIRAS; S CORSTEN, tesoureiro; CORYNNE, psicóloga; A R COSTA; J F d COSTA; C COUNOTTE, ortopedagogo; A COURPER, trab. sect. cultural; J COUTINHO; J COVACO BARROS; G v CRONENBURGH; R d CRUZ LARANJEIRA; C CUPPEN, sem profissão; A DAALDEROP, estudante; M DAALDEROP, estudante; M DAM, atriz de teatro; M DAMIÃO; MA DATADIEN, estudante; L DERCISEN, colab. IKVOS (org. cristã para o desenvolvimento); D DESJARDINE, artista gráfico; E DERKSEN, trab. sect. cultural; J DERKSEN; M DERKSEN, professora; T DERKSEN, estudante; M DIAS BERNARDO; F DIEPENMAAT, paihago; P DINGS, estudante; A DINIZ; J DINIZ; A DINKZWAGER, estudante; M v DINTHER, estudante; E DOGON; C DRAIOULOU, trab. sect. social; R DRIESSEN, estudante; A v DRIESSEN, estudante; J DRIESSEN, professor; H DROSTE, estudante; A DRUGER, estudante; F DUJIN, médico; J DIJKEMA; H KIJKSTRA; M v EDEREN, colab. Jardim infantil; C ELLMAN, sem profissão; G vvd EKEN, estudante; J v EKEREN, reformado; F ELEVLED, estudante; G vvd ELZEN, trab. sect. social; A EMMEN; J ENGELAAR, estudante; G ENKELAAR, assist. científico; L EPPINK, estudante; R ERMERS, estudante; I EVERS, trab. sect. cultural; J EVERS, trab. desenvolvimento; A F FABER, secretário IKVOS (org. cristã para o desenvolvimento); W FELIX, chofer; A F FERNANDES; G FERNANDES; A FERNANDES MARTINS; E FERREIRA; M FERREIRA DIAS; A FERREIRA GONÇALVES; Th FLEMINKS, estudante; W FLORISSEN, porteiro; E FONSECA; L FRADE GERALDES; A FRANCO; J GEDDAS; P v GENABEEK, estudante; Th GERITS, professor; R v GERWEN; C GEVERS, guarda-livros; A GIETMANN, estudante; B GÖBBEL, estudante; A A GOMES; F M GOMES; M GOMES; F GOMES ARAUJO; M GOMES d SOUSA; M A GOMES d SOUSA; J GONÇALVES; L v GONÇALVES; M L GONÇALVES; J GONÇALVES FERREIRA; G GOOIKER, estudante; A GOOSENS, estudante; R GOOSENS, trab. sect. social; J GOOIJER, estudante; P GRAETZ, estudante; P GREMMEN, colab. bioquímico; I v GRINSVEN, chefe de grupo; A GROOT,

estudante; E v GROOTEL, estudante; R GRUNFELD, professor; B GRUTTERINK, estudante; J GRIJS, professor; J GUDDEN, estudante; F GUNSING, gráfico; A v GUNST, professora; M HADDER, embalador; L HAEGENS, empregado; S HAEGENS, estudante; G HAEGENS-DRAGT, dona de casa; H HAGEN, desempregado; M HAKENS; T v HAL, pianólogo; A HAVERKAMP, psicóloga; Th HEKKENBERG, empregado; H HENDRIKS, estudante; W HENDRIKS, estudante; M ENDRIKX, trab. sect. social; J HENRIQUES d FIGUEIREDO; M HENSEN, estudante; R HERMES, estudante; F HERTOOGHS, professor; A HEUDELS; B HEUKESHOVEN, professora; M vvd HEUVEL, estudante; S vvd HEUVEL, estudante; F vvd HEIJDEN, estudante; J vvd HEIJNINGEN, médico; P HILHORST; B HISSINK, esp. computadores; P HOEBINK, colab. científico; J vvd HOEK, professor; H HOES, chefe de grupo; E HOFMAN, pedagogo; T HOFSTEDE, dirigente sindical; M HOFSTEDE, estudante; H vvd HOLSTIJN, estudante; D HONDIUS, estudante; M HOGENDORP, colab. jardim infantil; I vvd HOORN, professora; M vvd HORST, chofer; P vvd HORST, estudante; A HORSTINK, trab. sect. social; H HORSTINK, professor; I HORSTINK, enfermeira; V HORSTINK, esp. construção máquinas; L HOUBEN, professor; J vvd HOUT, analista; A HUBREGTSE, funcionário de estado; H HUISMAN, estudante; J HUISMANS, empregado; E HUIZING, bibliotecário; J HUMME; R HURIEGH, tradutor; T HUTING, professora; T ISRAEL, empregada administrativa; J JACOBS, estudante; P vvd JAGT, sociólogo agrícola; L JANSSEN; W JANSSEN, estudante; H JANSSEN, estudante; T JANSSEN, estudante; E JANSSENS, estudante; Th JENKENS; F d JONG; L d JONG, estudante; S d JONG, estudante; H JONUS, professor; J JOOSTEN, trab. sect. social; V JUNKER, desenhador; O KARAHAN, estudante; A KEE, estudante; R vvd KEMENADE, fisioterapeuta; G KEMPEN, pastor; T KERSTEN, psicóloga; I KETELAAR, colab. sindical; T vvd KEULEN, sem profissão; D d KINDEREN, estudante; M KLAASSEN, estudante; J KLEINVENSIK, estudante; W KLEUSKENS, estudante; J KLINKENBERG, empregado; M KLIJN, estudante; N KNEEPKENS, estudante; W KNIBBELER, colab. científico; V KOBUSSSEN, professora; A KOCKELMANS; H KOENDERS, teólogo; F KOKKE; J d KONING; A KONINGS, estudante; H KONIJN, estudante; P KONIJN, dona de casa; R KOOLEN, estudante; B KOONINGS, estudante; C KOOPAL; A KOOPMANS, estudante; J KOOT, estudante; A vvd KOOTEN, professora; F KOUW, cineasta; J KRIENS; H KROL, trab. sect. sociocultural; K KROON, professora; J KROON, empregado; P KROON; J KRUIZINGA, dirigente sindical; J KUIPER, enfermeira; C KUNTZE; C KUPPENS, estudante; J KURVERS, estudante; M vvd KUJCK, estudante; G KUIJPERS, estudante; P t LAAK, professor; R t LAAN, estudante; G LAARHUIS, estudante; N vvd LACHOS; B LACKAMP, estudante; J LACKAMP, professor; N LAFEBER, estudante; H LAMBECK, estudante; N LAMERS, estudante; A LAMME, estudante; R d LANGE; A vvd LANGEN, estudante; P vvd LANGEN, enfermeira; R LANGKAN, estudante; M vvd LEENT, estudante; G vvd LEEUWEN, empregado; K vvd LEEUWEN, estudante; A LEFEBRE FRANCO; M LEJEUNE; L vvd LEIJSEN, estudante; H vvd LIER, estudante; P LINDERS, estudante; T LITJENS, estudante; F vvd LOO, professor; M vvd LOO, estudante; A LOONEN, estudante; V LOPEZ, operário; L LOUWERS, estudante; J vvd MASS, estudante; A MAGGÉ, estudante; P vvd MANSFELD, estudante; P vvd MANSFELD; S d MARE, estudante; F MARIA; L MARQUES; A MARQUES RESENDE; J MARQUES VILELA; L MARSEILLE; T MARTENS, chefe de grupo; A T MARTINS; M MARTINS; G MATTHIJSSEN, empregado; P MATTHIJSSEN, empregado; E MEEK, estudante; E vvd MEER; C vvd MELLE, médico; C M MENDONÇA; I MENDONÇA; A MENSINK, antropóloga; M MARTENS; G MESSCHMANS, estudante; J MESSSEN; T MEULDERS, estudante; H MEIJEN, professor; E MEIJER, estudante; O MEIJER, operário; T vvd MEIJL, estudante; J MEIJLES, estudante; M MEIJS, estudante; W MICHELS; E vvd MIEGHEM, professor; J MINNAAR, professora; S MOERBEEK, estudante; J MOERVEN, estudante; F MOLENAARS, estudante; A vvd MOLL, filósofo; P MONTASIR, guarda-livros; D d MOOR, logopedista; J MULDER, estudante; J d NASCIMENTO FERNANDES; J NEEFJES, estudante; C NEVES; E NEVES; A NIESSEN, estudante; R NIEUWENHUIS, estudante; C NOGUEIRA d OLIVEIRA; A NOLET, estudante; C vvd NOORD, empregada; H NUISSEN, estudante; T vvd OEFFELT, estudante; D vvd OEVER, estudante; A OKKERMAN, estudante; H OLDE-

NHOF, estudante; M OLFF, estudante; M vvd OMMEN-VENTURA; K OOMEN, guarda-nocturno; A OOR, professora; M vvd OPHUIJSEN, jornalista; G H OPPENOORTH, sociólogo agrícola; T OPPEWAL, professor; C OUDE LENSERINK, estudante; D vvd OUDENALDER, estudante; O vvd OVERDELT, psicólogo; M PALS, estudante; L PAULO; J PAIJENS, estudante; L PELLEKAAN, logopedista; A PEREIRA; J M PEREIRA; S PEREIRA; E PEREIRA MORAIS; M PEREIRA d SILVA; M C PEREIRA d SILVA; M PERPETUA; N PERRENET, antropólogo; E PIETERSE, trab. sect. social; J PINTO; A PINTO RESENDE; W vvd PLUIJM, professora; L PLUIJMAKERS, estudante; E PONSE, esp. computadores; E POST, estudante; B PRENGER, estudante; H PRUST, professor; C PUNTMAN, psicóloga; L PUNTMAN, estudante; T PUNTAMAN, estudante; T vvd PUTTE, professora; W RAAIJMAKERS, colab. científico; VM RAMOS, ortopedagogo; C d REIS; M REKKERS; P vvd RENESSE, trab. sect. social; B RESOBOWO, pintor; J REUS, professor; E REUTERS, estudante; A REIJNDERS, estudante; S REIJNTJES, estudante; H S RIGEIRO; R RICHARDSON, estudante; T RIET, escultor; A RODRIGUES d SILVA, esp. computadores; J RODRIGUES d SILVA; R ROELFZEMA, estudante; B RONNES, secretária; A d ROOIJ; B vvd ROOIJ, estudante; T ROSADO SANTOS; M d ROSARIO PEREIRA; K RUCHTIE; B RUIKEN, estudante; J vvd SANTBRINK, professor; P SANTOS; A M SANTOS; M SANTOS; A SANTOS CASADO; A SANTOS CONCEIÇÃO; M d SANTOS TEIXEIRA; M SCHAROGLU, estudante; M SCHMUTS, médico; B SCHOEMAKER, professor; Y SCHOENMAKER; H SCHOLTES; H SCHOOT, professor; C SCHROER, estudante; J SCHRIJEN, estudante; A SCHULS, carpinteiro; M SCHUNCK, estudante; W SCHUURMANS, professor desempregado; Chr SEGEREN; M SEQUEIRA; M SEQUEIRA GERALDES; M T SERNE, professora; P SERVAIS, estudante; Y SEUERLING, estudante; L SINKE, leixista; Ch SIVRE, psicólogo; P SLEEGERS, estudante; P SMEETS, professor; S SMEETS, estudante; Chr SMIT, reformado; P SMIT, estudante; M SMITS, estudante; K SMULDERS, estudante; E SNETSelaar, jurista; G SOARES; E SPOELTMAN, estudante; R STAPEL, artista; A STEENBAKKERS, estudante; L STEENBERGEN, professor; P vvd STEENSTRAETEN, sociólogo; A STERKENBURGH, estudante; S STERN, estudante; J STOPPERS, estudante; R STOMMELS, estudante; J STOUT, trab. construção naval; E STRATEN, estudante; R STRIJP, estudante; N SUIERINK, assist. familiar; K TADEMA, estudante; H TAK, trab. sect. cultural; J TAS, estudante; A TAVEIRA LARANJEIRA; A TEIXEIRA; J TEIXEIRA; L TEIXEIRA MARCELO; R TEMME, sem profissão; D TEUNISSEN, estudante; M TEUNISSEN, estudante; B THISSEN, estudante; R THIJSEN, estudante; D vvd TILBURG, trab. sect. sociocultural; G vvd TILBURG, estudante; J vvd TILLART, estudante; A TOMÉ MONTEIRO; W TOMIES, trab. sect. cultural; V TONGEREN, dona de casa; P vvd TONGEREN, psicólogo; H TOONEN, estudante; R vvd TOUR, funcionário; F TREPELS, estudante; W vvd TWIJVER, estudante; B UITERMARK, desempregado; M VALENZUELA; C vvd VALK, trab. sect. cultural; J vvd VEEN, predicante; C VEENHUIZEN, estudante; M VELTMAN, gráfico; M vvd VEN, estudante; J VENNIX, canalizador; A VERBORG, estudante; L VERBORG, professora; M VERHEIJEN, chefe de grupo; P VERHOEVEN; R VERKADE, professora; T VERREGHEN, estudante; H VERSCHURE, programador; R VERSTAPPEN, estudante; M VERSTEEGEN, trab. sect. cultural; VERSTEGEN, estudante; J VERSTRAETE, estudante; P VERSTRAETEN, filólogo; V VINTGES, professor; P VISSER, estudante; K VISSERS, estudante; K VOORHOEVE, enfermeira; M vvd VOORT, estudante; P d VOS, estudante; A d VRIES, trab. sect. cultural; M d VRIES, estudante; P WAENINK, estudante; H WALTHAUS, trab. sect. cultural; M vvd WIEL, estudante; M WIENTJES, estudante; A WILLEMS; S WILLEMS, estudante; M WILLEMSE, estudante; Z WINNIBST, professora; F WISMANS, comediant; J d WIT; P WITTE, estudante; V WITTER; J vvd WOUDE, trab. sect. social; M WIJSMAN, estudante; N vvd YULDEN, estudante; J vvd ZAAG, estudante; L ZELISSEN, professor; H vvd ZUTHEM, sociólogo; J ZWART, pastor; P-J ZIJLSTRA, engenheiro; T ZIJLSTRA, enfermeira; W ZIJLSTRA, chofer.

ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE



TULIPA VERMELHA

HOLANDA E BÉLGICA

de ontem para hoje

A terra tremeu em Viana do Alentejo

Um sismo de fraca intensidade foi sentido no Sul de Portugal, cerca das zero e trinta da madrugada de anteontem, com o epicentro provável próximo de Viana do Alentejo, a cerca de 170 quilómetros de Lisboa, segundo revelou o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. Com uma intensidade próxima dos graus dois ou três da Escala de Richter, o abalo não provocou danos pessoais ou materiais.

Em Viana do Castelo: operários dos estaleiros "cancelam" Feira da Agonia

A Comissão de Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo considerou, ontem, «impraticável a realização do tradicional mercado de sexta-feira» na zona do campo da Agonia, no centro daquela cidade. Um porta-voz da CT disse, que «os feirantes, colocando as suas tendas anárquicamente nas ruas do Jardim D. Fernando e na Estrada Nacional para Valença do Minho, dificultam a passagem dos trabalhadores para o estaleiro».

O mesmo informador acrescentou ser igualmente «vedado o acesso aos transportes públicos para a empresa, porque os negociantes ocupam todo o espaço possível e disponível». O vice-presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Alcino Lemos, referiu por seu lado, que «o problema da Feira da Agonia já se arrasta há muito tempo, mas que se encontra actualmente em via de resolução». «A Câmara Municipal indigitou o arquitecto urbanista Pedro de Abreu para elaborar um plano pormenorizado que sirva de alternativa ao actual recinto da Feira» — acrescentou.

Gulbenkian patrocina: médicos portugueses dão consultas em Bissau

Seis especialistas do Hospital de São João do Porto começaram, ontem, na Guiné-Bissau uma acção de cooperação no domínio da saúde-materno infantil, patrocinada pela Fundação Gulbenkian. Os cinco médicos e uma enfermeira-parteira darão consultas preventivas e curativas — incluindo o rastreio do cancro genital e da mama — em Bissau e nos arredores, colaborando ainda na assistência a partos. Os especialistas portugueses participarão também num seminário sobre saúde materno-infantil e em cursos sobre diversos temas.

No Barreiro: «A Semana da Cultura Soviética»

A «Semana da Cultura Soviética», inaugurada no último sábado, no Barreiro, prossegue com o seguinte programa:

Hoje, às 21, no Recreativo de Palhais, será projectado o filme «O Regresso de Máximo», seguindo-se um colóquio sobre a URSS. À mesma hora, na Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal, será projectado o filme «Brincadeiras»; amanhã pelas 21 horas, no Recreativo da Quinta da Lomba, o filme «O Começo da Lenda» e um colóquio sobre a paz; na quinta-feira, às 21 horas, na Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense, o filme «O Sol Branco do Deserto» e um colóquio sobre a URSS; na

sexta-feira, à mesma hora, será encerrada a Semana na Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal com uma sessão solene, seguida da actuação do conjunto popular de danças e canções cossacas «Khopior». A entrada para todas as sessões é livre.

Na Universidade de Aveiro: trezentos livros ingleses em exposição

Uma exposição de cerca de trezentos livros ingleses sobre «Tópicos nas Ciências Sociais», foi inaugurada ontem na Universidade de Aveiro. O certame, que abrange obras de Sociologia, Economia e Política, foi organizado pelo Conselho Britânico e será apresentado noutros centros culturais da Europa e do Médio Oriente.

Uma faísca na antena: Bombelros de Alcábalche ficaram sem rádio

O emissor-receptor de rádio dos Bombeiros Voluntários de Alcábalche foi ontem de manhã destruído por um raio. Na sequência de uma série de relâmpagos, uma descarga eléctrica atingiu a antena do emissor-receptor, instalada no telhado do edifício de três andares que serve de aquartelamento àquela corporação. O prejuízo está calculado em mais de trezentos contos, criando dificuldades aos Voluntários de Alcábalche, agora impedidos de comunicar pela rádio com as suas ambulâncias e com outros quartéis e organizações do sector.

Octogenária encontra: bebé deitado num tapete

Um bebé do sexo masculino, aparentemente cerca de 15 dias, foi ontem à tarde encontrado abandonado, no Porto, nas escadas do prédio n.º 706, da Rua Fernandes Tomás, pela senhora Alice Pereira da Silva, de 86 anos. O bebé estava deitado no tapete à entrada da porta. A octogenária apressou-se a chamar uma vizinha que, por sua vez, alertou a PSP. Numa ambulância do «115» a criança foi levada para uma maternidade infantil, na Rua de Antero de Quental, estando agora a PJ empenhada em descobrir os pais.

Incêndio no Porto: prédio desabitado destruído na Rua dos Mercadores

Um violento incêndio devastou ontem de madrugada um prédio de cinco andares, desabitado, na Rua dos Mercadores, no Porto. Desconhecem-se, por enquanto as causas do sinistro que foi combatido durante quatro horas pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros e pelos Bombeiros Voluntários Portugueses.

À atenção do Provedor de Justiça

O processo "kafkiano" de Luís Ganhão

«O secretário de Estado do Orçamento ao manter, há três anos a minha suspensão de funções como funcionário da Direcção de Finanças de Beja, com perda de vencimento, condena-me de facto à morte pela fome. É que na cadeia nada obriga os familiares ou amigos a sustentar um adulto», lê-se numa carta enviada ao «DL» por Luís Ganhão acusado, conjuntamente com mais treze pessoas, de ter procurado boicotar durante as presidenciais de 1976, um comício de propaganda eleitoral efectuado em Beja. Quando em tal comício — refere Luís Ganhão — nos limitáramos a contestar pacificamente, e ao abrigo do Artigo 45 da Constituição da República Portuguesa, a figura política que no mesmo se promovia, ao caso o general Ramalho Eanes, vimos-nos alvo de um processo judicial que viria a ficar conhecido junto da opinião pública por «O Caso dos 14 de Beja». Processo esse que, por sua vez, levou à nossa detenção em 3 de Novembro, ao mesmo tempo que, enquanto trabalhador da DGCT (Direcção-Geral das Contribuições e Impostos), sujeito a um Estatuto Disciplinar, fui suspenso de exercício de funções com perda de vencimentos».

Só que Luís Ganhão é neste

momento o único dos catorze réus ainda suspenso do trabalho, depois de em 3 de Janeiro de 1978, face à arguição pela defesa da questão prévia da amnistia do Natal de 1976, o processo ter sido declarado de natureza política e considerado extinto pelo juiz da comarca de Beja. Nessa mesma sessão, e com carácter meramente devolutivo, a delegada do Ministério Público interpôs recurso da decisão do Tribunal.

«Restituído à liberdade — refere Luís Ganhão — tratei imediatamente de requerer ao secretário de Estado do Orçamento o levantamento da minha suspensão. E então pese embora a Lei Fundamental da sociedade portuguesa dizer, nos seus Artigos 32-2 e 51-1, que «todo o cidadão se presume inocente até ao trânsito em julgado da condenação» e «todos têm direito ao trabalho», o secretário de Estado do Orçamento indeferiu o meu requerimento, argumentando que, segundo o estatuto disciplinar em causa, o mesmo só poderá ser posto à Administração Fiscal após o trânsito em julgado da decisão judicial, «o que ainda não aconteceu devido ao recurso interposto pela delegada do Ministério Público».

E prossegue Luís Ganhão: «Dez meses após a data da minha suspensão do exercício de funções e oito sobre a minha restituição à colectividade, pe-



Luís Ganhão: o único dos «14 de Beja» ainda não reintegrado no emprego, com base num decreto fascista

riodo de tempo, este último, durante o qual, por «acaso», não me tornei num marginal (um homem se apenas tem como meio de sobrevivência a venda da sua força de trabalho e não lhe permitem transaccionar, para além do suicídio ou da solidariedade dos amigos — o que me valeu —, não se lhe depara outra alternativa, pois não?!), são-me, então, concedidos pela Administração Fiscal e enquanto não houver trânsito em julgado, ape-

nas parte do vencimento, mas sem direito a décimo terceiro mês, subsídio de férias ou qualquer participação emolumentar».

Assinaturas do apolo

«Entretanto (conclui Luís Ganhão), enquanto os dias, os meses e os anos vão passando, ficam as interrogações: quando terá lugar o julgamento? Quanto tempo irá demorar? Depois, a fazer-se justiça e se eu sair absolvido, haverá mais algum recurso? Se houver recurso, mais um ciclo kafkiano de quantos anos? Durante quanto tempo mais me verei impedido de trabalhar e terei de viver, assim como a minha mulher (à procura do primeiro emprego) e o nosso filho de seis meses, com um vencimento truncado? Que Estado de Direito, que direitos do homem neste Portugal que se quer de Futuro e não de Passado». E Luís Ganhão chama a atenção das solidariedades responsáveis para a solidariedade que recebeu dos seus camaradas da Função Pública, num documento que recolheu centenas de assinaturas na classe.

Em suma: um Autêntico escândalo, o caso de Luís Ganhão, para o qual chamamos, desde já, a atenção do provedor de Justiça.

M. G.

Arrastões espanhóis não liquidaram muitas

Os pesqueiros espanhóis «Monte Moratella» e «Princesa Cristina», apresados no passado dia 24 frente à costa algarvia, ainda não liquidaram as multas que lhes foram aplicadas, soube a ANOP de fonte oficial.

O «Princesa Cristina» terá que pagar uma multa de 800 mil escudos, não se sabendo o montante da multa do «Monte Moratella».

Ambos os barcos têm um prazo de dez dias, a expirar na próxima terça-feira, para liquidarem as respectivas quantias sem o que os processos serão enviados a tribunal.

Notícias provenientes de Espanha citam o armador do «Princesa Cristina», como tendo já afirmado não pretender pagar a

multa, alegando que o arrastão transportava apenas 50 por cento de crustáceos, relativamente ao total de pescado.

Por seu lado, contactadas pela ANOP, as autoridades portuguesas afirmaram que, para além dessa percentagem não ser verdadeira, todo o peixe transportado pelo arrastão es-

tava podre, o que prova não ter sido pescado na altura, já que os crustáceos eram frescos.

Segundo a Lei recentemente entrada em vigor, os arrastões espanhóis podem capturar um total de 60 por cento de crustáceos, em relação ao total de pescado, desde que o façam no regime de pesca incidental.

Contrabando de gado

Cerca de trinta mil vacas vivas atravessam anualmente a fronteira hispano-portuguesa de forma clandestina — escreve o jornalista espanhol, Eduardo Barrenechea, no jornal «Los Lunes Económicos».

Segundo aquele jornalista, citado pelo «Mensageiro de Bra-

gança», o gado é comprado nas localidades de Orense, León, Zamora, Astúrias e Salamanca, sendo transportado com guias legais até junto da fronteira, atravessando-a a pé.

Os passadores utilizam especialmente as zonas frontei-

ças do Barroso e Minho, ganhando os intermediários três mil pesetas por vaca e dez mil por touro. O valor total do gado passado clandestinamente é calculado em dois mil milhões de pesetas (cerca de 1372 milhões de escudos).

Barrenechea, especialista dos

assuntos fronteiriços luso-espanhóis e autor do livro «Rayo

de Portugal, Frontera del Subdesarrollo», denuncia ainda o contrabando de aparelhos de rádio, televisores a cores, rádio e vídeo cassettes, de Portugal para a Galiza.



MAXIMIANO MAURÍCIO

FALECEU

Graciana Nunes Bandeira Maurício, Círia Nunes Maurício Brito, genro, netas e cunhados e de mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido, pai, sogro, avô, cunhado e parente e que o funeral se realiza amanhã às 15 horas saindo da igreja de São Francisco de Paulo para o cemitério da Ajuda.

Agência Funerária Lemos, Lda.
Tel. 570620/577721/577773
Gerência de Rogério Gambito



**Adelaide de Jesus
Pereira de Carvalho**

**AGRADECIMENTO E
MISSA 30.º DIA**

Seus filhos e restante família agradecem a todas as pessoas que acompanharam a sua querida mãe, à sua última morada ou que de qualquer modo manifestaram o seu pesar. E participam que será rezada missa do 30.º dia pelo eterno descanso de sua alma, no próximo Sábado dia 8, pelas 8 horas da manhã, na igreja paroquial de S. José (Largo da Anunciada).

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
15.º JUÍZO**

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz saber que por este Juízo e terceira Secção correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Armazéns Tejo — Mário José Tavares, com sede na Rua Miguel Bombarda, 95/A no Barreiro, para no prazo de 10 dias, findo os dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Simões & Companhia, Limitada, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 21 de Outubro de 1980

**O JUIZ DE DIREITO
Rogério Correia de Sousa
O ESCRIVÃO ADJUNTO
António Maria Parreira**

Profissionais em luta por condições mais dignas

Quatro dias sem jornais

"DL" só na segunda-feira

Os jornalistas da imprensa diária e semanal, das agências noticiosas e da RDP iniciam amanhã uma greve de quatro dias — quarta, quinta, sexta e sábado. A paralisação é motivada (tal como em 23 e 24 de Setembro último), pela não aceitação por parte das entidades patronais e governamentais das reivindicações da classe no âmbito do contrato colectivo de trabalho. Para além, no entanto, das tabelas salariais (27% propostos pelo Sindicato contra os 20% do patronato e do Governo), está também em «manchete» o chamado enquadramento profissional, mais adiante resumidamente explicado. Nestes quatro dias de greve, os principais acontecimentos silenciados por força das circunstâncias pelos jornalistas em luta serão, entre outros, as eleições norte-americanas e a entrega dos reféns pelo Irão aos EUA, no plano internacional, e, no plano interno, a formalização das candidaturas à Presidência da República. Que o público saiba compreender esta greve são os votos do «DL», que à mesma adere. Trata-se de uma luta pela dignificação da profissão para que os leitores possam ser dignamente informados, quer através do aspecto cultural, quer através do aspecto técnico.

Esta paralisação justifica-se pelo facto de as condições laborais dos jornalistas se encontrarem há muito tempo degradadas.

Como muito bem sublinha o SJ, «a actividade jornalística exige responsabilidade e independência», tendo «um papel es-

sencial numa sociedade democrática». Nesta ordem de ideias, a dignificação profissional dos jornalistas não é um privilégio, «mas uma garantia do exercício de um direito irrecusável: o de informar». Por sua vez, este direito de informar «é garantia do direito do povo português a ser informado».

O Sindicato, interpretando a situação da classe, faz, sobre a questão, uma pergunta pertinente: «Que direito a informar com independência poderá ter uma classe profissional crescentemente sujeita a contratos a prazo, que são uma ameaça permanente de despedimento sobre autores de textos incómodos?».

Mais: que responsabilização poderá ser exigida a profissionais que, para subsistirem, são levados a proclamar outras actividades que compensem os doze ou catorze mil escudos mensais que repórteres ou redactores ganham por sete horas de trabalho diário? Que liberdade de expressão está a ser garantida por Governos e entidades patronais que parecem apostar na degradação dos jornalistas para melhor «domarem» aqueles que são os veículos da Informação escrita e audiovisual? Que qualidade de Informação (pergunta ainda o Sindicato), estão a promover entidades privadas e gestores públicos quando a sua política de «austeridade» se centra na limitação das condições laborais dos trabalhadores do sector, em particular dos jornalistas?

Enquadramento profissional — o que é

Quais, no fundo, as reivindicações dos jornalistas? Simplesmente a obtenção de condições dignas de trabalho que passam por factores de varia ordem, entre eles os contratuais.

Há três meses, na altura da revisão salarial do CCT em vigor, os jornalistas iniciaram uma resposta firme e fundamentada à situação para que foram lançados. Que resposta? A exigência de um novo enquadramento socioprofissional.

Para paralisar esta exigência, atente-se que a maioria dos jornalistas auferem os mínimos

líquidos acima mencionados (cerca de 12 e 14 contos mensais), previstos no CCT em vigor. Em termos líquidos, por exemplo, um repórter ganha, apenas, cerca de 35% a mais do que o actual salário mínimo nacional. Desde Maio de 74, os jornalistas (e já lá vão mais de seis anos) apenas tiveram duas revisões salariais — em Janeiro de 1977 e em Maio de 1979. Em 25 de Abril de 74, os jornalistas recuperaram a sua dignificação profissional, com a conquista das liberdades de Informação e expressão. Gradualmente, porém, as suas condições de trabalho foram ficando degradadas. Os jornalistas, em resumo, pagaram uma crise a que são alheios — e que é frequente e demagogicamente agitada como um fantasma.

Urgia, por consequência, um novo enquadramento profissional. Todas as dúvidas, sobre tal questão, se esboroam perante

tinham salários nominais semelhantes aos redactores e repórteres: hoje, a tabela salarial de um redactor está em 17 200\$00 (líquidos), enquanto o técnico de primeira se situa nos 27 000\$00, e, nas empresas públicas e privadas, esse valor anda à volta de 28 200\$00. Uma diferença, pois, superior a 60%.

A proposta do novo enquadramento socioprofissional dos jornalistas assentou, após demorados estudos, em dois princípios fundamentais: 1 — atribuição da mesma pontuação profissional, em termos relativos, dos jornalistas de outros países europeus, cuja situação foi estudada, sem que isso de modo algum signifique idênticos salários, por, como é evidente, o custo de vida ser diferente naqueles países; 2 — finidos estudos comparados da situação profissional e da análise de numerosas convenções colectivas de trabalho em vigor em Portugal, a

zendo corresponder os ordenados líquidos aos técnicos de grau I e II (numa escala até 5) das carreiras técnicas das empresas.

Adesões e não adesões

Estas, em suma, para além de outras, que se prendem com a função social da Informação, as razões, porque não atendidas pelas entidades patronais e governamentais, que levam os jornalistas a paralisar durante quatro dias, a partir de amanhã: não só os da Imprensa diária: também os das agências noticiosas e os da RDP, banidos pela Comissão Administrativa daquela estação emissora e pelo Governo, do CCT dos Jornalistas.

Em Lisboa, dos matutinos, não saem o «Diário de Notícias», «O diário», o «Portugal Hoje» e «A Tribuna», estando em dúvida a perda de edição do «Correio da Manhã» e sendo de prever que «O Dia» saia. Quanto aos vespertinos, a greve deverá implicar a perda de edição de todos («Diário de Lisboa», «Diário Popular», «A Capital» e «A Tarde»). Quanto aos semanários lisboetas não saem «O Jornal», «O Expresso» e «Ponto». (O «Sete» não é abrangido pelo período de greve). Os jornalistas de «A Bola» e «Record» também deverão aderir, tal como acontecerá com os do «Mundo Desportivo», presentemente suspenso. Relativamente ao Porto, é certa a não saída do «Jornal de Notícias», nada se sabendo, até ao momento, sobre «O Primeiro de Janeiro» e «O Comércio do Porto».

Como na greve anterior (23 e 24 de Setembro), também as agências noticiosas (ANOP, France Presse e Reuter) irão paralisar ou pelo menos (caso da Reuter) solidarizar-se com a luta dos jornalistas.

Se, em alguns jornais, jornalistas tentarem romper com a greve, os gráficos opor-se-ão, através de um pré-aviso de greve já anunciado. Isto é, farão por sua vez greve, assim impedindo que os jornalistas em paralisação sejam afectados pelos «fura-greves».

Acordo de pescas com a Espanha começa a discutir-se no dia 7

A primeira fase das negociações luso-espanholas tendentes a um acordo de pescas terá início em Lisboa, no próximo dia 7 — informou a Secretaria de Estado das Pescas.

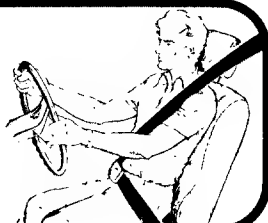
O acordo fixará as condições para vigorar em 1981, nomeadamente no que respeita ao número de embarcações a licenciar e à limitação do esforço de pescas nas águas dos dois países.

Segundo a nota da Secretaria de Estado das Pescas, é reconhecido, pelos investigadores espanhóis e portugueses e ainda pelos armadores e pescadores, o progressivo esgotamento dos recursos vivos ao longo de toda a costa atlântica. Espécies há, como por exemplo a pescada, que pode mesmo considerar-se em vias de extinção.

A orientação de fundo para as negociações é — segundo a Secretaria de Estado — a redução do esforço de pesca, o que conduzirá certamente à redução das licenças a conceder mutuamente pelos dois países e ao estabelecimento de medidas de defesa das espécies, entre as quais sobressaia a criação de reservas de pesca, a respeito pelas frotas de ambos os países.

A Secretaria de Estado das Pescas salienta ainda que esta política exige um grande esforço de adaptação por parte dos armadores e dos pescadores, mas considera que a alternativa é o esgotamento dos «stocks» num prazo muito curto, pelo que, quanto mais tarde for executada, mais drásticas serão as medidas a tomar.

Proteja a sua vida!
Use sempre
o cinto de segurança



**SINDICATO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL**

**DISCRIMINAÇÃO
DOS TRABALHADORES
DAS JUNTAS DE FREGUESIA**

A Direcção Regional de Lisboa do S.T.A.L. — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local denuncia a discriminação a que os trabalhadores das Juntas de Freguesia têm estado sujeitos por não lhes ser aplicado o Decreto-Lei 466/79, de 7 de Dezembro.

Mais repudia, pois o prazo de aplicação terminou em 5 de Julho de 1980, não tendo ainda o Governo publicado o decreto regulamentar previsto naquele Decreto-Lei.

**FIM À DISCRIMINAÇÃO
TRABALHO IGUAL,
SALÁRIO IGUAL**

Loures, 30 de Outubro de 1980

Pela Direcção Regional
José Elias Fernandes Fortunato

"extraordinária criação de canto e castro"
HELENA SERODIO (O DIÁRIO)
"espectáculo de qualidade literária e artística"
MANUELA DE AZEVEDO (DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

Que farei com este livro?
DE JOSE SARAGAMO
enc. JOAQUIM BENITE
cen. JOAO VIEIRA
com
CANTO E CASTRO
em Luis de Camões
e ANTONIO ASSUNÇÃO

TODOS OS DIAS AS 21:30
SABADOS E DOMINGOS AS 16 e 21:30
Segunda-Feira descanso

**GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE** TEL. 275615

MUNICÍPIO DA AMADORA CÂMARA MUNICIPAL

CONCURSO:

CARTAZES SOBRE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

A Câmara Municipal da Amadora abre concurso público entre artistas plásticos, para execução de projectos de cartaz sobre o tema «Segurança Rodoviária».

São objectivos desta iniciativa: informar a comunidade, sensibilizar a população para o cumprimento das regras de trânsito e incutir o sentido da responsabilidade neste sector. Dos trabalhos apresentados será feita exposição entre 1 e 15 de Dezembro, no edifício municipal.

O júri atribuirá prémios no valor de 10 contos, 7 contos e 5 contos (1.º, 2.º e 3.º).

Os interessados deverão dirigir-se ao SERVIÇO DE ACÇÃO SOCIAL E CULTURAL desta Câmara. O prazo de entrega dos trabalhos termina a 20 de Novembro de 1980.

Amadora, 29 de Outubro de 1980

O Presidente
Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

Comissão da Condição Feminina Contribuir para transformar maneira de ser e pensar

O esforço para alterar velhas e ultrapassadas convenções e conceitos sociais e «mudar a mentalidade da população» no que toca ao papel do homem e da mulher na sociedade, tem sido a ideia base da Comissão de Condição Feminina (CCF), organismo oficial integrado na Presidência do Conselho de Ministros.

Este organismo tem igualmente trabalhado para alcançar a corresponsabilidade efectiva das mulheres e dos homens em todos os níveis da vida social portuguesa e para «que toda a sociedade encare a maternidade como função social eminente e assumam as responsabilidades que daí decorrem».

No Norte, com sede no Porto, funciona o núcleo regional da CCF,

constituído por quatro elementos. A delegada regional, Ana Maria Cruz, atende cerca de seiscentas mulheres, por ano dentro do plano de consultas individuais desenvolvido por este organismo, proporcionando assim «o tomar o pulso à população feminina».

Estados de depressão e angústia, crises conjugais, questões de trabalho, casos de investigação de paternidade, assistência judiciária e problemas da terceira idade, são os temas da maior parte das consultas.

A CCF desenvolve também um projecto de informação e esclarecimento sobre planeamento familiar, o qual é subsidiado pelo Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Mais pesca longínqua e menos bacalhau

Piores tempos se anunciam para o bacalhau, ou antes para quem queira continuar a comê-lo.

A pesca desenfreada ao bacalhau nas últimas duas décadas, começa a ter reflexos deveras negativos na sobrevivência da espécie. Reflexos que estarão na base das restrições internacionais cada vez maiores para a permanência de navios nas zonas oceânicas, onde, porventura, possam subsistir cardumes. Por outro lado, a delimitação das águas territoriais decretadas pelos governos do Canadá e da Noruega, não permite aos «bacalhoeiros» pescar senão em zonas muito afastadas da costa, que não são o «habitat» preferido do bacalhau.

Toda esta situação levanta de novo a necessária adaptação e renovação da frota de pesca longínqua,

sem a qual, a curto prazo, os armadores portugueses se verão obrigados a atracar dezenas de «bacalhoeiros», que impedidos de pescar nos «bancos» da Terra Nova, não têm possibilidades de operar noutras zonas.

Neste sentido, foi criado um crédito programado de subsídios à pesca, que permitam a transformação da frota longínqua. As transformações a operar passam pela equipagem de navios com meios que possibilitem uma congelação rápida e eficaz do pescado. Encontram-se, actualmente, cerca de uma dezena de «bacalhoeiros» em transformação nos estaleiros de Aveiro e Lisboa, atingindo as reparações o montante de 120 milhões de escudos por unidade.

Transformados em «navios-fábricas», eles passarão a poder pescar qualquer tipo de espécie marinha. O bacalhau passará, assim, por força

das circunstâncias, a ser substituído por outras espécies, não salgadas, como a solha, a pota, o alabote, etc.

Existem já navios de frota longínqua portuguesa a pescar, em alternativa ao bacalhau, na Mauritânia e na África do Sul; e está prevista para muito breve, a pesca nas costas dos EUA e do Chile.

O bacalhau continuará, no entanto, a aparecer no mercado quer através das quotas de pesca que são atribuídas anualmente, quer de contratos especiais conseguidos por armadores portugueses junto dos seus homólogos canadianos e noruegueses, só que tal fornecimento não chegará, em princípio, para abastecer o mercado nacional. É talvez o adeus, depois de já traída a amizade tradicional entre o velho bacalhau e os portugueses.

Desinfecção começou na escola Marquesa de Alorna

Começaram os trabalhos de desinfecção da Escola Preparatória Marquesa de Alorna, por ordem do MEC. A decisão surge na sequência da revelação, por um vespertino da capital, da existência de ratos e baratas na cozinha e no bar da escola, o que além do mal-estar que isso provocava entre professores e alunos, constituía um perigo para a saúde pública.

Esta situação já havia sido colocada à Câmara Municipal e a outras entidades, mas sem resultados, já que a escola não dispõe de meios financeiros para aqueles trabalhos. Só a denúncia do problema através da imprensa possibilitou agora a «luz verde» do Ministério da Educação.

Segundo a presidente da Comissão do Conselho Directivo, dra. Maria José Garção, se o MEC não tivesse tomado medidas nos últimos dias, a escola teria de fechar e interromper assim todas as actividades, iniciadas a 13 de Outubro.

Universidade Clássica tem novo vice-reitor

O doutor José Francisco Vitorino Gomes Ferreira, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, é o novo

vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa. A cerimónia de posse realiza-se, amanhã, ao meio-dia no Salão Nobre da Reitoria.

Novas pautas de candidatura ao Ensino Superior

Erros de impressão nas pautas relativas à primeira fase de candidatura ao Ensino Superior, ontem afixadas, suscitaram uma onda de protestos. O MEC deci-

diu, em consequência, mandar elaborar e afixar a partir de amanhã, novas pautas provisórias, já devidamente corrigidas.

Os interessados poderão

consultá-las em todas as delegações distritais do Gabinete de Ingresso no Ensino Superior, à excepção de Lisboa e Porto, onde estarão expostas nas Reitorias das respectivas Universidades. As reclamações podem ser feitas nos próximos sete dias, a partir de amanhã.

Plano de recuperação do Dafundo para combater degradação urbanística

A degradação urbanística da zona do Dafundo levou a Câmara Municipal de Oeiras a elaborar um plano de recuperação para toda a zona que vai do Aquário Vasco da Gama até à Cruz Quebrada.

O projecto, que se encontra em exposição nas instalações dos Bombeiros Voluntários do Dafundo até ao próximo dia 22 deste mês, foi ontem pretexto para um encontro dos técnicos do Município com a população, que ocorreu em escasso número. O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras revelou ao «DL» que as sugestões recolhidas serão analisadas, com vista ao projecto definitivo, que deverá estar concluído até ao princípio do próximo ano. Passará a constituir um Plano Director para a Zona.

O desenvolvimento desordenado da área impõe a introdução

de normas disciplinadoras do crescimento urbanístico e a introdução de equipamentos sociais. A partir do inquérito prévio à população, foram elaboradas

duas alternativas, de certo modo complementares, no dizer do presidente do município. A primeira alternativa não fixa grandes variações na construção urbanística, mas prevê o aumento do equipamento escolar e das zonas verdes e a melhoria da circulação rodoviária e estacionamentos. A segunda considera ainda a construção de passagens com lojas entre o Dafundo e as praias e uma ligação com a encosta Norte, junto à mata de S. Mateus. O objectivo a longo prazo consistirá na criação de uma «frente de mar», que prevê a expansão do aquário e a construção de um parque náutico para desporto.

Turismo de Inverno vai trazer 200 mil estrangeiros a Portugal

As férias de Inverno em Portugal vão trazer ao nosso país 196 234 turistas, envolvendo mais de mil e trezentos voos «charters», segundo dados divulgados pela Direcção-Geral da Aviação Civil. Os locais preferidos são o Funchal, que ocupa o primeiro lugar, com 744 voos e 96 228 turistas provenientes da Alemanha Federal, Bélgica, Irlanda, Holanda,

Grã-Bretanha e Escandinávia. Segue-se o Algarve, com 610 voos e 84 212 turistas das mesmas procedências. Na última posição vem Lisboa, com 130 voos e 15 784 turistas, especialmente oriundos de França e Grã-Bretanha.

Os voos «charters» de Inverno para Portugal iniciaram-se no passado dia 1 de Novembro e prolongam-se até 31 de Março do próximo ano.

Banco comercial e empresas perspectivam futuro da indústria de mármore e granito

A evolução recente e o desenvolvimento dos sectores extractivos, transformador e exportador de rochas ornamentais vão ser analisados em reunião conjunta da Banca comercial e das empresas do sector, marcada para a tarde de amanhã no hotel de Lisboa.

Trata-se de perspectivar o futuro desta indústria peculiar, o seu peso no sector produtivo português e as possibilidades de aumentar o seu contributo, quer para o volume das exportações, quer para o acréscimo do produto nacional.

O sector das rochas ornamentais desempenha, já hoje, um papel de certa importância no quadro da economia nacional quer pelo nível de investimento, quer pelo volume de exportações quer pela sua implantação regional.

A reunião entre a Banca e a ASSIMGRA (Associação Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos Afins) tem o apoio do Fundo de Fomento de Exportação, da Direcção-Geral de Geologia e Minas e do Instituto de Apolo às Pequenas e Médias Empresas Industriais.

Fim de semana Avis

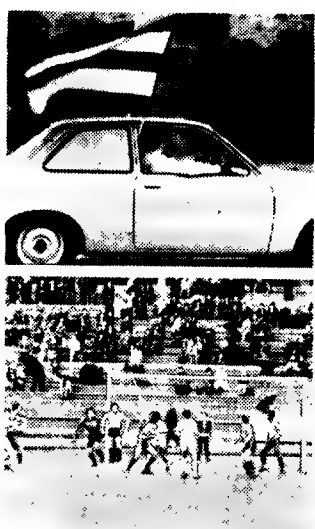
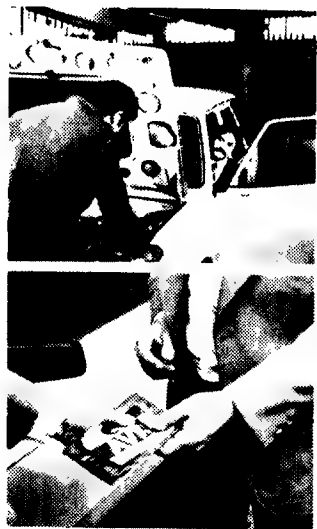
1.890.00 (Com 300 Kms Incluídos).
De 6.ª Feira às 12 H de 2.ª

2.200.00 (Com Quilometragem Ilimitada).

Dia comercial
450.00 (Com 50 Kms Incluídos).

Semana comercial
2.580.00 (Com 300 Kms Incluídos). De 2.ª a 6.ª Feira

Fim de Semana desportivo (Carrinhas/9 Lugares).
825.00 /Dia e 8500/Km.
4.300.00 (Com 300 Kms Incluídos). De 6.ª Feira até às 12 H. de 2.ª



Lá porque está sem carro, você não pode parar. Se o seu trabalho não se faz sem automóvel... Se este fim de semana gostava de apoiar a sua equipa, que joga fora de portas... Se quer viver os bons momentos que a vida dá, em plena liberdade de movimentos... Alugue na Avis, um bom carro para dias diferentes!

Avis aluga carros Opel

CENTROS DE RESERVAS
Lisboa 561177 / Porto 315947 / Faro 24538 / Funchal 25495 / P. Delgada 25200

Ter carro sem o comprar

Presidenciais nos EUA

Como funciona a mecânica eleitoral

Hoje, dia 4 de Novembro de 1980, os norte-americanos vão escolher um presidente pela 58.ª vez, na história dos Estados Unidos.

James Carter é o 23.º presidente a tentar a reeleição para um segundo mandato consecutivo e, se for eleito, será o 17.º a consegui-la.

Se for Ronald Reagan o vencedor, tornar-se-á o 40.º presidente dos Estados Unidos da América.

Carter é o 39.º na lista de presidentes, iniciada em 1789 por George Washington, que ocupou o cargo até 1797.

No entanto, apenas 38 pessoas foram até agora presidentes dos EUA, já que o democrata Grover Cleveland, presidente de 1885 a 1889 e de 1893 a 1897, conta como dois presidentes, em virtude de os seus mandatos não terem sido consecutivos.

Até hoje conseguiram a reeleição 16 presidentes, dos quais apenas um exerceu mais de dois mandatos.

Trata-se de Franklin Roosevelt, eleito quatro vezes consecutivas, vindo, no entanto, a falecer, com 63 anos, três meses

depois de iniciar o quarto mandato.

No total, F. Roosevelt permaneceu no cargo mais de doze anos.

O mais curto exercício das funções presidenciais foi o de Harrison, que morreu em 1841, exactamente um mês depois da sua tomada de posse.

Harrison ficou ainda na história dos Estados Unidos como o presidente que tomou posse com idade mais avançada — 68 anos.

O mais jovem presidente dos «states» foi Theodore Roosevelt, que tinha 42 anos, ao iniciar o seu mandato, em 1905.

John Fitzgerald Kennedy, que tomou posse com 43 anos, e foi assassinado aos 46, foi o presidente norte-americano com menor longevidade (1917/1963).

Por seu turno, John Adams, que exerceu o seu mandato de 1797 a 1801, foi o presidente que viveu mais tempo, pois morreu com 91 anos (1826).

Nove presidentes não completaram os seus mandatos. Oito falacaram durante o exercício do cargo, quatro dos quais assassinados (Lincoln em 1865, Garfield

em 1881, McKinley em 1901 e John Kennedy em 1963) e um renunciou à presidência (Richard Nixon, em 1964, em consequência do escândalo «Watergate»).

Além destes, mais de uma dezena de outros presidentes norte-americanos foram eleitos com menos de metade dos votos expressos, embora conseguindo maior votação que os seus rivais mais directos.

A possibilidade da eleição de candidatos menos votados que os seus concorrentes resulta do facto de a eleição final do presidente dos Estados Unidos ser feita por um Colégio Eleitoral de

538 membros, representando os diversos Estados da União, proporcionalmente à população respectiva.

O candidato que consiga mais votos num Estado, por menor que seja o seu avanço em relação ao segundo mais votado, assegura a totalidade dos votos correspondentes ao mesmo Estado no Colégio Eleitoral. Deste modo, a votação no Estado com maior número de votos no Colégio Eleitoral — a Califórnia, com 45 — ou o Estado de Nova Iorque

com 41, assume uma importância que pode ser decisiva, enquanto a votação nos seis Estados que apenas detêm três votos eleitorais se pode considerar secundária.

Muitos observadores políticos consideram que reside neste sistema eleitoral a principal razão da baixa participação do eleitorado norte-americano nas eleições presidenciais — entre 50 a 60 por cento.

Nos últimos 50 anos, a maior participação registou-se em 1960, com 62,8 por cento, e a menor em 1940, com 51,1 por cento.

Até agora, só um partido minoritário conseguiu que o seu candidato vencesse os concorrentes dos dois principais partidos da altura.

Isso aconteceu com o então recém-criado Partido Republicano, que em 1860, levou Abraham Lincoln à presidência, sendo aliás este o partido que mais membros viria a ter na presidência: 19.

Catorze presidentes, entre os quais o actual chefe da Casa Branca, pertenceram ao Partido Democrata, enquanto os Partidos Democrata-Republicano e «Whig» tiveram cada um três presidentes.

Os dois primeiros presidentes norte-americanos eram filiados no Partido Federalista, que não logrou voltar a eleger candidatos seus, enquanto o Partido Nacional-Republicano apenas uma vez fez eleger um seu candidato.

Nem sempre o presidente dos EUA foi o candidato mais votado.

Na verdade, o único presidente do Partido Nacional-Republicano, John Adams, obteve em 1825 apenas 108 740 votos, enquanto Jackson recolhia 153 544 sufrágios. Como nenhum dos dois reunia maioria no Colégio Eleitoral, a decisão coube à Câmara de Representantes, que escolheu Adams.

A situação repetiu-se com Rutherford Hayes, em 1877. Obteve 4 036 298 votos e 185 votos do Colégio Eleitoral, contra 4 300 590 votos do seu principal opositor, que valeram apenas 184 votos eleitorais.

Finalmente, em 1889, Benjamin Harrison, com 5 439 853 votos (233 votos eleitorais), foi eleito pela Câmara em detrimento do seu concorrente, que obteve maior número de votos em termos de sufrágio popular.

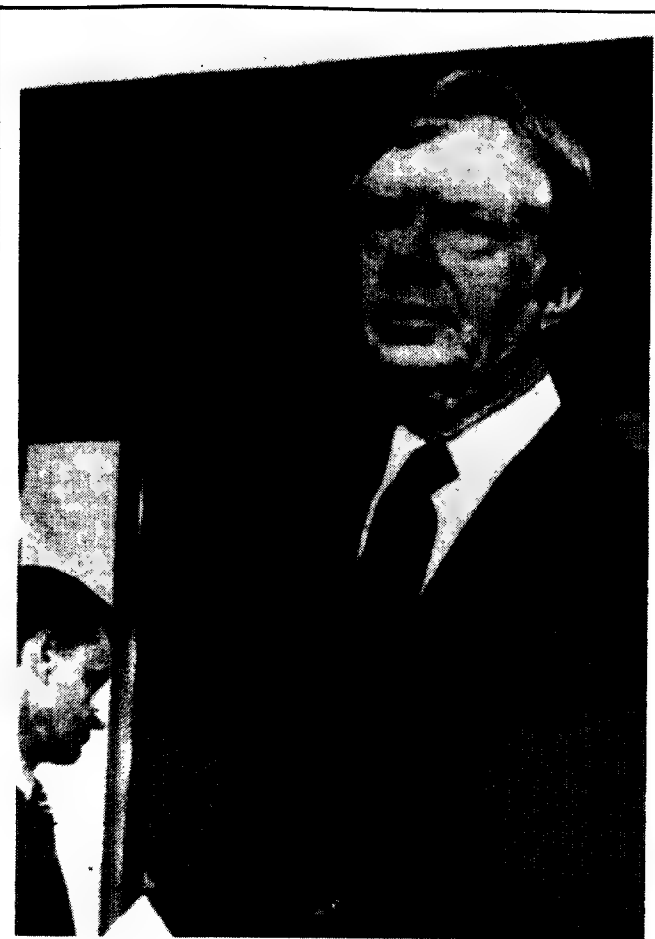
Nas eleições presidenciais que, de quatro em quatro anos, levam o povo norte-americano às urnas na terça-feira a seguir à primeira segunda-feira de Novembro, a influência dos pequenos partidos é tradicionalmente diminuta.

Actualmente, a disputa restringe-se aos candidatos propostos pelos Partidos Democrata e Republicano.

Em 1976, por exemplo, os candidatos democrata e republicano obtiveram em conjunto quase 80 milhões de votos, enquanto os onze candidatos de pequenos partidos apenas recolheram, no total, pouco mais de milhão de meio de sufrágios, quase metade dos quais foram para o antigo senador democrata Eugene McCarthy, apresentado pelo Partido Independente.

A este facto não será alheia a necessidade de dispor de grandes somas para entrar na corrida eleitoral com possibilidades de vitória.

Legalmente, cada candidato pode gastar até 34 milhões de dólares (cerca de 1700 milhões de escudos), dos quais 29,4 milhões provêm de ajuda federal e 4,6 milhões são fundos angariados pelo próprio partido.



Quem é Carter

O presidente James Carter não deixou nada entregue ao acaso para poder ser reeleito.

Mas permitiu que as cores da sua imagem de uma moralidade irrepreensível perdessem grande parte do brilho que possuíam ao ser levado ao poder em 1976.

O Baptista idealista eleito a seguir ao caso do «Watergate», denunciando então, de mistura, os políticos de Washington e a falta de moralidade da vida pública, não mudou apenas de temas eleitorais. Deixou transparecer, na sua luta contra Ronald Reagan, o que fora habilmente escondido em 1976: uma ambição política implacável e uma imensa vontade de poder.

Fisicamente, James Carter não é o mesmo. Os cabelos tornaram-se-lhe grisalhos, e a pele do rosto menos esticada. As crises que se viu obrigado a enfrentar nestes últimos meses, agravadas pelos seus próprios erros de Governo, fizeram-no envelhecer rapidamente.

Mas, embora o seu eterno sorriso «actualmente pare frequentemente antes de chegar aos olhos», segundo diz alguém do seu círculo, a verdade é que estes quatro anos de trabalho encarnado não o desgastaram. Dá até a impressão de se encontrar mais agüerrido, de compreender melhor a vida, a perfídia dos seus inimigos e os limites do seu próprio poder.

Se se esquecerem aos seus excessos em público contra Ronald Reagan, e os golpes baixos vibrados durante a sua campanha, um dos traços dominantes deste homem de 56 anos é hoje o de uma calma serenidade. James Carter, diz-se no seu círculo, está à vontade nas suas funções e domina agora a sua esmagadora responsabilidade.

A serenidade parece, até o ter invadido a religiosidade deste sudista, «nascido uma segunda vez» para a fé cristã, aos 44 anos de idade. A sua fé, em 1980, revelou-se unicamente num dos seus discursos da campanha eleitoral. Serve-se ocasionalmente dela para denunciar os que, como no círculo de Ronald Reagan, «querem definir pela lei quem é cristão e quem não o é, quem pode servir o país e quem não pode».

Nascido a 1 de Outubro de 1924 em Plains, na Georgia, localidade de 780 habitantes, James Carter é o mais velho de quatro irmãos. Recebeu os seus primeiros nomes do pai, James Earl, mas tornou-se muito cedo «Jimmy». Manteve o diminutivo. Os seus colaboradores mais antigos tratam-no por «mister», e sabem perfeitamente que o seu exterior de «homem como os outros» esconde uma alma solitária.

Tendo saído em 1946 da Escola Naval Americana, James Carter recorreu, constantemente, nesta campanha, às suas experiências passadas.

Cidadão do sul, em primeiro lugar, trabalhou no campo, logo a partir dos 5 anos. Franklin Roosevelt, diz ele, foi o seu primeiro herói político, embora na idade adulta tenha passado a referir-se mais frequentemente a Harry Truman. Recorre também, frequentemente, aos seus dez anos de carreira militar, para refutar os argumentos de que não compreende a necessidade de um Exército forte.

Quem é Reagan

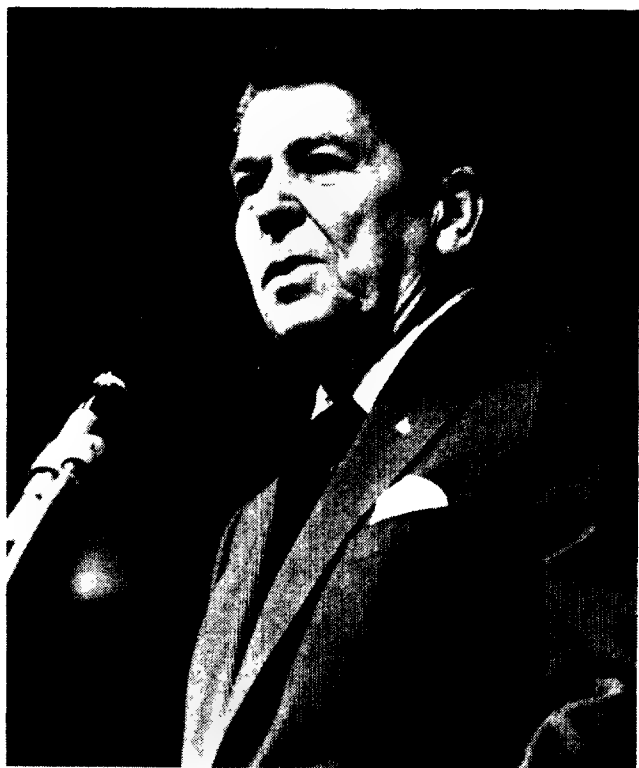
Após doze anos de esforços e duas tentativas vãs, o candidato republicano, Ronald Reagan, encontra-se este ano com a presidência dos Estados Unidos ao seu alcance, com suas ideias conservadoras de sempre, apresentadas agora com menos agressividade e mais moderação. Desde que deu os primeiros passos na política, no começo dos anos 50; em Hollywood, como presidente da «Guilde» dos actores de cinema, Ronald Reagan teve dois alvos principais de luta: «a infiltração comunista e o intervencionismo do governo federal».

O seu discurso de base, construído a partir de pequenas fichas resumidas que o acompanharam por toda a parte, desenvolvia um tema que não tem sofrido mudança desde que participou, em 1964, na campanha presidencial do seu amigo Barry Goldwater. Era o duma grande e maravilhosa América, «única ilha de liberdade no mundo».

Mas, no momento em que devia atrair a si os democratas e os independentes inquietos com as insuficiências de James Carter, evitou os improvisos demasiado percutantes e o tom demasiado radical. As suas posições quanto a segurança nacional e as mulheres, por exemplo tornaram-se de tal modo atenuadas, desde o início da campanha, que por vezes parecia ter feito marcha atrás.

O melhor trunfo de Ronald Reagan, durante a campanha, terá sido a televisão, que utilizou com a habilidade consumada que lhe deu o longo hábito do «écran».

Para servir melhor as câmaras, enfiou de boa vontade todos os blusões, todos os bonés e todos os fatos folclóricos que lhe foram apresentados durante a campanha eleitoral. Abriu as portas do seu rancho aos jornalistas, no vale de Santa Inês, perto de Santa Bárbara, na Califórnia, e deixou-se filmar, de tronco



nu, aos 69 anos, a trabalhar nas suas matas ou na sua vinha.

Fora da campanha, levava uma vida calma. É um homem que não fuma, bebe muito pouco, e passa a maior parte dos serões a ver televisão, ao lado da sua mulher Nancy, antiga actriz, como ele, a quem chamam prosaicamente «mamã».

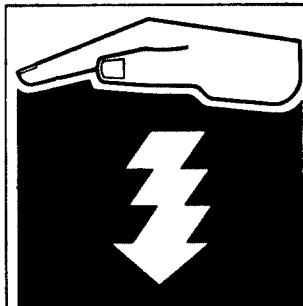
Uma boa parte da América identifica-se facilmente com este indivíduo, que teve uma infância difícil no Estado de Illinois, com um pai relativamente alcoólico e muitas vezes desempregado, e que partilhava, no tempo da grande depressão, as ideias generosas do «New Deal» do seu herói Franklin Roosevelt.

Os cinquenta filmes que rodou, entre os 27 e os 54 anos, não lhe deram a glória dum John Wayne, dum Humphrey Bogart ou dum Errol Flynn. Mas teve mesmo

assim milhões de «fans», sobretudo entre as mulheres.

Quando se lhe aponta a sua falta de experiência nacional e internacional, cita desenvolvimentos o seu êxito, durante oito anos, como governador da Califórnia, o maior Estado da União, que seria o sétimo país do mundo em produto bruto nacional. Os seus colaboradores de então recordam-se dele como dum «presidente do conselho de administração», árbitro entre os seus procuradores, mais do que chefe do Executivo.

No momento em que os seus detractores democratas trocam as suas ideias «simplistas» para o obrigar a responder aos problemas da América e do mundo, devolve-lhes a bola dizendo: «A verdade é que há realmente soluções simples, mas o que elas são é difíceis de empregar».



POUPE ELECTRICIDADE

PASSAGENS

AVIAO COMBOIO

BARCO PULLMAN

Preços das companhias

consulte-nos

agência abreu

LISBOA — Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341

Presidenciais nos EUA

Resultado pode depender dos indecisos

Os cidadãos americanos escolhem hoje o homem que será o maior responsável pelos destinos dos Estados Unidos, e (com alguma redundância), pelo futuro do «mundo ocidental».

Além da eleição presidencial, os eleitores — teoricamente 160 milhões, dos quais 115 milhões de inscritos — deverão decidir da sorte de 34 senadores (em 100), de 13 governadores, de renovar inteiramente a Câmara dos Representantes, de escolher a maior parte dos administradores dos Estados e dos distritos, de se pronunciarem sobre um número considerável de projectos de lei locais.

A consulta principiou logo depois da meia-noite para os eleitores de Dixville, no New Hampshire, na extremidade oriental do país, e só terminará, à mesma hora, nas regiões das Ilhas Aleutas, no Alasca.

Até ao último minuto da campanha, os três principais candidatos, o presidente em exercício, James Carter, o candidato do Partido Republicano, Ronald Reagan, e o independente John Anderson esforçaram-se por convencer o eleitorado hesitante, que todos os analistas consideram determinante para a eleição.

No fim do que todos os observadores concordam em classificar como sendo a campanha mais dura e mais longa do século, os institutos de sondagem, quer oficiais, quer «piratas», não conseguiram determinar um nítido distanciamento entre Ronald Reagan e James Carter, embora mantenham um ligeiríssimo avanço para o primeiro.

Quanto ao independente John Anderson, a sua queda é evi-

dente. Há quatro meses, detinha cerca de 20 por cento das intenções de voto. Há poucos dias, as sondagens davam-lhe menos de dez por cento.

A sua candidatura não representa já qualquer perigo para os dois favoritos: Carter e Reagan.

Estes vão bater-se até às últimas horas por um punhado de Estados do Middlewest, que determinarão a eleição, a não haver um golpe espectacular, a nível de política externa: por exemplo a eventual libertação dos reféns americanos na capital iraniana.

De facto, não se ganha pelo número de votos totais, mas pelos votos concedidos a cada um dos Estados, proporcionalmente à sua população. O candidato que vencer num Estado, arrebatou todos os seus votos eleitorais.

Mas, para isso, terá de ser contado o voto da massa hesitante, que oscila entre Reagan e Carter, e pesa nas variações importantes das sondagens.

Dois elementos serão determinantes para a eleição de um ou de outro dos candidatos: a questão dos reféns, cuja sombra pairou sobre toda a campanha e o que os analistas classificaram de «volatilidade» do eleitorado.

O presidente Carter, que não conseguiu tirar todo o proveito que parecia esperar da decisão do Parlamento iraniano de domingo passado, poderá ainda ser favorecido por um «gesto» de Teerão, de última hora.

Finalmente, uma grande maioria de cidadãos norte-americanos mostrou-se desinteressada dos dois principais candidatos, censurando-os por apresentarem programas seme-



Os norte-americanos entre Carter e Reagan: a difícil escolha do melhor. (foto Keystone)

lhantes. Os eleitores mudaram muitas vezes de opinião entre Reagan e Carter, no decurso das últimas semanas, o que confere um carácter de particular dureza e expectativa a esta campanha. Expectativa que poderá durar até à última hora.

No fim da campanha

James Carter terminou a sua campanha eleitoral com um

apelo aos democratas dissidentes, para que regressem às fileiras do Partido e assegurem assim a sua reeleição.

Dirigindo-se aos democratas que ainda pensam em votar no independente Anderson, para que reconsiderem, Carter reconheceu a existência de «diferenças» no Partido Democrata. Mas frisou que, «em muitas questões importantes», os pontos de vista

«são muito próximos».

Pondo de lado a questão dos reféns, o chefe do Executivo norte-americano expressou a opinião de que «os republicanos não baterão os democratas». Mas acrescentou: «Podemos, no entanto, bater-nos a nós próprios, sendo a baixa afliência às urnas, por parte das famílias trabalhadoras, dos agricultores e dos menos favorecidos, a única coisa capaz de nos afectar». (O temor da abstenção).

A questão dos reféns só ligeiramente assomou no último discurso de Reagan. Este limitou-se a dizer, quanto ao assunto, que esperava uma solução rápida, adiando que a campanha eleitoral não era o espaço indicado para o discutir.

Já em relação ao seu rival, Carter, as críticas sucederam-se: «Mais do que um presidente que falhou, temos um presidente que recusa admitir que a sua política tenha a ver com esses fracassos».

A campanha eleitoral de Reagan foi sobretudo dirigida aos eleitores que tradicionalmente votam no Partido Democrata, no sentido de eles mudarem o sentido de voto. Reagan argumentou insistentemente que Carter

os iludira em sectores que vão da defesa nacional à economia. Manifestou-se, mais uma vez, convencido da sua vitória, embora acrescentando que, se perder, isso não o destruirá como pessoa.

Por sua vez, John Anderson, apostou na humildade. Admitiu, ontem, pela primeira vez, que «havia a possibilidade de não vencer».

Acrescentou, porém, a convicção de que a sua «ida até ao fim» terá impacto na política dos Estados Unidos, para além da eleição, e independentemente dos resultados.

Portorriquenhos: uma eleição diferente

Foram dominados à noite pela Polícia os oito portorriquenhos que invadiram os escritórios da campanha de Ronald Reagan, em São Francisco.

A senhora Nancy Reagan, esposa do candidato republicano, encontrava-se no local no momento do ataque, mas conseguiu fugir a tempo.

Por outro lado, em Los Angeles, outro grupo de portorriquenhos continuava a ocupar os escritórios da campanha de James Carter.

El Salvador: membro da Junta escapou a atentado

Um membro da Junta Governativa de El Salvador escapou ontem a um atentado perpetrado por activistas da extrema-direita.

Os extremistas, que dispararam contra o comboio de veículos militares onde seguiu o dirigente salvadoreño, coronel Adolfo Mejano, falharam o alvo

específico, mas ocasionaram a morte de vinte soldados que viajaram num camião.

Simultaneamente, guerrilheiros de extrema-esquerda assaltaram e ocuparam uma povoação de três mil habitantes situada ao norte de São Salvador.

Em outras acções, os activistas ocuparam nomeadamente

um total de sete emissoras de Rádio do país.

Rumores de golpe

O atentado de que ontem de manhã foi alvo o coronel Majano, foi precedido de rumores sobre um iminente golpe de Estado em El Salvador.

Fontes de São Salvador que

preferiram não se identificar avisaram na semana passada correspondentes estrangeiros sobre um próximo golpe contra a Junta, visando especialmente o coronel Majano.

O golpe deveria ser levado à prática logo que fossem conhecidos os resultados das eleições presidenciais norte-americanas.

ESPECTACULAR EXPLOSÃO DE OFERTAS

JOFRAMA

GUERRA AO FRIO, GRIPE E CONSTIPAÇÕES

100.000 JOGOS DE FLANELA • 100.000 COBERTORES

MILHARES DE PIJAMAS - PULOVERES - CALÇAS - CAMISAS - ETC... ETC...

TUDO DA MELHOR QUALIDADE A PREÇOS LOUCOS!!!

JOGOS FLANELA
ESTAMP. C/ 2,
2 LENÇÓIS
2 ALMOFADAS

1.295\$

IDEM - 1,6

995\$

JOGOS CAMA, 2x2,8
ESTAMPADOS
PADRÕES ITALIANOS
2 LENÇÓIS
2 ALMOFADAS

1.395\$

COBERTOR GIGANTE
VELUDO
SUPER QUALIDADE

995\$

COBERTOR VELUDO
PARA CASAL

795\$

COBERTOR VELUDO
CORPO E 1/2
QUALIDADE SUPER

695\$

PIJAMA TURCO
PARA CRIANÇA

255\$

IDEM FELPA
ESTAMPADA

235\$

PIJAMA TURCO
SENHORA

450\$

IDEM HOMEM

450\$

CALÇAS LÃ
HOMEM
LOTE DA KISPO

695\$

PULOVERES
UNISSEXO

265\$

GRANDE
LOTE
PEÚGAS
LÃ

59\$

OFERTA ESPECIAL
SOMBRINHAS E CHAPÉUS
LISOS E ESTAMPADOS

375\$

WISEU

ÉVORA

LISBOA

AVEIRO

FAMALICÃO

LARGO DA GRAÇA 14
RUA: DE S. BENTO 51

RUA: DOS FANQUEIROS - 226
RUA: DA MADALENA - 209
RUA: JOÃO DAS REGRAS - 4-B

Os reféns americanos foram detidos há um ano

Libertação só daqui a dias Gigantesca "manif" em Teerão

A libertação dos reféns americanos não ocorrerá antes de uns dez dias pelo menos, disse o embaixador da Alemanha Federal no Irão, Gerhard Ritzel, numa entrevista dada telefonicamente ao jornal de Berlim-Oeste «Der Abend» e publicado hoje.

Segundo Ritzel, nenhuma indicação permite dizer em que data os reféns serão entregues à Argélia. O resultado das eleições americanas, afirmou ainda, não foi em nenhum momento um elemento de negociação entre Washington e Teerão. Ritzel indicou também que os estudantes islâmicos remeteram a responsabilidade dos reféns ao Governo iraniano por instruções do imã Khomeiny. Por outro lado, declarou que os estudantes foram enviados para a frente iraco-iraniana pelo Governo, e que o lugar de detenção dos 52 reféns americanos continua a ser desconhecido.

Recorde-se que Ritzel esteve presente, junto do embaixador da Suíça em Teerão, quando foi decidido que a Argélia receberia os reféns.

Entretanto, várias dezenas de milhares de pessoas, entre os quais muitos alunos liceais, começaram a convergir hoje de manhã para a ex-Embaixada americana em Teerão, no interior da qual está previsto uma grande «cerimónia» pública organizada pelos «estudantes islâmicos» sequestradores dos 52 americanos reféns.

Muitos cortejos de alunos, rapazes e raparigas trajando roupa azul, chegaram próximo do que esses «estudantes islâmicos» designam por «ninho de espíões», gritando: «Um, dois, três mártires». Nas primeiras bandeiras figurava a palavra de ordem: «Por toda a parte no mundo há combates entre exploradores e explorados, e nós também participamos neles».

Originalmente a manifestação

foi convocada pelas autoridades para celebrar os aniversários da partida no exílio do imã Khomeiny em 1963, do massacre da universidade de Teerão, em 1978 e o sequestro dos reféns no ano passado.

Vários milhares de pessoas já penetraram hoje de manhã pouco depois das 8h00 tmG, no interior da antiga Embaixada americana em Teerão, onde estão interditos ao público as imediações de seis pequenos pavilhões de habitação.

«Não há reféns no interior», declarou um dos estudantes islâmicos impedindo a multidão de se aproximar das seis casas amarelas, com as janelas tapadas com papéis.

No exterior da Embaixada, várias centenas de milhares de pessoas chegaram e tentaram com dificuldade penetrar.

No recinto do «ninho de espíões», vários milhares de manifestantes já se sentaram no grande relvado, junto à tribuna atrás da qual foi desenrolada uma imensa bandeira proclamando: «Morte à América».

Um primeiro discurso foi pronunciado pelo Hojatolislam Mussavi Khomeini, vice-presidente do «Majlis» e representante do imã junto dos «estudantes islâmicos». O primeiro-ministro Mohammad Ali Radjai deve em seguida discursar. A circulação no bairro da ex-Embaixada está totalmente bloqueada. Dois helicópteros largaram panfletos sobre a multidão.

Por outro lado, o imã Khomeiny decidiu que as instalações do «ninho de espíões» não serão mais a Embaixada dos Estados Unidos», afirmam os «estudantes islâmicos», numa entrevista difundida hoje de manhã pelo diário «Azadegan».

«A decisão quanto à nova utilização deste local será da responsabilidade do Majlis», acrescentaram os «estudantes».

A guerra

As tropas iranianas desencadearam uma forte contra-ofensiva na zona da frente central, informaram segunda-feira fontes diplomáticas na capital do Iraque.

As fontes não precisaram o tipo de combates que se desenrolam, mas tudo parece indicar que o exército iraniano procura reconquistar a cidade de Was-e-Shirin, que foi ocupada pelo Iraque na primeira semana da guerra.

No princípio do conflito, o exército iraquiano ocupou muito facilmente, segundo todos os indícios, a mencionada cidade e chegou a penetrar quase cinquenta quilómetros em território iraniano na zona central da frente.

Depois disso registou-se muito pouca actividade militar naquela zona, até à contra-ofensiva de agora, que, de acordo com as fontes citadas, se iniciou em 31 de Outubro.

O objectivo desta contra-ofensiva seria o de obrigar o exército iraquiano a retirar forças da frente sul, onde o Irão estaria a registar grandes derrotas.

Nos círculos diplomáticos de Bagdad calcula-se que a contra-ofensiva citada terá já causado umas quatrocentas baixas.

As mesmas fontes assinalam que, de acordo com os cálculos não oficiais mas viáveis, o Iraque já sofreu cerca de cinco mil baixas desde o princípio da guerra, enquanto o Irão terá perdido o dobro.

Por sua vez o Iraque lançou este fim-de-semana um novo ataque contra Abadan, o último ponto forte do Irão no canal de Chatt-el-Arab e fonte de 60 por cento do seu petróleo refinado.

Um comunicado militar de Bagdad referiu que os soldados iraquianos lançaram no domingo

uma ponte móvel ao longo do rio Bahmanshir, numa tentativa de destruir as defesas de Abadan no subúrbio de Zofaqar, na parte oriental da cidade.

O Irão indicou que os heróicos defensores de Abadan impediram o inimigo de penetrar na cidade e mataram duzentos soldados iraquianos.

A rádio Teerão admitiu que as defesas sofreram pesadas baixas e danos consideráveis durante os últimos dois dias.

A rádio Teerão informou que combates intensos estão a ter lugar perto da cidade fronteiriça iraniana de Mehran, 385 quilómetros a norte de Abadan, tendo sido mortos muitos iraquianos e destruídas quantidades consideráveis de armamento do inimigo.

Contra os AWACS na Arábia Saudita

Uma Conferência Internacional sobre Segurança no Golfo Pérsico pediu aos Estados Unidos a retirada dos aviões de reconhecimento (AWACS) da Arábia Saudita, confirmou segunda-feira, em Paris, uma fonte do Comité Organizador, contactada pela EFE.

A reunião realizou-se na ilha de Chipre, com a presença de representantes dos países árabes e movimentos políticos europeus e latino-americanos.

O conflito entre o Irão e o Iraque, foi o tema que se impôs durante as sessões desta Conferência de Solidariedade, tendo sido nomeada uma comissão pacificadora para visitar as duas capitais em guerra: Bagdad e Teerão.

Sobre o tema dos reféns, os assistentes à Conferência evitaram pronunciar-se, ainda que no comunicado final seja evidente a tendência pró-iraniana no que respeita aos problemas com os Estados Unidos.

Três polícias e um civil mortos no País Basco

Morreram ontem à noite três guardas civis e uma quarta pessoa vítimas de atentado cometido num bar da cidade basca de Zarauz, na Guipuzcoa.

Os atacantes, armados de metralhadoras, atacaram o bar disparando sobre os três guardas civis, que tinham o hábito de vir comer ao estabelecimento. No tiroteio, foi morto também um civil.

Desde o princípio do ano, eleva-se já a 116 o número de vítimas dos actos terroristas em Espanha. Entre elas, contam-se 51 polícias.

Sels direitistas presos

A Polícia deteve seis extremistas de direita incluindo dois guardas civis e um inspector da Polícia, em relação com um ata-

que a tiro de que foi vítima, n domingo, um estudante basco.

Os médicos disseram que o estudante, Juan Miguel Giraldez se encontrava relativamente bem, depois de ter sido ferido numa perna. O ataque foi atribuído a direitistas não identificados, que protestavam contra a proibição de uma reunião do partido franquista «Força Nova» em Vitória, sede do novo governo regional basco.

O Governo civil de Alava disse que a Polícia confiscara duas pistolas de 9mm, três cintos de munições, uma faca e um chicote aos seis extremistas detidos.

Fontes policiais citadas pela EFE acrescentaram que uma metralhadora e um certo número de granadas de mão tinham sido igualmente confiscadas.

Itália

Partido Radical tem novo secretário-geral

O congresso do Partido Radical italiano elegeu, na noite passada, como secretário-geral, um objectivo de consciência de 26 anos, Francesco Rutelli, na sequência do malogro da candidatura do deputado Marco Pannella.

Este pediu a demissão, no domingo, do seu mandato de deputado do Parlamento italiano, na esperança de se tornar secretário-geral.

Com 12 deputados, o Partido Radical Italiano é presidido por um francês, Jean Fabre, e apresenta-se como um pequeno partido libertário cuja audiência ultrapassa bastante a sua importância numérica (3,5 por cento do eleitorado). Tem-se destacado na luta em defesa do aborto, do divórcio e das minorias sociais.

Marte

Teve rios mas não canais

Existem realmente «canais» em Marte, mas trata-se de cursos de água naturais, segundo um geólogo americano que estudou demoradamente as fotografias do planeta tiradas a partir de 1976 pelas sondas espaciais americanas «viking» e cujas conclusões foram ontem publicadas.

Este geólogo, o dr. Dag Nummedal, da universidade estatal da Luisiana, detectou nas fotografias imagens dos leitos secos de milhares de pequenos cursos de água que correram, pensa ele na superfície de Marte desde há 3000 milhões até há 100 milhões de anos. O dr. Nummedal encontrou igualmente vestígios de uma dúzia de cursos de água de grandes dimensões. Segundo o dr. Nummedal, tais cursos de água tive-

ram por origem a fusão brutal, devido a causas vulcânicas, do gelo que contém o solo de Marte.

A sua idade foi avaliada em função do número de crateras criadas por impactos de meteoritos e que cobriram parcialmente os leitos secos desses cursos de água.

As sondas Viking não encontraram em Marte nenhum indicio conclusivo da presença de água. O planeta, quase desprovido de atmosfera, apresenta-se totalmente árido. Mas no século XIX e no começo do século XX, devido à imprecisão das observações feitas através dos telescópios, acreditou-se muito tempo na existência em Marte duma geografia e complicada rede de «canais», havendo quem julgasse de origem artificial.

Fascismo de novo...

Dois homens armados atacaram a tiro, esta madrugada, uma escola de crianças judias em Paris. Os autores do atentado dispararam de dentro de um automóvel e não fizeram feridos. Foram encontrados vários impactos de balas nas paredes do edifício.

Recorde-se que em 26 de Setembro se registaram, também em Paris, ataques fascistas contra uma sina-

goga, uma creche, uma escola e um monumento judeu. Em 3 de Outubro explodiu uma bomba diante da sinagoga da Rua Copernic, na capital francesa, fazendo quatro mortos (entre os quais um português) e nove feridos. No dia seguinte a este atentado centenas de milhares de pessoas manifestaram-se em toda a França contra o ressurgimento do fascismo e do anti-semitismo.

Adiado o julgamento do «Bando dos Quatro»

O julgamento do «Bando dos Quatro» parece ter sido adiado por complicações prévias e por a principal ré se recusar alegadamente a cooperar.

Segundo fontes diplomáticas, o adiamento parece ter sido causado pela insistência da viúva de Mao Tse-Tung, Chiang Ching, em culpar o falecido presidente e

o seu sucessor, Hua Guofeng, pelos crimes de que é acusada.

As mesmas fontes referem que sectores militares estariam renitentes e poriam objecções a que sejam aplicadas penas demasiado pesadas no julgamento, que decorrerá paralelamente, de seis companheiros do falecido ministro Lin Biao.

Confirmada a pena de morte contra Jim Dae Jung

O Tribunal Militar de Recurso de Seul confirmou a sentença de morte contra Kim Dae-Jung, líder da oposição sul-coreana, cuja sorte depende agora do Supremo Tribunal, o qual se deve automaticamente pronunciar sobre o recurso. Competirá, no último caso, ao presidente sul-coreano, Chun Doo Hwan, utilizar o seu direito de clemência.

O Tribunal Militar confirmou assim a sentença de morte contra o antigo opositor, acusado de actividades hostis ao Estado e de conspiração para derrubar o Governo.

Os observadores consideram que a sentença não será anulada pelo Supremo e a questão que põem é a de saber se o presidente Chun amnistiará Kim ou se comutará a pena, como lhe permite a Constituição.

A sentença do Tribunal Militar surgiu três dias depois de Kim e os seus 23 co-réus terem recusado apresentar um protesto contra o que qualificam de «julgamento injusto». Durante todo o julgamento, Kim negou todas as acusações de que foi alvo, declarando apenas ter servido a democracia.

O Tribunal Militar também re-

jeitou os recursos da maior parte dos co-réus e confirmou as suas condenações que vão desde 2 anos até 22 anos de prisão. Reduziu de 20 para 15 anos de prisão a pena infligida ao reverendo Moon Ik Kwan, e três outros co-réus viram as suas penas comutadas em prisão com pena suspensa.

Kim foi preso a 17 de Maio por tentativa de conspiração e várias outras acusações, quando foi instaurada a lei marcial que provocou a insurreição sangrenta em Kwangju, na província do Sul.

Entretanto, o Japão convocou o embaixador sul-coreano, a quem apresentou um protesto pela condenação à morte do líder opositorista Kim Dae-Jung. Já após a primeira sentença de morte contra Kim, o Governo nipónico advertiu Seul de «consequências» nas relações bilaterais caso fosse determinada a sua execução.

«Espíões»

Forças sul-coreanas abataram dois agentes de espionagem norte-coreanos num tiroteio travado na ilha de Hwaeng-Gan, anunciou em Seul o comando das operações de contra-

espionagem.

Um civil sul-coreano foi morto e cinco outros — dois polícias e três civis — sofreram ferimentos no incidente.

Entretanto, forças da Polícia e

do Exército prosseguiram buscas para encontrar um terceiro agente da Coreia do Norte na ilha, situada a 360 quilómetros a sul de Seul — acrescentou o comando.

Israel

Mais três notáveis palestinos em residência fixa

Abdel Ghanem, membro do conselho municipal de Naplusa, na Cisjordânia, foi condenado a residência fixa, durante seis meses pelas autoridades militares israelitas, indicaram ontem fontes palestinas.

Ghanem, que é também secretário-geral dos sindicatos palestinos da Cisjordânia, foi condenado «pelas suas actividades, consideradas incompatíveis com a segurança do Estado de Israel», precisa a mesma fonte.

Ghanem deverá apresentar-se uma vez por semana no gabi-

nete do governador militar israelita de Naplusa para verificação de identidade.

Além de Abdel Ghanem, foram também colocados em residência fixa dois outros responsáveis palestinos da Cisjordânia ocupada. Um deles é Azmi Chehbi, antigo conselheiro municipal de El-Bireh, e o outro é o presidente da câmara da Kabatiya.

Há algumas semanas, três chefes de redacção de jornais palestinos publicados em Jerusalém foram atingidos pela mesma medida.

PUB

4.º MÊS **ADOQUE** **4.º MÊS**

TELEF. 67 44 76

CHIÇAL...

-Este é o Rom. Governo de Portugal!

(N/A.C. MEN. 18 ANOS)



MONTEZ
e **NICHOLSON**
IRRESISTÍVEIS

ATENÇÃO

NOVO HORÁRIO
2.º, 3.º e 5.º
21 h

6.º e SÁBADOS
20.30 e 22.45 h

DOMINGOS
16 e 21.30 h



ERMELINDA
NOTÁVEL

Uma história deveras romântica...

Ele é rico,
poderoso...
e adora-me



QUERES OU NÃO QUERES

Uma comédia esmagadora!

ALI MACGRAW - ALAN KING - "JUST TELL ME WHAT YOU WANT"

PETER WELTER - MYRNA LOY - DINA MURRIE - KEENAN WYNN - TONY ROBERTS

musica CHARLES STROUSE - argumento JAY PRESSON ALLEN & SIDNEY LUTMEI

realização SIDNEY LUTMEI

4.ª SEMANA SATELITE

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

NO TEATRO "A COMUNA"

IO APOLLONI



viver mulher

ESPECTÁCULO MUSICAL

Io Apolloni: Teresa Paula Brito
Flápe G dos Santos

Diariamente às 22H — Sáb. às 21 e 23 horas — Domingos — às 16 e 22 horas.

na **SPA** Subs. SEC

É MENINO? OU MENINA?

MARIA DO C EU GUERRA
ORLANDO COSTA

3.ª a Dom: 21h45
Dom também 16H
T. 686300

Textos: GIL VICENTE
dramaturgia e encenação
HELDER COSTA
musica ORLANDO COSTA

A BARRACA

Sociedade Portuguesa Autores

Av. Duque Loulé, 31

Tells.: 57 83 20 e 68 63 00

SÓ ATÉ DIA 6

FÉRIAS 81

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE
VISITE-NOS E FAÇA A SUA ENCOMENDA
S/MAIS ENCARGOS PARA 1981.

CARAVANAS C. M.

ATRELADOS TROIA — MIRA — ALVOR
— E OUTRAS NOVIDADES —

Luarcampo Ldª.

Rua Quinta das Lavadeiras, Lote 2
TELEFONE 797300
(Ao fim da Estrada do Desvio) Lumiar 1700 LISBOA

O REGRESSO DUM ÊXITO! INESQUECÍVEL!!!

deslumbrante! soberbo! explosivo!!

HAIR...um encanto permanente...
HAIR...uma festa para os olhos, para os ouvidos, para o coração, um êxito total...
HAIR...inteligente, divertido...
HAIR...uma obra-prima...
HAIR...um triunfo...
HAIR...o melhor musical desde "west side story"...
HAIR...transporta-o para o sonho...

JEFFREY LYONS, c.b.b. radio
ROBERT CHAZAL (franco soir)
FRANÇOISE SCHULL (laureate)
FRANÇOIS MAURIN (l'humanité)
MICHEL SPIRITELLA (le nouvel observateur)
DAVID ROSENBAUM (boston herald)
BRUCE WILLIAMSON (playboy)

HAIR

Let the sun shine in!

COPIA NOVA

LESTER PERSKY - MICHAEL BUTLER
MILLOS JOHNSON - RAGN. RADO - MacDERMOT'S "HANK"
JOHN SWAGE - TREAT WILLIAMS - BEVERLY D'ANGELO - ANNE GOLDEN - DORSEY WRIGHT - DON DACUS
CHERYL ARNE - MELBA MOORE - NORMIE DYSON - GERARD RAGN - JAMES RAGO
GALT MACVERRY - TOM PIERSON - ROBERT GREENWAT

SATISFAZENDO MUITOS MILHARES DE PEDIDOS A PARTIR DE 5.ª FEIRA ÀS 21.30 NO

SÃO JORGE

INTERITO A MENORES DE 13 ANOS

UMA COMÉDIA GENIAL DIVERTIDA E ORIGINAL!



"Alguém Lá em Cima Gosta de Mim"

"OH, GOD!"



Uma Produção de JERRY WEINTRAUB

GEORGE BURNS - JOHN DENVER - "OH, GOD!" - TERI GARR - DONALD PLEASANCE

Baseado no Romance de AVERY CORMAN - Argumento de LARRY GELBART

Produção de JERRY WEINTRAUB - Realização de CARL REINER

4.ª SEMANA no

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE ÀS 21.30 H.

"JARDIM ZOOLÓGICO DE CRISTAL"

de TENNESSEE WILLIAMS

— prêmio da crítica de Nova Iorque —

com FERNANDA ALVES, LUZ FRANCO, IGOE SAMPAJO e CARLOS DANIEL

Cenário de PAULO-GUILHERME

Figurinos de MELO FRAZÃO

Música de CÉSAR BATALHA

Encenação de **JACINTO RAMOS**

A acção passa-se em Saint-Louis, E.U.A., nos anos 30

Preços de 80\$00 (3.ª balcão) a 150\$00 (plateia) Redução de 50% a estudantes e a Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas

Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos - Bilheteira abre às 13.00 H. Telef. 32.22

SABADO ÀS 16 E 21.30 H. • DOMINGO SÓ MATINEE ÀS 16 H.

10º CASCAIS JAZZ

FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS 80

PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS

6.ª feira, 7 de Novembro 21.30 h.

• SEXTETO YATRA JAZZ • DIDIER LOCKWOOD/HENRI TEXIER
• QUINTETO DE DIZZY GILLESPIE JAMES MOODY

Sabado, 8 de Novembro 21.30 h

• QUARTETO DE RAO KYAO MIKE CARR
• QUINTETO DE BILLY HARPER • QUARTETO DE CEDAR WALTON

Domingo, 9 de Novembro 16.00 h.

• TRIO DE CHARLES LOOS • QUARTETO DE JOHN ABERCROMBIE
• QUARTETO DE PHIL WOODS

BILHETES - Preço único - Plateia, Bancada 40C\$00

ATENÇÃO 50% DESCONTO ESPECIAL 10º ANIVERSÁRIO

a menores de 18 anos na compra antecipada, até ao dia 5 de Novembro inclusive

LOCAIS DE VENDA:

LISBOA — Agências de espectáculos habituais
• Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada.95
• Av. de Roma 49-C

CASCAIS — Iyraná Gailleu
informação: **CASCAIS JAZZ** - Telef. 80.42.43.2

colaboração **APARTHOTEL EQUADOR CASCAIS**

A "Taça Olímpica" e o Ginásio Clube Português

Juan António Samaranch, o recém-nomeado presidente do Comité Olímpico Internacional (COI), deverá vir a Portugal, a convite do Ginásio Clube Português, em Março do próximo ano, a fim de proceder à entrega solene àquele clube da Taça Olímpica, o mais alto galardão atribuído ao nosso País no âmbito desportivo.

Na origem da atribuição da Taça Olímpica a uma colectividade como o Ginásio Clube (centenário na promoção da ginástica) esteve uma proposta do Comité Olímpico Português, sendo já voz corrente nos últimos Jogos Olímpicos de Moscovo que o troféu viria para Portugal, o que efectivamente aconteceria.

Fundamentando a escolha do GCP para receber tão importante distinção, o COI refere na última edição da «Révue Olympique»: «A Taça Olímpica atribuída anualmente após a sua instituição em 1906 por Pierre de Coubertin, vem recomendar em 1980 o Ginásio Clube Português, de acordo com recomendação do Comité Olímpico Português. Após a sua fundação em 1875, o Ginásio Clube Português, não cessou de promover o desporto olímpico em Portugal. Na origem do desenvolvimento da ginástica e de numerosas outras disciplinas desportivas no País, juntou um papel preponderante no estudo e introdução de novas técnicas nos domínios da educação física.

Numerosos membros do clube, cuja actividade se limita aos desportos insertos no programa olímpico, participaram nos diferentes Jogos Olímpicos. Por outro lado, o clube formou número elevado de campeões nacionais. Em 1951, o Ginásio Clube Português foi o primeiro recipiendário da «Taça Thomas Fearnley» que pretendia recompensar as associações ou clubes desportivos com contribuição meritória para a causa do Movimento Olímpico. Desde sempre o clube, que agrupa exclusivamente equipas amadoras, esforçou-se por alargar as actividades desenvolvidas e melhorar as instalações de que dispõe. Várias recompensas e distinções nacionais vieram já distinguir e honrar o justo valor dos esforços desenvolvidos por esta colectividade. Desejamos que a atribuição da Taça Olímpica incitará esta agremiação desportiva, única no seu género, a prosseguir a sua acção como um dos bastiões essenciais da defesa do Ideal Olímpico em Portugal.

Acrescente-se, para a história do troféu, que o mesmo foi entregue pela primeira vez a um clube em 1906, tendo daí até esta data contemplado algumas das mais prestigiadas e conhecidas agremiações desportivas do mundo inteiro.

Mais do que o GCP está de parabéns o desporto nacional e com ele todas as colectividades que têm dado o seu contributo especial às chamadas modalidades olímpicas. Inserindo-se precisamente neste espírito a direcção do Sporting Clube de Portugal esteve no GCP congratulando-se e felicitando aquele clube pelo troféu recebido. Na ocasião, João Rocha, que chefiava a delegação leonina, lamentou que dada a sua dimensão, esta honrosa distribuição do COI a uma colectividade portuguesa tivesse passado quase despercebida. João Rocha congratulou-se também por ter sido o Sporting a primeira entidade a felicitar o Ginásio Clube Português.

Benfica-Malmoe Chalana quase de certeza num "onze" que ainda é surpresa

Lajos Baroti deverá escolher apenas hoje o lote dos jogadores de onde sairá o conjunto que amanhã enfrentará os suecos do Malmoe em jogo a contar para a Taça dos Vencedores das Taças. Uma (quase) certeza para já: Chalana deverá alinhar pelo menos na primeira parte contra o Malmoe, o que irá trazer maiores dores de cabeça para os suecos que no primeiro jogo se «livraram» do excelente jogador «encarnado».

Chalana apresenta-se como uma das pedras importantes para que o Benfica marque os dois golos que necessita para se qualificar para a próxima eliminação o que segundo mesmo alguns «analistas» suecos não é difícil, tanto mais que o Malmoe fez no primeiro jogo uma exibição que parece estar além do seu real valor. Mesmo jogando em casa e frente a uma equipa que virá certamente mais a pensar defender o escasso resul-

tado de uma bola obtida na Suécia, o Benfica tem de conseguir encontrar a estrada para a baliza adversária se não quer ter surpresas. Atendendo a exibições anteriores do líder actual da Primeira Divisão pensamos que a dificuldade tantas vezes observada do ataque benfiquista em concretizar com golos as suas jogadas ofensivas poderá ser o principal entrave à resolução da partida.

Pondo de parte a reserva an-

terior, a noite europeia da Luz está sem dúvida à mão do Benfica, assim a equipa se apresenta à altura de um jogo de cre-

veia internacional, praticando um futebol que seja a antítese de que aconteceu com o Académico de Viseu (no passado domingo) e em que as jogadas rápidas

primem sobre o jogo mole frente à grande área adversária, recheado de fintas e fintinhas que não levam a nada.

Boavista-Sochaux

"Não poderá haver descuidos"

O técnico «axadrezado» recusou-se a adiantar a provável formação para o jogo com o Sochaux, dizendo que guardava essa informação para depois do último treino, a realizar esta tarde. Tudo indica, porém, que o «onze» inicial será o mesmo que defrontou o Sporting, isto é, Matos, Queiró, Adão, Artur e Cacheira, na defesa; Barbosa, Eli-seu e Aylton, no «miolo»; e Júlio, Folha e Palhares, na frente, podendo este último reforçar, também, o meio-campo.

Mercê do resultado (2-2), obtido no jogo da primeira mão, no campo do adversário, no seio da turma boavistense reina um certo optimismo, embora todos reconheçam que esta equipa é, sem dúvida, muito superior à do Vasas de Budapeste. Nesta conformidade e como dizia o técnico António Teixeira, «não poderá haver descuidos».

Entretanto, ao fim da manhã de hoje, chegaram ao Aeroporto de Pedras Rubras os elementos que integram a equipa do Sochaux. Cumpridas as formalidades alfandegárias, os franceses seguiram para o Hotel Mirasol, em Miramar, a escassa dezena de quilómetros do «palco» dos acontecimentos. Pela informação recolhida, pode dizer-se que os franceses chegaram animados denotando, até, um certo optimismo. Muito embora o téc-

nico René Haus nada tenha adiantado sobre o programa da equipa, é convicção dos dirigentes do Boavista que o teinador gaulês vai querer «apalpar» o relvado do Bessa, o que deverá, também, acontecer a meio da tarde de hoje.

A reflectir o entusiasmo reinante entre a massa associativa «axadrezada», durante todo o dia de ontem e a manhã de hoje registou-se um movimento de júbilo na sede do Boavista por causa da compra do bilhete de ingresso para o jogo de amanhã, à tarde, no Bessa, frente aos franceses do Sochaux. De facto, tudo indica que, desta feita, o estádio boavistense vai ficar completo, o que equivale a dizer que estão cerca de 3000 contos em perspectiva para os «cofres» do clube portuense.

Cumprindo o programa previamente estabelecido, os jogadores do Boavista fizeram, ontem, à tarde, uma ligeira sessão de desentorpecimento no campo de treinos, a qual durou exactamente 60 minutos. Pudemos constatar que não há lesionados e que tanto Barbosa como Júlio não são «casos» para o jogo de amanhã. Entretanto, o técnico António Teixeira aproveitou o ensaio para um «ajuste de contas» com os dois guarda-redes, enquanto os restantes jogadores eram submetidos a banhos e massagens.

Sporting-Amadora

O encontro Sporting-Amadora marcado hoje (21 e 30) para Aivalade foi transferido para o campo Francisco Lázaro do Fu-

tebol Benfica, segundo informou a Associação de Futebol de Lisboa. O jogo conta para o Campeonato Distrital de Reservas.

CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL

LIMPAM-SE

ÚNICA NO GÉNERO QUE LIMPA TODO O GÉNERO DE CONFECÇÕES DE ANTÍLOPE E TINGE TODA A CONFECÇÃO EM CABEDAL

Vamar
Exclusivos
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA:

R. JOÃO DAS REGRAS, 3-3.º ESQ. (À PRAÇA DA FIGUEIRA, ANTIGA R. DO AMPARO)
EM COIMBRA: R. DA SOFIA, 111-1.º

Hoje

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa Masculino da I Divisão — Série A: Atlético-Cruzquebradense, no Pavilhão da Tapadinha às 21 e 30.

FUTEBOL — Treino conjunto das selecções de juniores e de juvenis, no Estádio Nacional, às 15 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Treino da selecção nacional de seniores no pavilhão de Cascais.

TOTO BOLA jogue connosco

Académico-Penafiel	1
Ac. Viseu-Portimonense	X
Marítimo-Benfica	2
Guimarães-Braga	1
Belenenses-Boavista	2
Setúbal-Espinho	1
Gil Vicente-Fafe	1
Ermine-Leixões	2
Caldas-U. Leiria	2
Alcobaca-Oliveirense	1
Portalegrense-O. Bairro	X
Beja-Lusitânia	X
Quimigal-Estoril	1

Quantos acertaram

Cento e trinta e cinco apostadores do Totobola acertaram em treze resultados no concurso de domingo. Cada «totalista» receberá um prémio de 102 021 escudos. Com doze resultados certos foram escrutinadas 4060 apostas, sendo 4018 de Portugal e as restantes 42 de Moçambique.

MICROSEPIO

A Comissão de Atletismo do Sport Lisboa e Benfica leva a efeito na pista da Luz nos dias 8, 15 e 22 deste mês, com início às 16 horas, torneios de captação destinados a jovens de ambos os sexos, dos 11 aos 18 anos, que nunca tenham praticado oficialmente a modalidade.

GH

GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA

Tv. S. Vicente, 11 —
Tel: 875626

HOJE
ESPECTÁCULO
ÀS 21.30
SLAG

DE
DAVID HARE
2.º MÊS

O espectáculo começa
impreterivelmente
às 21.30

Os sócios da Voz do Operário
têm entrada gratuita

O espectáculo começa im-
preterivelmente às 21.30
Subsídio-SEC

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

TEMPORADA 1980/81

SÁBADO, 8 DE NOVEMBRO DE 1980,
ÀS 17.30 HORAS

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

Maestro: **Silva Pereira**

Solista: **Adriano Jordão** (piano)

PROGRAMA

Abertura Trágica (Brahms)

Concerto para piano e orquestra

K. 449 (Mozart)

Sinfonia n.º 2 (Borodine)

Colaboração da Câmara Municipal de Lisboa

Bilhetes à venda no Teatro S. Luiz de 3.ª e 6.ª-feira das 14 às 20 horas, e no sábado a partir das 14 horas

PRÓXIMO CONCERTO:

O 2.º da Série Internacional.

15 de Novembro na Aula Magna da Universidade de Lisboa, às 18.30 horas. Maestro: **Silva Pereira**. Soprano: **Patrícia Chitl**. Obras de **Berlioz, Jommelli e Beethoven**.

Cultura e espectáculos

"Album", de Carlos do Carmo

O Madrugar de um sonho em trinta e três rotações

...Um álbum discográfico é lançado. Em princípio, os «especialistas» da música (palavra horrível!); ouvem-no e, depois, escrevem algumas linhas, onde expõem as suas críticas, exaltam ou não as virtudes da obra, põem ou não a nu as suas carências. Aqui e agora decidiu-se inovar — recusou-se ouvir o disco a solo, como é habitual, optou-se por uma audição comum com a pessoa que o fez.

Vai daí, pegou-se no telefone. Do outro lado do fio: «Quando quiseres. Há sempre um copo à tua espera...». Toma-se um táxi, sobe-se num elevador, uma porta abre-se, acolhedora, troca-se um abraço amigo, uma poltrona espera-nos, um «pick-up» acolhe um 33 rotações que começa a girar. Nesse exacto momento, parte-se à descoberta, juntamente com Carlos do Carmo, do último álbum por ele lançado: «Album».

Começa-se óbvio, pelo lado-1, onde se encontram incluídos cinco fados: «Raiz», «O Madrugar de um sonho», «Lisboa cidade abril», «Maus Tempos» e «Um fado».

Ouve-se «Raiz» com interesse redobrado, pois, sabemos de antemão que este fado tem a assinatura (letra e música) de José Mário Branco. Nota-se, desde logo, os caminhos da pesquisa permanente que sempre caracterizaram a obra de um dos nossos mais notáveis autores-compositores — intérpretes, constata-se, de imediato, o talento «universal» do autor de «Mudam-se os Tempos», «Mudam-se as Vontades». Paralelamente, verifica-se uma vez mais que Carlos do Carmo continua a ser «dono» de uma execução musical perfeita, de uma voz que nos deixa rendidos e com vontade de a ouvir mais e mais, de um profissionalismo infelizmente raro nestas paragens.

Ainda a «vivermos» o fado de José Mário Branco, somos de repente «obrigados» a «despertar» perante um «peço a palavra» do nosso anfitrião. Carlos do Carmo pretende, com efeito, apresentar-nos «Raiz». E fá-lo: «Tenho uma admiração sem limites por José Mário Branco como ser humano. Como músico, nada a dizer, pois a sua qualidade está à vista. Só a não vê quem não quer. No que respeita a «Raiz», é um fado que assumo, um fado que embora difícil para o intérprete, tem princípio, meio e fim...» Um belo fado, diremos nós, um fado que, como adiante se verá, constitui, em nosso entender, um dos momentos mais altos deste «Album» de Carlos do Carmo. Um fado que, para além do mais, tem um final muito belo.

Um hino

—Vamos a outro? — pergunta Carlos do Carmo. Basta um gesto de anuência para que «O Madrugar de um sonho» entre em rotação. Começam-se por ouvir vozes — gritam «Vitória! Vitória!». São vozes pertencentes a milhares de gargantas que, no dia 25 de Abril de 1974 (foi há

seis anos ou foi há com?...), assistiram com alegria incontida à queda de um regime, de um pesadelo. Depois, é o «frisson», provocado pelo hino que «Madrugar de um sonho» encerra. Um hino simultaneamente belo e triste, um fado que integrará a partir de agora o lote daquelas «cantigas» que nunca mais deixarão de figurar na antologia da música popular portuguesa, da música de qualidade que se fez e se faz neste país. Um fado cujas palavras parecem reflectir o que vai na mente de muitos: «Julguei ser um sonho/ mas foi realidade/

seguinte maneira: «E, como sabes, um trabalho do Ary e do Paulo. Tendo em conta que o apanágio deles é a qualidade... nada mais tenho a dizer».

O braço do gira-discos desce lentamente e surgem os primeiros acordes de «Maus Tempos». Sem nos apercebermos, o corpo «refastela-se» um pouco mais na poltrona, os olhos fecham-se uma sensação de bem-estar apodera-se de nós. Das colunas de som emergem notas com um «ar de jazz», uma trompeta de sonho (Rui Cardoso), um fado admiravelmente bem cantado,

mento: que queres dizer com isso? Troca lá isso por miúdos... Carlos do Carmo, esclarece: «Simples. Este fado, também de Frederico de Brito, foi feito a partir de uma história vivida por uma senhora antes do 25 de Abril — foi a um supermercado fazer compras e constatou que o dinheiro que levava consigo não era suficiente para adquirir aquilo que comprara na semana anterior com a mesma soma. Verificou, portanto, a inflação galopante que se fazia sentir de semana para semana. Quando se apercebeu disso, desesperada, co-

«Retalhos» quase que constituiu uma surpresa, pois, é sabido, raramente o «trailer» de um filme ou de uma série TV é captado em devidas condições pelo público em geral. Isto dos olhos estarem «agarrados» ao ecran, dificulta por vezes a assimilação de trechos musicais com a qualidade (tanto a nível do texto, como de música e interpretação), de «Retalhos».

Antes de «Pequena Serenata Diurna», do cubano Silvio Rodríguez, entrar em rotação, Carlos do Carmo previne: «antes de prosseguirmos... tenho que te contar». E conta: «com a canção que se segue, pretendo homenagear um dos povos do mundo que mais admiro — o cubano —. Dito isto, outra coisa: este número, um dos que me deu mais gozo a gravar, é relativamente curto — pouco mais de um minuto e trinta segundos. Atendendo a isso, Pedro Osório sugeriu que se fizesse uma versão em português. A sugestão foi aceite e eis a razão da versão portuguesa, assinada por Ary dos Santos. Versão que representa a minha homenagem a todos aqueles que antes do 25 de Abril se bateram pela restituição da dignidade ao povo português. Uma última palavra: Silvio Rodríguez é um dos maiores canto-autores cubanos...».

E entra-se em «Pequena Serenata Diurna». Passados escassos momentos, acorrem-nos à mente, perante a interpretação, em espanhol, de Carlos do Carmo, palavras que escrevemos em Abril de 1979, quando de um «Canto Esquerdo» com o cantor... canta em inglês («I've got you under my skin», «Something», «The shadow of your smile»), em espanhol («Puedo escribir los versos»), em francês («La valse à mille temps»). Fá-lo com garra e perfeição invulgar, talvez por ser um homem que não gosta de fazer nada em cima do joelho, por ter um consumado conhecimento do seu ofício, por gostar de cantar bem «canções de qualquer país», desde que bonitas e de qualidade. Recorremos a estas palavras por duas razões: 1.ª — as mesmas reflectem, a um ano e tal de distância exactamente, aquilo que continuamos a pensar de Carlos do Carmo como intérprete de «canções de qualquer país...»; 2.ª — Nem sempre a inspiração se depara para descrever com palavras diferentes aquilo que já uma vez se pôs no papel...

Mas «Pequena Serenata Diurna» veicula algo mais para os ouvidos do que a interpretação (soberba!) de Carlos do Carmo. Traz-nos igualmente a certeza de nos encontrarmos perante uma orquestra e orquestração de luxo (lembre-se: orquestração, arranjos e direcção musical de Pedro Osório), e de um grande autor e compositor — Silvio Rodríguez.

Canta Brel como ninguém

E, de novo, se vai falar de Pedro Osório com «Ronda», uma canção colectiva feita para o programa de TV «Tucá, tu lá com a Música», que Pedro Osório dirigiu ainda não há muito tempo na RTP-2.

«Ronda» representa, pois,

uma obra colectiva (Armando Leal, José Manuel Alexandre, Roberto e Lúcia, Quirino Monteiro), uma colagem de vários textos e músicas, feitas por amadores nunca ligados aos meios profissionais da música. «O seu objectivo é claro, diz-nos Carlos do Carmo, dar a mão a jovens com talento e, através disso, dá-los a conhecer, permitir que a qualidade do seu trabalho venha à tona. Por isso, foi um prazer gravar «Ronda».

E entra-se no mundo de Jacques Brel. A canção que se segue é, com efeito, a bem conhecida «La Valse à Mille Temps», do autor de «Ne me quitte pas», «Amsterdam», «Les Vieux», etc. Uma vez mais, socorremo-nos de linhas escritas anteriormente acerca de Carlos do Carmo: é o único intérprete, nacional ou estrangeiro, que canta Jacques Brel em francês bem francês e sem o «assassinar». «La Valse à Mille Temps» por Carlos do Carmo é algo que transcende as melhores expectativas (...) não se detecta um passo em falso, uma nota desgarrada, um atentado, por mínimo que seja, a Brel. No nosso entender, este último não podia receber melhor homenagem, não pode ser cantado de melhor e tão fiel maneira. Isto o dissémos, isto o repetimos. Tanto mais que a actual «La Valse à Mille Temps» por Carlos do Carmo é muito superior, em termos de orquestração, àquela que o cantor gravou há cerca de oito anos.

O homem que canta Brel como ninguém — essa a nossa opinião... —, tinha, pois, a obrigação de satisfazer a nossa curiosidade: porque não incluiu no teu reportório outras canções de Brel. E a resposta surgiu: «Lá iremos, lá iremos...». E apesar das parcas palavras, a mensagem que Carlos do Carmo quis transmitir foi bem assimilada: o autor de «Album» não «cursou» oportunismo — não quer cantar Brel, quando Brel morre, não quer fazer discos infantis apenas porque se está em Ano Internacional da Criança. Dá para entender, leitor?...

E está-se a chegar ao fim, a «Um Beijo no Futuro», de Ary dos Santos e Włodzimierz Nahorny. Uma canção também com a sua história: «Quando ganhei o Festival de Sopot, a directora da Sociedade de Autores da Polónia convenceu-me a «pegar» numa canção muito querida do povo polaco. Uma canção que constitui um hino da música ligeira que se faz naquele país. Aceitei e, devo dizer-te, não estou arrependido».

Nem nós, pensámos com os nossos botões. Durante quase uma tarde inteira fomos ardendo as horas, entremendo palavras com música. Ouvimos e ficámos a conhecer por dentro e por fora um belo disco — «Album». Tivemos ocasião de debater a três (Carlos, Judite e eu), diversos problemas que concernem a vida cultural e política deste país que somos. Pena é, — não poderemos abordar nestas linhas, por falta de espaço, as linhas mestras dessa troca de impressões, a todos os títulos interessante. Não faz mal, fica para outra vez.

Manuel Anta



Foto de Hernando Domingues

... E o fado acordou

às vezes suponho/ que não foi verdade...». Uma última palavra acerca de «Madrugar de um sonho»: trata-se de um fado de Frederico de Brito, autor de «Canos do Tejo», «Por morrer uma andorinha», «O fado dos sonhos», etc., um homem que, segundo Carlos do Carmo, foi o arquitecto da ponte entre o fado tradicional e o fado daqui e de agora. Mas, deixemos a Carlos do Carmo o ensejo de focar a figura de Frederico de Brito: «Para mim, foi um mestre. Melodicamente falando, foi ele que criou, uma ruptura entre o fado tradicional e o fado dos nossos dias. A seu tempo se encontrará a sua importância na evolução do fado. Frederico de Brito, que morreu, em 1977, com 82 anos de idade, não quis deixar-nos sem fazer um fado sobre o 25 de Abril e o 1.º de Maio de 1974. O resultado acabou-se agora mesmo de o ouvir...». O que acabávamos de ouvir não andava longe do que se segue — 3'54" de grande emoção, uma voz admirável, um hino inesquecível.

«Atenção ao arranjo disto» — alerta Carlos do Carmo. Alerta desnecessário — já nos aperceberamos do magnífico arranjo e da orquestração de Pedro Osório, um músico cuja «maestria» surge ininterruptamente ao longo de «Album». Judite, a companheira de Carlos, também presente na sala, comenta: «Este, talvez seja o mais bem cantado de todos. Além do mais, estas sonoridades de jazz enriquecem-no imenso...». Nessa altura, de acordo com a segunda opinião, ausência de opinião no que concerne a primeira — «o mais mais bem cantado de todos». Ausência de opinião porque: necessidade de uma «segunda leitura»; audição ainda inacabada — o lado-1, o dos fados, ainda não se esgotara. Mais tarde: estamos de acordo Judite. Embora «Raiz» também não deixe a desejar...

24 (de Abril)
25 (de Novembro)

Mas, voltemos a «Maus tempos», por intermédio de Carlos do Carmo: «Desde já: este fado é um alerta para as pessoas de memória curta. E um fado que coloca a questão do voto a fazer nas próximas eleições presidenciais na sua sede própria: votar no 25 de Novembro (Eanes) ou no 24 de Abril (Soares Carneiro)».

Da nossa parte, uma interrogação, um pedido de esclareci-

meçou a partir tudo... Como vês, tenho razão quando digo que este fado tem como porto de destino as pessoas com memória curta. Compreendes, agora, a referência ao 24 de Abril e ao 25 de Novembro...».

Depois deste passeio pela tese «do mal menor» (uma tese muito em voga, que gera grande polémica...), «Um fado» nos esperava. «Um fado», de Vítor Martins e Ivan Lins, cuja história, para Carlos do Carmo, «é curta e não tem nada que contar». Um fado que Ivan Lins e a sua companheira, Lúcia, criaram e que Carlos do Carmo interpreta à sua maneira. «No fundo, esta é a minha homenagem a um dos grandes e mais sublimes canto-autores da música popular brasileira. Também, é de certo modo, uma maneira de entrar no Universo de Ivan Lins, ou seja: um dos meus próximos trabalhos terá no seu seio um fado que o Ivan fez para mim» — explica Carlos do Carmo.

«Canções de qualquer país...»

Acabado o lado-1, passa-se para o lado-2. Um lado com canções «de circunstância, homenagens e... somatório de experiências», segundo Carlos do Carmo.

Disco voltado, prato a girar, «Retalhos», de Ary dos Santos e Tó Zé Brito, começa a tocar. Uma canção já conhecida, porque ouvida durante largas semanas como «trailer» da série TV, «Retalhos da Vida de Um Médico». Uma palavra, porém: para nós,

Maior conforto no uso de Dentes Postiços

Eis a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um pó especial que se povilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente, de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. DENTOFIX não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquire hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou farmácia.

Sábado na cantina do Técnico

Paulo de Carvalho no "Em Marcha"

O bissemanário «Em Marcha» vai comemorar no próximo sábado o seu primeiro aniversário com uma «festa popular» na cantina do Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

No programa, a iniciar às 16 horas, participam Paulo de Carvalho, José Mário Branco, Francisco Naia, Afonso Dias, Francisco Fanhais, José Fanha, Sa-

bine, «Banda d'Abril», «Grandharva», «O Grupo», os palhaços Batatinha e Croquete, o ilusionista Kaly, e o conjunto «Os Simples» que abrilhantará um baile, que deverá prolongar-se até às tantas. Mas a festa terá ainda «comes e bebes», castanhas e água-pe-de S. Martinho, uma pequena feira do livro, bancas e outros divertimentos.



63.º Aniversário da Revolução Socialista de Outubro

Exposição-Venda

3 a 8 de Novembro

★

LISBOA

INTERLIVRO

R. Pedro Nunes, 9-A
(das 10 às 19 horas)

★

PORTO

COOPERATIVA ÁRVORE

R. Mouzinho Albuquerque, 1
(das 15 às 23 horas)

★

COIMBRA

ATENEU COMERCIAL DE COIMBRA

R. do Cabido, 8
(das 15 às 23 horas)

★ Exposição e venda de obras sobre a Grande Revolução Socialista de Outubro, livros, discos e selos soviéticos.

Uma iniciativa da CDL
em colaboração com a



Mezhdunaródnaya
Kniga

ele quer voltar a viver o seu primeiro amor...



ela quer mais
muito mais!

NEIL SIMON
CAPÍTULO SEGUNDO

CHAPTER TWO

JAMES CAAN
MARSHA MASON

uma deliciosa comédia

VALERIE HARPER JOSEPH BOLOGNA

MARVIN HANAUER JAY E BAYER NAIR

ROBERT MAXWELL

CASTIL 6.ª FEIRA — ESTREIA VOX

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
esta a venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes



Foto de José Manuel Oliveira

Também temos dançarinos de Jazz..

Os leitores já viram, certamente, um filme fabuloso que para aí anda — «All That Jazz». Pois bem, fiquem sabendo que também nós portugueses temos matéria-prima suficiente para fazermos um filme do género. Temos, queremos dizer, um grupo — o Experimental de Dança-Jazz —, que, creiam, reúne todas as condições, e mais algumas, para não se sentir diminuído no confronto das suas aptidões com a dança que se faz no «All That Jazz». Perante isto, os leitores perguntarão: Grupo Experimental de Dança-Jazz, o que é? A gente responde...

Para já, o Grupo Experimental Dança Jazz é um grupo amador que escolheu uma via própria e inovadora — a dança Jazz. Um grupo de 12 elementos (essencialmente jovens) que encara a dança de uma forma global e na qual têm cabimento todas as vias técnicas-artísticas profundas. Por isso mesmo, o grupo — dirigido por Rui Horta, vindo do Ballet Gulbenkian — que iniciou as suas actividades em Setembro de 1979, considera a partida, indispensável uma sólida formação técnica não só ao nível do clássico como das principais correntes do moderno, de forma a poder dar mais impacto à sua «comunicação» com o público. No entanto, e apesar do «apelo» ao clássico, a via preferencial do grupo situa-se ao nível das principais correntes da dança jazz e contemporânea.

As origens dos seus doze elementos são variadas, englo-

bando as mais diversas formações, que vão desde os cursos de Bailado da Fundação Calouste Gulbenkian e Conservatório Nacional a estudos efectuados com professores tais como Ana Mascolo, Margarida Abreu, Wanda Ribeiro, Luigi, Nat Horne, Fred Benjamin, etc.

Entretanto, e no campo da formação e aperfeiçoamento dos elementos que o integram, o Grupo Experimental Dança-Jazz prevê a realização de vários cursos intensivos com diversos professores convidados em vários campos da dança (Jazz, Expressão Corporal, Mimica, Afro, Contemporâneo). Nesse sentido, já está confirmado um estágio intensivo de Jazz com Patrice Soriero (Nova Iorque), de 8 a 19 de Janeiro próximo, e foram efectuados contactos com Hans Forrer, Wanda Ribeiro da Silva, Françoise Raquin e Richard Levi.

Projectos

Dentro dos projectos futuros do grupo — que na passada temporada realizou dez espectáculos não só em Lisboa como no Algarve e no Norte do País —, está a realização de dois programas diferentes (um em Fevereiro e outro em Junho de 1981), e possivelmente a criação de uma escola de bailado que dê o apoio técnico que o grupo necessita.

Os programas em questão, cujo repertório é essencialmente moderno, contemporâneo e jazz, serão os seguintes: 1.º programa — «Joy», de Rui Horta; «Short and Sweet» e «Rio», de Patrice Soriero; «Face a Face», de Ana Macara/Liliane Viegas e «Transformação», de Ana Macara. 2.º programa — coreografias do programa anterior e obras de título a anunciar, de Hans Forrer e Liliane Viegas.

Atendendo a que o espectáculo de dança tem sido, até hoje,

um dos mais elitistas dentro do nosso âmbito cultural (basta verificarmos as formas espontâneas, e muitas delas de excelente qualidade, que têm surgido nos últimos anos ao nível do teatro e da música, com o aparecer de inúmeros grupos amadores, e comparar este facto com a dança, onde muito pouco tem despojado...); atendendo aos objectivos confessados do grupo — intervir generosamente, contribuindo para que algo de novo e diferente surja no nosso panorama cultural; atendendo a que a linha de actuação do Grupo Experimental de Dança Jazz é, como o próprio nome indica, um ensaio no campo da dança, não pretendendo mais do que comunicar com o público, talvez até com um público diferente, fora do circuito habitual dos meios baléticos, **só nos resta desejar Boa-Sorte ao Grupo Experimental de Dança-Jazz.**

M.A.

CLAUDE BRASSEUR / MARTHE KELLER...

...E COM A MALA O DINHEIRO VOLTOU

(LE GUEPIER)

Eles tinham
previsto tudo
...menos ela!

Um filme de
ROGER PIGAUT



XENON

GABRIELE FERZETTI

JOHN STEINER

ANDRÉ G. BRUNELIN

ADAPTAÇÃO ORIGINAL E DIÁLOGOS

MÚSICA DANIEL VIGÉ

PRODUÇÃO EUGÈNE LÉPICIÉ

DISTRIBUIÇÃO WARNER COLUMBIA FILM

2.ª SEMANA NO XENON

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

"ALL THAT JAZZ" não nos fala de jazz
"ALL THAT JAZZ" é tudo o que acontece antes do pano subir



20.ª SEMANA no quórteto

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Banda sonora em disco distribuído por POLYGRAM Discos S.A.R.L.

A quatro dias do Cascais-Jazz

Vilas-Boas ao "DL": "Jazz em Portugal? Abaixo, abaixo de cão..."

A contagem decrescente do 10.º Festival Internacional de Jazz de Cascais já se iniciou. A quatro dias apenas da abertura de mais um Cascais-Jazz, o «DL» julgou oportuno colocar a um dos «pais» do Festival, ao Luís Vilas-Boas (o outro é Duarte Mendonça), algumas questões que vagueiam na mente de muita gente e que se prendem com a ausência, no Cascais-Jazz/80, de grupos portugueses de «blues», de grandes nomes do Jazz (com excepção de Dizzy Gillespie, Phil Woods e poucos mais) de «Ladies» do quillate de uma Ella Fitzgerald..., com a participação maciça de músicos europeus e não-americanos, etc.

Luis Vilas-Boas não se fez rogar duas vezes. Respondeu a «todas» e até disse muito mais....

Antes porém, de entrar no miolo das referidas questões, Luís Vilas-Boas pretendeu referir aspectos «quicá mais importantes do que aqueles relacionados com o Cascais-Jazz que se aproxima». Dito e feito, pegou na palavra e dificilmente a largou:

«O Cascais-Jazz é secundário se atendermos àquilo que se passa com o Jazz em Portugal — continua a ser, e utilizando uma expressão de Charlie Mingus, tratado como **abaixo, abaixo de cão**. Na Rádio, por exemplo, e toda a gente sabe que a Rádio desempenha um papel fundamental como veículo dos valores da música de qualidade, consagra ao Jazz apenas uma hora diária. Como é evidente, essa hora não compensa as restantes 23 de música alienante e de traca qualidade. Uma hora de jazz por dia não passa, no fundo, de um tranquilizante para a consciência.

Mas há mais: as «massmedia» só esporadicamente apoiam o jazz. Impingem ao longo do ano música de qualidade execrável, acarinhando-na, tratam o jazz como o parente pobre da música.

Enquanto isso, certos pelouros culturais — a atitude da Gulbenkian é bem clara nesse aspecto... — segregam e boicotam o jazz; as editoras seguem o mesmo rumo, não editando música de jazz. Isso porque os músicos de jazz não tocam música primária, mas sim de qualidade. No caso das editoras até parece

que a linha pela qual se regem é a seguinte: estes gajos tocam demasiado bem e, consequentemente, não venderão mais de mil e tal discos... Os «Ramones» vendem mais, toca a promovê-los....»

O talento é fundamental, a técnica imprescindível...

Aproveitando a aberta (Luís Vilas-Boas fora obrigado a «respirar»...), uma tentativa para entrar «no que aqui nos trouxe» — o Cascais-Jazz/80. Desta feita, e satisfeito «com as verdades atrás enunciadas e que é sempre bom repetir», Luís Vilas-Boas aceitou responder às críticas e às interrogações da «vox-populi»:

«Ausência de grupos portugueses? Muito simples: nenhum dos grupos portugueses participantes no Cascais-Jazz do ano transacto desenvolveu, em 1980, trabalho que justificasse a sua inclusão no próximo Festival. Não houve progresso, nada se passou de extraordinário na cena do Jazz nacional. O «Quinto Crescente», por exemplo, que para muitos constituiu a revelação do Festival do ano passado, continua na fase embrionária em que então se encontrava. A plenitude dos seus recursos ainda não foi atingida.

Ora, a verdade é esta: o talento é fundamental, mas a técnica é imprescindível. Espero, no entanto, que em 1981, haja grupos portugueses que justifiquem a sua inclusão no Cascais-Jazz desse ano. Satisfeito?...»

A Universalidade do jazz
— Não muito, mas passemos adiante...

— «À ausência de grandes nomes de «blues», de cantores, e à presença de vários músicos europeus? Antes de entrar na «matéria» devo dizer que a resposta não vai ser curta. Vamos a isso: o jazz foi americano, é americano, mas não só... A sua técnica foi assimilada, o jazz espalhou-se pelo mundo, é, agora, uma música universal. Foi essa universalidade que pretendemos começar a apresentar a partir deste Festival. Durante anos quisemos dar a conhecer o jazz de além-Atlântico. De Miles Davis a Duke Ellington, os sucessivos Cascais-Jazz permitiram «visionar» as várias correntes do jazz americano. Chegou o momento de fazer alterações — mostrar a universalidade do jazz, trazendo até nós músicos das mais diversas origens».

Um comboio chamado jazz

— A nova feição do Cascais-Jazz, com poucos músicos americanos, tem como origem apenas essas razões, a tal universalidade?... — «Não, confesso. É preciso ver que todos os anos dependemos dos músicos americanos que, por ocasião do Cascais-Jazz, se encontram em digressão pela Europa. O Festival de Cascais não tem os meios financeiros necessários para mandar vir dos Estados Unidos uma Ella Fitzgerald, um Dizzy Gillespie, um Phil Woods. Daí a ausência, este ano, de «blues», de uma grande cantora de jazz. Atenção, porém: a cantora do Sexteto Jazzatira, a Rama Mani, é uma cantora fabulosa, uma máquina sensacional.

«No entanto, e uma vez mais, repito que foi a nossa intenção em inovar, que presidiu essencialmente à nova versão do Cascais-Jazz. Antes trouxemos as locomotivas — aqueles que fizeram andar o comboio do jazz. Agora vamos tentar dar a conhecer aqueles que foram carruagens e que também desempenham presente e o papel de locomotivas...»

«Assim, para o ano que vem, contamos ter um Festival mais aberto e com músicos de diversas latitudes. Quando de uma viagem que fiz à Bulgária e à

Polónia, tive oportunidade de constatar 'in loco' a qualidade espantosa dos músicos de jazz dos países socialistas. Músicos que, aliás, depois de contactados nesse sentido, mostraram o maior interesse em vir cá tocar. Posso anunciar desde já que, se não houver azar, teremos em 1981, em Cascais, um grupo soviético liderado por um grande contrabaixista da URSS.

— **Dois palavras sobre o Cascais-Jazz/80...**

— «Um Festival muito rico e com muita qualidade. Dizzy Gillespie, toque o que tocar, fá-lo sempre bem. James Moody também não necessita de apresentação. Didier Lockwood é um músico extraordinário que trocou o «rock» pelo Jazz. Rama Mani é, já o disse, uma máquina infernal. Rão Kyo é o que se sabe — um músico português que, se continuar a trabalhar, pode chegar onde quiser. Phil Woods não necessita de apresentação — vem a Portugal pela terceira vez. A excelência de Henri Texier como contrabaixista só não a conhece quem não anda nestas andanças. Billy Higgins casou-se com uma bateria e essa união é espectáculo inesquecível. Billy Harper é um dos saxofonistas com maior aceitação actualmente na cena do jazz internacional. Jonh Abercrombie, que também vem do «rock», vai levantar o público de Cascais. Cedar Walton é um excelente pianista que possui um rigor e uma precisão dificilmente igualladas. Charles Loos é um pianista belga com capacidade para criar uma grande surpresa em Cascais. Braz Gonçalves também não necessita de apresentação...

— **Cascais-Jazz/80, um sucesso?**

— «Não tenho dúvidas que sim. Espero, aliás, que a malta jovem aproveite a oportunidade que lhe é dada (até aos 18 anos, bilhetes com 50 por cento de desconto), para ir ver o que é bom. Talvez compreenda quanto é necessário voltar costas à música que lhe pretendem constantemente impingir: uma música sem qualidade. Talvez, eu creio que sim, se aperceba que lhe têm estado a vender gato por lebre. Os concertos e inintermitentes concertos «rock», que se têm vindo a verificar em Portugal, pelo menos a esmagadora maioria, são a prova desse logro que se pretende fazer engolir à malta jovem...»

M.A.

Crítica de Cinema
JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Título original: Being There
Realização: Hal Ashby (USA-1980)

Argumento: Jerzy Kosinski
Fotografia: Caleb Deschanel
Cenários: Michael Haller (production designer), James Schoppe (art director)
Música: Johnny Mandel

Montagem: Don Zimmerman
Seleção das sequências vídeo: Dianne Schroeder

Interpretação: Peter Sellers (Chance), Shirley McLaine (Eve Rand), Melvyn Douglas (Benjamin Rand), Jack Warden (presidente «Bobby»), Richard Dysart (dr. Allenby), 012 Cenários: Michael Haller (production designer), James Schoppe (art director)

Música: Johnny Mandel
Montagem: Don Zimmerman
Seleção das sequências vídeo: Dianne Schroeder

Interpretação: Peter Sellers (Chance), Shirley McLaine (Eve Rand), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo

Cinema: Borna

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos

Duração: 130 minutos

Que pode fazer na vida um homem completamente vazio de ideias, um homem que tudo o que sabe é jardinagem, um homem para quem o mundo é um inquietante caleidoscópio de imagens televisivas? Que revelação nos pode trazer um homem cujo universo mental é feito de simples evidências, um homem mergulhado numa paz estrutural numa total inconsciência de si e dos outros, um bebé que só cresceu por fora?

Estas algumas das pistas possíveis para penetrar na fábula surpreendente que Hal Ashby nos vem contar.

Surpreendente, em primeiro lugar, porque Ashby acerta em cheio um filme (após meia dúzia de películas desiguais onde o muito mau — Shampoo — coabita com o bem intencionado — O Regresso dos Heróis). Surpreendente porque Sellers consegue uma interpretação sensacional, o que não fazia desde Dr. Estranhoamor. Surpreendente porque, em ano de eleições americanas, este filme vem provar (contraditando algumas ficções de estabilização) que a crise continua a habitar o interior do sistema.

Filme só possível numa sociedade onde o universo político é decifrável mediante paciente análise das pequenas frases, das inflexões, das sugestões, das meias-tintas que definem o «homem político» (e é assim, de Leste a Oeste). Bem-vindo, Mr. Chance não é a simples história do idiota que chega a conselho do presidente e, depois, a candidato à Casa Branca. Esse seu esteio narrativo, poderosamente satírico, parece-me apenas complementar da grande

«Bem-vindo, Mr. Chance» de Hal Ashby



Peter Sellers no que é, provavelmente, o seu melhor trabalho de sempre

aposta (conseguida) deste filme: fazer-nos olhar o mundo pelo prisma pacífico, inconsciente e feliz de Chance Gardener.

Deste ponto de vista, toda a sequência da saída de Chance para as ruas de Washington tem uma extrema acuidade e precisão: Ashby consegue delinear, com poucos meios e muito talento, a violência social e a solidão de cada um dos seus membros, como se o espectador nunca tivesse habitado uma grande cidade. O lixo e a agreste fealdade das casas e das pessoas surgem-nos como se os vissemos pela primeira vez, o mesmo ocorrendo com o universo da Televisão e da política, labiríntico, impessoal, frenético.

Sellers compõe uma personagem simultaneamente inquietante e amável, através da inteligentíssima utilização do que é, habitualmente, um dos seus mais fortes handicaps como actor: um jogo mecânico, uma modulação de voz forçada, o gosto, enfim, pela máscara. Trabalhando a baixa rotação, evitando todo e qualquer frenesim, controlando habilmente o cabotinismo em que podia cair, Sellers consegue que seja Shirley McLaine quem assuma o papel forçado do filme, ficando ele como contraponto. O duelo entre duas formas de overacting (uma contida, a outra transbordante) não é a menor das surpresas desta película.

Por outro lado, é de realçar a admirável justeza do argumento de Bem-vindo, Mr. Chance, evitando sempre sequências óbvias, gags repetidos, fazendo evoluir o filme por caminhos inesperados até ao plano final em que, por uma vez, o carácter imaterial de Chance se nos revela: o seu caminhar sobre as águas não é mais que a chamada de atenção para o real, o cerrar da fábula.

Como um extraterrestre banhado pela bonomia, Chance desembarca no écran, como revelador do nosso mundo como projecto de um éden inatingível? E essa contradição entre a lucidez (infeliz) e a inconsciência (feliz) que faz deste filme algo mais que uma comédia: ele aponta o dedo, exemplarmente, a uma civilização racional e pragmática.

FESTA ANIVERSÁRIO
jornal popular
em marcha

com
paulo de carvalho • josé mário branco • afonso dias • francisco naia • fanha • grandharva • banda d'abril • batatinha e croquete

há comes e bebes, surpresa e baile até às tantas...

sab. dia 18 às 16h I.S. Técnico
Alad. D. Afonso Henriques

PUB

Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local

DIRECÇÃO REGIONAL DE SETUBAL
ELEIÇÕES PARA A DIRECÇÃO REGIONAL DE SETUBAL

1. O Conselho Regional de Delegados marcou para o dia 30 de Dezembro de 1980 as eleições para a Direcção Regional e Mesa da Assembleia Regional de Setubal

2. A apresentação de candidaturas poderá ser feita perante a Comissão Distrital de Eleições até ao dia 20 de Novembro

Setubal, 31 de Outubro de 1980

O Presidente da Mesa do C.R.D.
Martin M.A. Figueiredo

RESTAURANTES

TATU
PASTELARIA C. FABRICO PROPRIO
SALÃO PARA BANQUETES E CASAMENTOS
AUTENTICA FEIJOADA A BRASILEIRA
SÓ NO TATU
CAMPO GRANDE, 80
TELEFONE, 76 51 88 . 9

D. LUÍS
CHURRASQUEIRA
ABERTO TODOS OS DIAS
AR CONDICIONADO
★
RUA GENERAL TABORDA
9-B (CAMPOLIDE)
TELEFONE 68 12 20

António Reis ao "DL"

"O combate prioritário da democracia é a derrota do candidato reaccionário da AD"

No domingo à noite vinte membros da Comissão Directiva do PS tornaram público um comunicado no qual, a propósito dos recentes acontecimentos dentro do PS, e nomeadamente a impugnação da reunião da CD de sexta-feira última, fazem graves acusações a outros dirigentes, chegando ao ponto de afirmar que «há tentativas de tomada de poder dentro do partido». António Reis, membro do Secretariado e da Comissão Nacional, é um dirigente que não está com os «vinte». Ouvimos-o sobre a grave acusação feita pelos subscritores daquele documento:

«É lamentável que quem é democraticamente derrotado na Comissão Nacional do PS venha agora brandir fantasmas para procurar obter o apoio que a sua falta de credibilidade das suas posições não conseguira» — respondeu de imediato António Reis.

«Mas os vinte falam também da questão da unidade...» — interrompem.

«Não estou disposto a receber lições de unidade da parte de quem acaba de anunciar publicamente o propósito de subverter as decisões tomadas pela Comissão Nacional na reunião que se pretendia efectuar da Comissão Directiva. O Secretariado mantém-se fiel ao mandato que recebeu da Comissão Nacional. Não pretende nem mais nem menos poder do que aquele que os Estatutos do Partido lhe conferem».

A impugnação

«Mas não é verdade que a impugnação da reunião da Comissão Directiva foi, digamos, um pouco estranha? Por outras palavras: não é verdade que essa atitude introduz uma nova praxe na vida do partido, uma

vez que muitas reuniões se efectuavam sem a observância do prazo estatutariamente estabelecido para a convocação?»

«Normalmente as reuniões dos órgãos directivos têm sido convocadas com a antecedência estatutariamente prevista, incluindo a reunião da Comissão Nacional que se iniciou no dia 18 e se prolongou no fim-de-semana seguinte. O facto, porém, de nesta reunião da CD não terem podido comparecer os representantes das regiões autónomas, aliado à acintosa recusa de convocar o Secretariado Nacional, ao contrário do que, isso sim, era habitual, foram motivos mais do que suficientes para que uma parte da Comissão Directiva não hesitasse em contestar a oportunidade de uma reunião que iria necessariamente agravar a situação interna do partido, além de pretender pôr em causa deliberações de um órgão superior».

As consequências

«Mas os «vinte» falam de consequências «imprevisíveis e porventura irreparáveis» que a impugnação pode vir a causar, uma vez que convocaram de novo uma reunião da CD, com a mesma ordem de trabalhos, donde podem sair decisões que serão postas em prática com atraso...»

«Bom, acontece que a maioria dos problemas que os convocantes da reunião da CD

se propunham tratar já foram objecto de deliberações inequívocas da CN, competindo agora ao Secretariado, como órgão executivo, pô-las em prática, o que aliás tem vindo a acontecer diariamente.

Não se tem, pois, perdido tempo nem se perderá, porque as estruturas do partido encontram-se mobilizadas em todo o país para a campanha presidencial, de acordo com as orientações que já lhe foram fornecidas pelo Secretariado e pela Comissão Técnica Eleitoral Nacional.

São atitudes insensatas como as dos signatários desse comunicado que, essas sim, nos fazem perder tempo, impedindo-nos de concentrar todas as nossas energias no combate prioritário da democracia que é a derrota do candidato reaccionário da AD.

Se com este tipo de guerrilha institucional dentro do partido se compromete a vitória do candidato apoiado pelo PS os militantes socialistas não deixarão de responsabilizar os autores deste tipo de manobras dilatórias».

Um grave erro político

«Mas há já quem diga que ao fim e ao cabo Eanes ou Soares Carneiro não se diferenciaram... Que são ambos candidatos da direita... E fala-se até num Soares Carneiro democrata...» É um grave erro político pretender escamotear as diferenças essenciais entre os dois candidatos, quer pela abusiva assimilação de

Eanes a uma opção de direita, quer pelo apressado baptismo de democrata com que se procura subalternizar o efectivo perigo que Soares Carneiro representa para o regime democrático. Não são algumas afirmações hipócritas e gestos apurados como o da recente homenagem que este dignitário do fascismo prestou a Humberto Delgado que nos podem fazer esquecer o propósito não escondido de subverter a Constituição, marginalizar a oposição, restabelecer o império dos grandes grupos económicos privados e mecanismos autoritários nas relações laborais.

A vitória de Soares Carneiro poderia representar uma nova era de paz com os socialistas condenados à emissão de generosos protestos morais de diminuta eficácia política.

«Mas a verdade é que a opinião pública em geral, e os socialistas em particular, se encontram perplexos com a situação. Até que ponto pode a recandidatura de Eanes ser prejudicada? E o futuro do PST?»

Daqui até ao início da campanha, estou certo de que se irá gerando uma dinâmica de luta que não poderá deixar indiferentes a esmagadora maioria dos socialistas e democratas em geral. A vitória de Eanes continua a ser possível, como provam recentes sondagens. Independentemente das reservas que alguns manterão, e pelo que tenho visto pelo País, o grosso dos socialistas está empenhado neste combate.

Quanto ao meu partido — seria bom que as divergências internas no PS e os ressentimentos de alguns aguardassem melhor oportunidade para se manifestarem na fase de preparação do Congresso. E como é timbre de um partido democrático, o Congresso apreciará

os nossos actos e decidirá sobre o futuro do partido. Pela minha parte não fugirei às responsabilidades que me cabem.

O Secretariado e o consenso

«Mas voltando ao Secretariado: os «vinte» insistem que ele deveria ter-se demitido por solidariedade com o secretário-geral — e dão muita impor-

tância a esse ponto. Quer comentar?»

O Secretariado mantém-se na plenitude das suas funções porque a Comissão Nacional assim o entendeu por uma folgada maioria superior a dois terços, na convicção de que a sua presença à frente do partido é a melhor garantia para o empenhamento sério e profundo de todo o PS no apoio à campanha do general Eanes.

Os segredos de Chenlima

Continuação da pág. 2

Em 1948, os EUA, arvorados em «representantes» da ONU, consumam a divisão do país, celebrando, sob a lei marcial, «eleições» no sul para constituir uma «República da Coreia» (Maio-Julho). Como réplica, constitui-se no norte (9 de Setembro) a República Popular Democrática da Coreia. As tropas soviéticas retiraram-se, dando cumprimento aos acordos assinados. As forças dos EUA ficam, e em Junho de 1950 iniciam a organização a agressão à Coreia do Norte, envolvendo-se directamente no conflito e sendo estrondosamente derrotadas.

Depois disso, continuaram a fazer tábua rasa de todas as obrigações que contrairam ao assinar o Acordo de Armistício, multiplicando, com o fito de tornar irreversível a existência das «duas Coreias», as provocações contra o Norte, a mais escanda-

losa das quais é a construção de uma grande muralha de cimento armado ao longo de toda a linha de demarcação militar (cerca de 250 quilómetros) que corta o país em duas partes.

Talvez que os escribas ao serviço do imperialismo chamem «paraíso» à parte norte para a distinguir bem do sul: aqui existe realmente um verdadeiro inferno. Sob a asa protectora da asa americana, floresce a prostituição e a «exportação» de crianças, enquanto se assassina os patriotas e se priva o povo trabalhador de todos os direitos democráticos.

A reunificação da Coreia é um assunto interno do povo coreano, e os EUA não têm nenhuma razão jurídica ou moral para nele se ingerirem, perpetuando a divisão de uma nação longínqua e ameaçando a paz mundial.

Ernesto Sampaio

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)		50\$95	55\$95
ALEMANHA FED. (marco)		26\$55	27\$65
AUSTRIA (xelim)		3\$70	3\$90
BELGICA (franco)		1\$590	1\$690
BRASIL (cruzeiro)		\$616	\$666
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)		43\$00	45\$00
(notas de 5 a 1000)		43\$50	45\$50
DINAMARCA (coroa)		8\$60	9\$00
ESPAÑA (peseta)		\$643	\$743
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		50\$70	52\$70
(notas de 5 a 1000)		51\$20	53\$20
FINLÂNDIA (marka)		13\$55	14\$15
FRANÇA (franco)		11\$55	12\$15
HOLANDA (florim)		24\$60	25\$60
INGLATERRA (libra)		124\$85	128\$85
IRLANDA (libra)		100\$20	104\$20
ITALIA (lira)		\$052	\$062
JAPÃO (iene)		\$220	\$250
NORUEGA (coroa)		10\$20	10\$70
SUECIA (coroa)		11\$95	12\$55
SUÍÇA (franco)		29\$60	30\$70
VENEZUELA (bolivar)		10\$20	11\$20

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

palavras cruzadas

1.º Programa
17.00: Informação «Velhos são os Trapos»; 17.30: «Sem margem»; 19.00: «Jornal da Manhã»; 19.30: «Jornal da Noite»; 20.30: «Cartas na mesa»; 21.30: Folhetim: «Ana Karenina», de Leão Tolstói; 22.00: «Programa da Noite»; 23.30: «Jornal da Manhã»; 24.00: «Jornal da Manhã»

2.º Programa
15.15: «Que Quer Ouvir?»; — «Czar Saltan» (ópera em 4 actos), de Rimsky-Korsakoff. Coró e Orquestra da Ópera Nacional de Zagreb; 18.00: Música Portuguesa; 19.00: Terra Viva, Planeta Azul, um programa sobre Ecologia; 19.30: Música de Câmara de Mozart: «Adágio e fuga em dó menor, K. 545, pela Orquestra «I Musici» — Trio em dó maior, K. 548 (piano, violino e violoncelo), pelo «Trio Beaux-Arts»; 20.00: Música coral sinfónica: — Missa Solene em Ré Maior, op. de Beethoven; 21.30: Aspectos da moderna música espanhola; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical: Temporada de concertos de 1979/80 da Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda — gravações cedidas por esta emissora (Rádio Sul da Alemanha). A Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda. 1.ª parte: Música de Pierre Boulez. INTERVALO: — Marcha em ré maior, K. 445, de Mozart, pelo «Conjunto Mozart de Viena»; — Sereñata n.º 4, em ré maior, K. 203 de Mozart, pelo «Conjunto Mozart de Viena»; 2.ª PARTE: — Música de Stravinsky; 01.00: Fecho

Rádio Comercial (290 m)
17.03: Contacto; 19.45: Teatro; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Desporto; 21.03: Novas de alegria; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.30: Portugal e a CEE; 23.05: Ponto final

RC-FM Estéreo (97.4 Mhz)
16.03: Rock em Stock; 18.05: Circulo em FM; 19.03: Em Órbita; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto

Rádio Renascença
17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa do lar; 20.00: 60 minutos; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Dicionário de economia; 22.50: Curso de inglês; 23.00: Meta final; 23.55: Fecho

Tiragem média diária do mês anterior: 46.563 exs.

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12775

HORIZONTAIS
1 Escarnecer. Urde.
2 Em má hora (ant.). Serra de Portugal.
3 Pélos de certos animais. Sentidas condolências.
4 Néstie lugar. Margem.
5 Antela. Também não. Seguiam.
6 Acrescentando uma consoante é prefixo que designa ar. Roubar. Solitários.
7 Abismo. Limpai metais.
8 Pronome possessivo. Cristallinos.
9 Planta do Congo que é usada como excitante. Fecha as asas para descer mais depressa.
10 Navio. Acorrenta.
11 Mete em mala. Espádua.

VERTICAIS
1 Sugara o leite materno. Existe.
2 Sufixo que designa estado. Aquele que. Felicidade.
3 Embarcação parecida com o bote, mas maior e com velas, usadas no rio Tejo. Alasca.
4 Estímal. Moderado.
5 Freguesia do concelho de Penafiel. Niquel (s.q.). Em partes iguais. Tempo do verbo ser.
6 Carimba.
7 Bigorna de aço sem hastes. Apatia profunda.
8 Fértil. Tornavam a ler.
9 Clima. Zomba. Aventura.
10 Pronome pessoal. Género de insectos himenópteros que compreende formigas de tamanho médio, de que se conhecem vinte espécies no hemisfério norte.
11 Carta de jogar. Estimo. Ecoar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8835

HORIZONTAIS:
1 Flexíveis.
2 Antes do meio dia. Consentir.
3 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de normas irlandesas e escoceses. Patrão.
4 Rezas. Prender.
5 Nome de planeta. Termina.
6 Países Baixos. Prefixo de privação.
7 Cidade da Ucrânia. Monarca.
8 Pertences. Miriade. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
9 Cabelos brancos. Montões.
10 Farrapos. Macacos americanos.
11 Campeão. Queimas. Artigo de finido.

VERTICAIS:
1 Uga. Sra. Lar.
2 SANGUE. PEDE.
3 Anais. Camas.
4 Dã. Ramo.
5 Ossadas. Sal.
6 Afonia. IV.
7 Aramaram.
8 Cia. Alisara.
9 Or.
10 SANGUE Cai.
11 Órão. Maroto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7774
HORIZONTAIS:
1 Usados Coso.
2 Ganas. Alrar.
3 Ana. Sara. Na.
4 Gira. Ogó.
5 Sus! Doma.
6 Re. Canal. Em.
7 Siria.
8 Par Aas. Cr.
9 Lemas. Mamão.
10 Adamal. It.
11 Resolúvia O.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8834
HORIZONTAIS:
1 Amarraras.
2 Cairo. Aru.
3 Au. Saa. Riu.
4 Uma. Uel.
5 Feras. Rapel.
6 Açora. Ana.
7 Aro. Idade.
8 Ama. Só. Mala.
9 Mo. Rã. Cor.
10 Arrendariam.
11 Maura.

VERTICAIS:
1 Adaute. Amam.
2 Ume. Amora.
3 AC. Arara. Ru.
4 Ras. Aço. Rer.
5 Ria. Só. Sana.
6 Arau. Rio.
7 Ro. Arad. Cal.
8 Via. Amor.
9 Sal. Padaria.
10 Rm. Anel.
11 Suécia. Alma.

Provérbio: O SANGUE PEDE SANGUE

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H
Em Portugal continental o céu estava em geral muito nublado, excepto no Sul onde caía chuviscos em alguns locais; o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR
VIANA DO CASTELO 11°
BRAGANÇA 3°
VILA REAL 6°
PORTO 11°
PENHAS DOURADAS 0°
COIMBRA 10°
CABO CARVOEIRO 14°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 11°
ÉVORA 10°
SINES 14°
BEJA 12°
SAGRES 16°
FARO 15°
PONTA DELGADA 20°
FUNCHAL 18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.50 3,7 m	6.34 1,5 m
13.07 3,8 m	18.57 1,4 m
Dia 5	
1.29 3,8 m	7.08 1,3 m
13.45 3,9 m	19.28 1,2 m
Dia 6	
2.05 3,9 m	7.40 1,2 m
14.21 3,9 m	19.57 1,2 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ AS 24 H DE AMANHÃ
Períodos de céu muito nublado nas regiões do Alentejo e Algarve onde poderão ocorrer aguaceiros durante o dia de hoje e céu geralmente pouco nublado nas restantes regiões; vento fraco ou moderado de noroeste.

NAScer ÀS 7.08
OCASO ÀS 17.32

DIA 7 DIA 15 DIA 22 DIA 29

Permanentes

LISBOA

PERMANENTE

TELES - Rua João de Barros, 2 Frente. Telef. 638176; **ZIL** - Av. da Igreja, 9-D. Telef. 891780; **ONILDA** - Av. João XXI, 13-A. Telef. 886848; **AZEVEDO IR. E VEIGA** - Rua Misericórdia, 24. Telef. 323540; **SIMÕES** - Cq. Tojal, 102-A. Telef. 749649; **ZEMA** - Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A. Telef. 832580; **OURIQUE** - Rua Freitas Gazul, 32-B. Telef. 671667; **CENTRAL DE CAMPOLIDE** - Rua General Taborda, 17. Telef. 680304; **ESTE-FÂNIA** - Rua Pascoal de Melo, 90. Telef. 44438; **CENTRAL DO LUMIAR** - Alm. Linhas Torres, 254-B. Telef. 790480; **MARLUZ** - Cq. da Picheleira, 140-BC. Telef. 880703; Rua Prof. Mira Fernandes MAF.; **COMBATENTES** - Av. Comb. G. Guerra, 166. Telef. 2104953; **CORREIA** - Est. Principal, Lote 172. Telef. 993148; **CENTRAL ODVELAS** - Alm. Infante D. Henrique, 1. Telef. 911203.

REFORÇO

MEENDES GOMES - Cq. da Ajuda, 222. Telef. 638256; **ESTADOS UNIDOS** - Av. Estados U. América, 16-B. Telef. 885859; **FIGUEIRAS** - Av. Marquês de Tomar, 20-22. Telef. 44995; **ZIRA** - Pq. das Casas Novas, Lote 66. Telef. 311216; **RENASCENÇA** - Rua Damasceno Monteiro, 104-AB. Telef. 831504; **CAPUCHOS** - Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Telef. 572076; **S. A. E. SILVA FILHOS** - Rua São João da Mata, 72-74. Telef. 661010; **DMAR** - Rua Conde de Monsaraz, 17-B. Telef. 842533; **SOARES** - Av. Álvares Cabral, 1. Telef. 684282; **VITEZ** - Est. de Benfca, 373-B. Telef. 780548; **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A. Telef. 970880; **NOVA** - Rua Apores, 11-A. Telef. 910305; **PIMENTEL** - Az. dos Bezueros, Lt. R8. **MATOS** - Tv. Pratas (Viv. Morgadunho). Telef. 2519939.

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães. Até às 21 horas; **ALCABIDECHIE** - Carvalhal. Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferraria Bastos. Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central. Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Villar. Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B. (Telef. 260085). Até às 21 horas; **OEIRAS** - Mourão Vaz - Av. Moçambique, 18-C. (Telef. 2473196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal. Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Aleir - Av. Gago Coutinho, 8. Calças. (Telef. 2479380). Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro Mendes. Até às 21 horas; **MURTAL** - Primavera - R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278). Até às 21 horas; **AMO-REIRA** - Amoreira (Telef. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTES-ESTORIL** - Ostende - R. de Espinho, 1 (Telef. 260391). Até às 21 horas; **Cordeiro** - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170). Até às 21 horas; **CASCAIS** - A. Costa - R. Freitas Reis, 24 (Telef. 280214). Até às 24 horas e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA - Galeno - R. Capitão Leitão, 85-B. (Telef. 2760565); **COVA DA PIEDADE** - Louro - R. Alexandre Herculanio, 6-B. (Telef. 2763517); **LA-**

RANJEIRO - Feljó - R. Borges Rego, 7 (Telef. 2493224); **COSTA DA CAPARRICA** - Carlos - Av. do Mar, 34-A (Telef. 2401060). Quinta de St. António; **SESIMBRA** - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028); **BARREIRO** - Normal - Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035); **AMORA** - Matos Lopes - R. 1.º de Maio, Lote 401 (Telef. 2216355); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **MONTIJO** - Montepio - R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Telef. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA - Amadora - L. 25 de Abril, 3-A (Telef. 935518). Permanente; **Clabell** - R. António Sardiña, 23-D (Telef. 938551). Até às 22 horas; **DAMAIA** - D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ** - Vasconcelos; **CACÉM** - Santos Silva - L. 25 de Abril, lote 135. Apelação (Telef. 2513158); **CACÉM** - Araújo e Sá - Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Telef. 2940781); **MEM MARTINS** - Quilma - Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012). Permanente; **AGUALVA** - Cacém - Mira Sintra - P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont. Torres, 8 (Telef. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA** - Gomes da Silva (Portela). Permanente; **COLARES** - Abreja (Telef. 299088).

MOSCAVIDE - Pedro Gomes - Até às 22 horas; **SACAVÉM** - Soares - (Tel. 2518025) Permanente

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

ALVES DA SILVA - Av. da Boavista, 1016. Tel. 60342; **AZEVEDO** - Rua de Azevedo, 136. Tel. 52344; **GOMES FERREIRA** - Rua Faria Guimarães, 449. Tel. 481907; **NAU VITÓRIA** - Rua Nau Vitória, 723. Tel. 490427; **ORDEM DA TRINDADE** - Rua Heróides Mártires de Angola, Tel. 27420; **CONFIANÇA** - Rua de Santa Catarina, 960. Tel. 22884; **FALCAO** - Rua de Santo Ildefonso, 61. Tel. 21566; **FERREIRA** - Pr. D. Afonso V, 55-B. Telef. 681975

(De dia e toda a noite)

ANTAS - Av. Fernão de Magalhães, 1076. Tel. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** - Campo Mártires da Pátria, 122. Tel. 24262; **LOUSADA** - Largo do Campo Lindo, 62. Tel. 480353.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
MONTES CLAROS - R. Dr. António J. Almeida, 69. Tel. 25904; **CRUZ VIEGAS** - Rua do Brasil, 154. Tel. 74821.

AGFAMATIC 3000 flash pocket Uma ideia luminosa!



conforto de cinema e efeitos

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Não acons. 18 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30
INTERIORS
De Woody Allen
SALA B
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45
13 anos
Comédia
UMA MULHER FURACAO
Com Talla Shire e J. Cortese

ALVALADE 897480

Av. de Roma
às 21.30 para todos
SISSI
Jovem Imperatriz
com Romy Schneider, Harald Heyn Bohm

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 15-18.15-21.30 e 0.30
Interd. men. 13 anos
Natassia Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson em

TESE

um filme de Roman Polanski
colorido

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
Há sítios onde a Mafra não devia entrar...
O DESMANCHA PRAZERES
c/ Bernardette Lafont-Michel Galabru

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BEM-VINDO, MISTER CHANCE
Um filme de Hal Ashby
Com Peter Sellers, Shirley MacLaine e Melvyn Douglas
TECHNICOLOR

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
a partir de hoje às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
irmãos marx, Maureen O'Sullivan em
UM DIA NAS CORRIDAS
um filme de Sam Wood

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30, 21.30
Não acons. men. 18 anos
FLORES QUE VIVEM NO LODO
Com Françoise Fabian e Ernest Borgnine
Um filme de Armando Mannuzzi
2.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15-16.30-19 e 21.30
Int. men. 13 anos
O BRINQUEDO
com Nino Manfredi e Mariene Jobert
Às 23.45 - **DO INFERNO À VITÓRIA** - não acons. men. 13 anos
com George Peppard e George Hamilton

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Interd. men. 18 anos
-Uma sessão de rock-porno, como nunca se viu em cinema!
Pornográfico - hardcore
DISCO-SEXOMANIA
Às 24 horas
Int. men. 18 anos
MELODIA PARA UM ASSASSINO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Interd. men. 13 anos
A REPUBLICA DOS CUCOS
Freneticamente cómico
3.ª semana
Às 24 h
Não acons. men. 18 anos
DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
às 14, 16.30, e 21.30
não acons. men. 13 anos
OS DRAGÕES DE KUNG-FU
filme de Roc Tien
com Hin Chan, Chern Horng e Kung Kai

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.40, 19 e 21.30
Interd. men. 18 anos
A LARANJA MECÂNICA
Com Malcolm McDowell e Patrick Magee
Às 23.45
Interd. men. 18 anos
A ÁRVORE DOS TAMANCOS

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
Às 15.30, 18 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A ILHA

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damala
Às 21.30
OS 4 DA VIDA AIRADA
um filme de Peter Yates
com Dennis Christopher e Dennis Quaid
não acons. men. 13 anos

CINEMATECA PORTUGUESA

Rua Barata Salgueiro, 39
Às 17 e 21.30
Ciclo David Wark Griffith
Programa 15
ISN'T LIFE WONDERFUL (1924)

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Bruce Lee em
A FÚRIA DO DRAGÃO, II
Um filme de William Beaudine
Int. men. 13 anos
Colorido

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
Suspense alucinante num filme de Alain Jessua
O PLANO ARMAGEDON
Com Alain Delon e Jean Yanne
Em complemento A FLOR E A VIDA
documentário colorido produzido e realizado por Francisco Saalfeld

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
O filme que o fará saltar da cadeira!
OS KISS E OS FANTASMAS
No programa: A FLOR E A VIDA de F. Saalfeld

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
CARO PAPA
um filme de Dino Risi

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15-18.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
Barbara Bach e Mel Ferrer em
O JACARÉ
(Le Cavalier)
Um filme de Sérgio Martino

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
É uma explosão de amores e humores...
O SEDUTOR
(Le Cavalier)
Com Annie Girardot e Jean Rochefort

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
A MÚSICA NÃO PODE PARAR
«Can't Stop the Music»
Som: Dolby Stereo
Com Alexander Briley e David Hodo

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30-18.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
JAGUAR
O Médio Oriente e o Mundo
à beira do abismo
Um filme de Ernest Pintoff
Com Joe Lewis, Christopher Lee e Barbara Bach Capucine

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14-16.30-19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
David Carradine, Bill McKinney, Veronica Hamel em
CANNONBALL
David Carradine, Bill McKinney, Veronica Hamel em
CANNONBALL
a grande competição
Um filme de Paul Bartel
COLORIDO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 13.45, 16.15, 19 e 21.30
Interd. men. 18 anos
LA LUNA
realizador Bernardo Bertolucci
o filme terá início logo após o começo das sessões
6.ª semana

NOVOCINE 840678

Av. General Rôças, 7
Às 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
quando um polícia se passa para o outro lado por dever e ... resolve não regressar!
JOGO DUPLO
com Bruno Cremer e Amy Duperey

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
A GRANDE PAIXÃO DE EMY WONG - 2.ª semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15-16.30-19 e 21.30
Interd. men. 13 anos
A FÚRIA DO DRAGÃO

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O INSPECTOR MARTELADA NO NILO
Com Bud Spencer e Cinzia Monreale

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16
SALA 1 - 15.00, 17.30, 20.30 e 23h
ALL THAT JAZZ
SALA 2 - 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24h
ALL THAT JAZZ
SALA 3 - às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h
Não acons. men. 13 anos
MANHA SUBMERSA
SALA 4 - às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30
Int. men. 18 anos
A ÁRVORE DE GUERNICA

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
reposição de um filme inesquecível!
OS COMANCHEIROS
com John Wayne, Stuart Whitman, Ina Balin e Lee Marvin

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Uma estrela fabulosa!
A MÚSICA NÃO PODE PARAR
«Can't Stop the Music»
O grande filme musical dos anos 80!
2.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
JAGUAR
Com Christopher Lee e Capucine
COLORIDO
às 18.45 não acons. men. 13 anos
ELVIS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Para todos
Um filme deslumbrante!
O CAVALO NEGRO
Com Kelly Reno e Mickey Rooney
4.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
QUERES OU NÃO QUERES
Com Ali Mac Graw e Alan King
3.ª semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Uma comédia divertidíssima.
UM CASAMENTO MUITO ORIGINAL
Com Perry King e Meg Foster

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
ALGUÉM LÁ EM CIMA GOSTA DE MIM
«oh, god»
Com George Burns, Jonh Denver e Terri Gar
3.ª semana de exibição

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Richard Gere, Lauren Hutton
Panavision
AMERICAN GIGOLO
Um filme de Paul Schrader
Metrocolor
8.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de gargalhadas e pancadaria
O INSPECTOR MARTELADA NO NILO - 2.ª semana
XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Interd. men. 13 anos
E COM MALA O DINHEIRO VOLTOU
Com Claude Brasseur

Teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Não Deites Foguetes» às 20.30 e 22.45 18 anos
TEATRO DA GRAÇA - Às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - Às 21.30 (13 anos) «Jardim Zoológico de Cristal»
MONUMENTAL - Às 21.30 (13 anos) «A Gravata»
TEATRO ABERTO - Às 21.45 (13 anos) «O Guardião do Rio»
COMUNA - Às 22.00 (13 anos) «Viver Mulher»
ADÓQUE - Às 21.00 (18 anos) «Chica Este é o Bom Governo de Portugal»
SPA - Às 21.30 (13 anos) «E Menino ou Menina?»
ACADEMIA ALMADENSE - Às 21.30 (13 anos) «Que Farei com Este Livro?»

Outros Espectáculos

Lisboa
CONDES - «Uma Aventura em Atenas» às 21.30 (13 anos)
CAPITOLIO - «A Caixa dos Prazeres» às 19, 21 e 23 (18 anos)
CINEARTE - «Matas, Fugir ou Morrer» às 21.30 (13 anos)
PARIS - «Dominique» às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Hércules o Conquistador» às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «Quadros Vivos» permanente (18 anos)
ROYAL - «Desculpe onde fica o Far West» às 21.30 (13 anos)
LUMIAR - «O Gigolo» às 21.30 (18 anos)

outros cinemas

PROMOTORA - «Nashville», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «O Amigo Americano», às 21.30 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «All That Jazz», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «O Clã dos Sicilianos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Correndo para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Mulher sem Medo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «Dois Honrados Vigaristas», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «Kramer contra Kramer», às 21.30 (13 anos)

PORTO PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 320211/2-3
Publicidade - 368/40

Agentes: Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (dep. das 21h)
Porto - 321154
Redacção 320211/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegrafico: **DI80A**
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO: Rua do Almada, 30 2.
Telefones 20954/5 4100 PORTO

Festival Internacional de Cinema de Santarém

«Mueda, Memória e Massacre», apresentado como o primeiro filme de enredo moçambicano e realizado por Ruy Guerra, abriu ontem a secção de longas metragens do Festival Internacional de Cinema de Santarém.

Dezanove países estão representados neste festival, sendo a maior parte das obras de temática agrícola e ecológica, mas estando simultaneamente programadas sessões com filmes de Chaplin, a quem é dedicado um ciclo, David Ward Griffith, Eisenstein, Reiner Fassbinder e outros.

O certame atribui três grandes prémios. Um prémio especial para «valores humanos» e três «cachos», a partir de classificações estabelecidas por um júri constituído para o efeito.

A cinematografia portuguesa está representada por diversas curtas e longas metragens e com os filmes de fundo «Verde por Fora, Vermelho por Dentro», de Ricardo Costa e «Manhã Submersa», de Lauro António.

Carlos Brito na «Declaração» de Campanha

«Mário Soares? Propósito estudado e habilidosamente executado»

— afirmou em conferência de Imprensa

«Uma chave para a clarificação do processo eleitoral para o presidente da República» — assim definiu o dirigente comunista Carlos Brito, a apresentação da sua candidatura às próximas eleições presidenciais na conferência de Imprensa realizada esta manhã.

Primeiro, Carlos Brito leu a sua «Declaração como candidato presidencial». «Derrotar Soares Carneiro» será a tarefa principal do PCP. Depois, no mesmo documento, o PCP aponta as «orientações fundamentais» de que se deve revestir a acção do Presidente da República: «Respeitar a Constituição; assegurar os direitos, liberdades e garantias; assegurar a estabilidade e o prosseguimento das transformações económicas e dar uma contribuição activa para a realização de uma política nacional conforme com a vontade e as aspirações populares.»

Para combater e desmascarar a «candidatura da reacção», o PCP e Carlos Brito orientarão a campanha pelo «esclarecimento do significado destas eleições presidenciais e a importância dos seus resultados na vida do povo português; na contribuição activa para a mobilização do eleitorado antifascista, lutando contra a abstenção, com vista a assegurar a derrota do candidato das forças reacçãoárias e a criação de condições mais favoráveis à unidade e entendimento



entre as forças democráticas e entre todos os antifascistas, como condição essencial para a defesa e prosseguimento da democracia portuguesa».

O «tom» da campanha de Car-

los Brito será esta, segundo a «Declaração». A uma nossa pergunta, se o candidato comunista não seria mais «interventista» e menos «programático», face à própria campanha presidencial,

Carlos Brito declarou que isso se veria ao longo das diferentes etapas da campanha. No entanto, e mesmo ali, o «tom» mudou perante algumas perguntas sobre os outros candidatos. Soares Carneiro, Mário Soares, Otelo Saraiva de Carvalho e Aires Rodrigues foram os mais atacados pelo candidato comunista. Quando lhe perguntaram se a atitude de Mário Soares seria apenas uma «gaffe» política, Carlos Brito foi peremptório: «De maneira nenhuma, trata-se de um propósito firmemente reflectido, friamente estudado e habilidosamente realizado.»

Carlos Brito acrescentou que «Mário Soares colaborou na operação de branqueamento do passado do candidato da reacção» e fez «uma grande aposta contra o candidato melhor colocado para derrotar o candidato da reacção».

Várias vezes, Carlos Brito utilizou a expressão «curva apertada» (utilizada por Álvaro Cunhal na entrevista de 22 de Outubro a este jornal) para se referir à actual conjuntura política. «Nesta 'curva apertada', a candidatura do PCP foi classificada como uma das 'chaves de clarificação'».

Quanto a eventual desistência de Carlos Brito à boca das urnas, isso só será formalmente decidido mais tarde, numa reunião do Comité Central do PCP.

Comissão de Descolonização da ONU defende independência de Timor

nação e independência.

O projecto de resolução, que foi apresentado pelo Zimbábue e co-patrocinado por mais de vinte países, entre os quais todos os países africanos de expressão portuguesa, refere-se ao comunicado do Governo português como um primeiro passo para o livre exercício daqueles direitos.

O projecto de resolução foi aprovado por 58 votos a favor, 35 contra e 42 abstenções.

Em relação à votação do ano passado, o resultado não registou grandes modificações, apesar de um aumento de 4 votos contra. Dos países da Europa Ocidental, apenas a Grécia

votou a favor desta resolução. Os restantes mantiveram a sua política de abstenção, à qual se juntou a Suécia, que anteriormente votara a favor. A Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos e Japão, juntamente com os países da ASEAN, votaram contra.

Membros da delegação portuguesa nas Nações Unidas mostraram-se satisfeitos com o resultado, afirmando que o facto de este não se ter alterado substancialmente demonstra o insucesso da Indonésia em convencer as Nações Unidas de que o problema já se encontra resolvido.

Em contrapartida, representantes da FRETILIN declararam-se desapontados, deplorando a «hipocrisia» do bloco soviético que, na sua maioria, se absteve e notando que a iniciativa do Governo português não influenciou os votos dos países ocidentais.

Quando este projecto de resolução foi submetido a aprovação final pela assembleia geral, esperava-se que conseguia angariar mais alguns votos positivos, devido ao número de países ausentes na votação de hoje, e ao facto do Lesoto, um dos co-patrocinadores, se ter hoje absterido, no que se admite ter sido um erro do seu delegado.

Eanes responde a Soares

Continuação da pág. 1

dendo novamente a ideia de que é necessário encontrar uma maioria parlamentar de dois terços que permita o respeito pelas regras constitucionais referentes à revisão.

Deverá recusar também quaisquer modalidades de concentração de poderes, que pu-

dessem ameaçar a consolidação da democracia e que abrissem ao exercício autoritário do poder.

A nossa fonte garantiu-nos ainda que o Presidente definirá como guia orientador da sua actividade em Belém, se reeleito, a defesa dos valores democráticos, opondo-se por isso, a com-

portamentos repressivos e a qualquer forma de perseguição pessoal e política que possam originar um clima de insegurança e intolerância e medo.

Durante o encontro com os membros da CNARPE, que se realiza ao fim da tarde no Hotel Altis, Eanes anunciará para breve a apresentação pública de um programa de acção política.

O bloco central e as suas funções será um outro tema a ser abordado pelo Presidente da República. Eanes defenderá a sua necessidade não para alterar o quadro partidário existente ou para lançar as bases de um novo partido, mas como solução pragmática para problemas existentes.

Ao mesmo tempo, espera-se que sublinhe a sua distância relativamente a modelos políticos militaristas e terceiro-mundistas, definindo-se como defensor do conjunto de valores políticos que definem a civilização ocidental e, nomeadamente, do pluralismo político.

Assembleia da República reabre dia 13

A Assembleia da República, para uma nova legislatura de quatro anos, vai reabrir no próximo dia 13 (10 dias depois da publicação dos resultados eleitorais no «Diário da República») com uma composição diferente da anterior.

A AD, nesta nova Assembleia, possui mais 18 deputados que o total da Oposição. O PSD tem 82 deputados dos resultados eleitorais no «Diário da República») com uma composição diferente da anterior.

A AD, nesta nova Assembleia, possui mais 18 deputados que o total da Oposição. O PSD tem 82 deputados dos resultados eleitorais no «Diário da República») com uma composição diferente da anterior.

A abertura não surge, no entanto, pacífica para os partidos da AD, particularmente para o CDS, na questão, sobretudo, da eleição do Presidente da Assembleia da República. José Ribeiro e Castro, porta-voz dos centristas declarava esta manhã a um matutino de Lisboa, em resposta a Ângelo Correia que adiantava a decisão do PSD de apoiar a candidatura de Almeida para o cargo de presidente da AR, que «uma candidatura comum da AD terá de ser decidida em conjunto». Mais claro: «O PSD tem obviamente, como grupo parlamentar, o direito de propor para Presidente da Assembleia da República quem muito bem entender. Contudo, só existirá um candidato da AD, com o apoio garantido de todos os grupos parlamentares da maioria, na medida em que essa candidatura traduza um acordo dos respectivos partidos, na sequência de um processo de negociações franco e completo, o que, neste momento, não sucede».

Ribeiro e Castro defende um sistema de rotatividade, «uma vez que o cargo de Primeiro-Ministro (o presidente do Governo, portanto) pertence já ao PSD».

Ainda em resposta a Ângelo Correia, Ribeiro e Castro diz não acreditar que o PSD tenha decidido «só discutir para o ano» questões e propostas do CDS sobre este tema.

«Não me parece que isso corresponda à verdade, na medida em que essas questões, sendo prévias, levariam naturalmente o CDS a discutir só para o ano a candidatura do dr. Leonardo Ribeiro de Almeida ou de qualquer outro deputado social-democrata».

EXTERNATOS

Séneca

ENSINO DE QUALIDADE
Telf. 40092-822776-823531

MOBÍLIAS

MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUIS XV XVI
D. JOSE
D. JOAO V
ETC.

FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCAS DE MOBÍLIAS USADAS
ARMAZENS MÓVEIS JORGE
AV. ALMIRANTE REIS, 35
(DEFRENTE DA IGREJA DOS ANJOS)

O mundo nas suas mãos...
connosco!



Em negócios ou turismo, evite problemas desnecessários. Nós asseguramos-lhe a sua deslocação para qualquer parte do mundo. Não se esqueça!

EUROPE

UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778062
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Vv. Sant'Ana
Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

JOGOS DE MAPLES E SOFÁS-CAMA

COMPRE NO FABRICANTE

TEMOS EM EXPOSIÇÃO GRANDE VARIEDADE E EXECUTAMOS TODOS OS MODELOS
Facilidades de pagamento

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110

(Perto Praça do Chile)

América Latina: O que é o «Serviço Paz e Justiça»
África: Estratégia de exportação de mão-de-obra para Pretória
China: A «desmaoização» e o culto da personalidade
RDA: Os sindicatos de autarquias
Cabo Verde: A rádio ao serviço das populações

FRANÇA

Sentinela neocolonialista no continente africano

■ Hugo Luis
□ Prensa Latina

A França possui um complexo estruturado de estabelecimentos militares, instituições, acordos de defesa e redes de informação de todo o tipo que lhe permitem erigir-se em guardião do neocolonialismo em África e em protectora dos seus interesses e dos seus aliados.

Este sistema começou a formar-se no período em que a França era a primeira potência colonial do continente e foi reforçado quando iniciou a sua retirada política, há duas décadas, a fim de garantir que a África continuasse a fornecer-lhe matérias-primas e a importar-lhe capitais e produtos acabados.

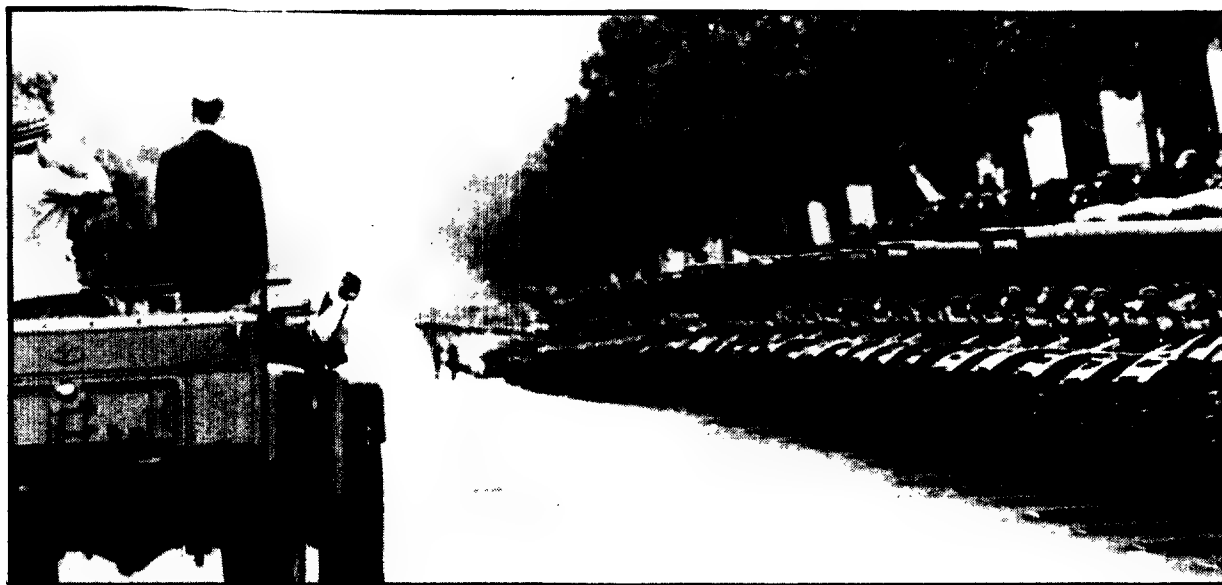
Para isso dispõe, independentemente de unidades especiais com sede no território francês, de dispositivos militares permanentes no Senegal, Alto Volta, Costa do Marfim, Gabão, República Centro-Africana e Djibuti.

Só em Djibuti, a maior das suas instalações em África e significativamente o seu último enclave colonial no continente, tem destacados cerca de quatro mil efectivos e várias esquadrilhas de Mirage III. Recorde-se que Djibuti se encontra situada na entrada do Mar Vermelho entre a Etiópia e a Somália e garante o rápido acesso à península arábica.

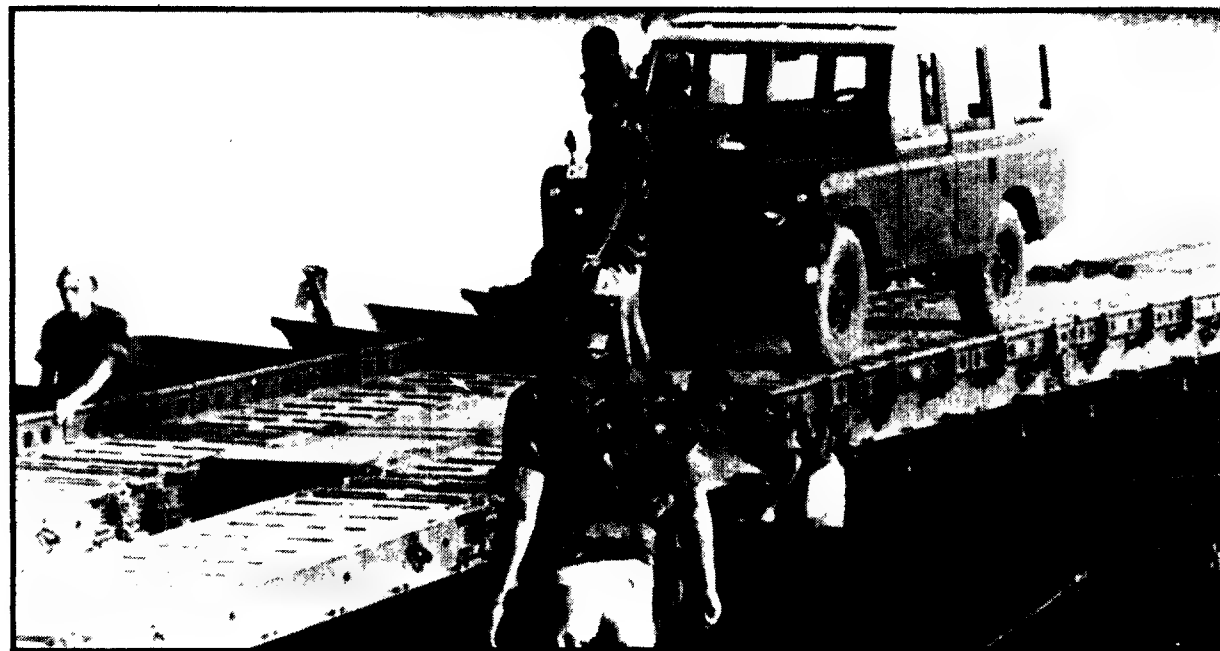
Na Mauritânia e no Tchade também existiram até este ano instalações militares, evacuadas entretanto pelos franceses, após a insistência dos Governos de Nuackhott e N'Djamena.

Os olhos e os ouvidos destas unidades espalhadas por África, independentemente dos equipamentos técnicos, são: os especialistas que percorrem o continente de um extremo ao outro; alguns africanos dispostos a colaborar com a sua antiga metrópole; as instituições oficiais, muitas delas gozando de imunidade, e os militares que, ao abrigo de acordos de assistência, estacionam em 18 Estados africanos.

O pretexto legal para proteger os seus interesses e facilitar inclusive a intervenção armada, como aconteceu no Zaire, na Re-



Gliscard, de costas para a África, de frente para os canhões



Retirada dos efectivos franceses do Tchade

pública Centro-Africana e no Tchade, são os acordos e tratados de defesa subscritos na sua maioria antes da independência.

Isto permite que a França desembarque as suas tropas para impedir a queda de um favorito (Mobutu do Zaire), provocar o derrube de uma figura descreditada (Bokassa do «Império» Centro-Africano) ou evitar a solução de um conflito (Tchade).

Os elementos mais seguros desta engrenagem são hoje as forças francesas de intervenção, compostas pelo segundo Regi-

mento Especial de Para-Quedistas, da XI Divisão, com base na Córsega; e os fuzileiros comandos da Armada, pertencentes à IX Divisão de Infantaria da Marinha, estacionados na Bretanha e treinados para desfilar com as suas boinas verdes em solo africano.

Essas forças totalizam uns 23 mil homens.

Existe também um Grupo de Intervenção da Guarda Nacional (GIGN), uma pequena equipa composta por 100 «James Bond» com mobilidade própria, e que até

agora só foi utilizado para dirigir as operações militares em Meca (aquando do assalto à mesquita).

O semanário francês «Le Point», referindo-se a essa acção de Novembro de 1979, que foi ferozmente reprimida, afirmou que cinco especialistas da GIGN deram instruções aos sauditas sobre o modo como haviam de «limpar» a mesquita de rebeldes.

Depois, acrescenta o mesmo semanário, a França obteve um substancial pedido de fornecimento de equipamento militar para o reino saudita. Por sua vez, «Le

Monde» anunciou que a França conseguiu também a prorrogação por três anos de um contrato de fornecimento de petróleo.

Estes dispositivos e os planos de reforço com certos elementos locais não são alheios às ambições dos estrategas da NATO sobretudo depois do derrube do colonialismo português ter levado em 1976 o Pacto do Atlântico a concluir, numa reunião do seu Comité Militar, que se havia criado um perigoso vácuo a sul do Trópico de Câncer.

Ante esta nova táctica delineada pela Aliança Atlântica à qual pertence a França, a distribuição dos dispositivos militares franceses no continente africano reveste-se da maior importância, sobretudo porque se destina a criar em torno dos países progressistas da região um ambiente hostil e a evitar qualquer mudança nos territórios que controlam.

Tudo isto se passa, apesar de o Eliseu, nos tempos do general De Gaulle, ter decidido afastar-se do aparelho militar da NATO e actuar com relativa independência.

A distribuição do dispositivo militar francês visa dois objectivos: militares, que já referimos, e económicos. Na verdade, as forças francesas estacionam em zonas fornecedoras de matérias-primas e, em muitos casos, em Estados que, devido à instabilidade interna, poucas garantias oferecem de futuro à antiga metrópole.

Exemplos: o Marrocos, que fornece à França cerca de 40% do fosfato que esta consome, e da qual recebe importantes quantidades de equipamentos militares para combater a Frente Polisário; o Zaire, abalado por uma bancarrota económica crónica e onde os pára-quedistas franceses já por duas vezes fizeram «acto de presença», para garantir, entre outras coisas, que Paris continue a receber 63% do cobalto que a sua indústria exige.

Por outro lado, a França adquire e transporta para a Europa carregamentos de matérias-primas não renováveis como cobre, platina, ferro, crómio, vanádio, manganés, urânio, ouro, diamantes e petróleo que provêm do Senegal, Togo, Mauritânia, República Centro-Africana, Tchade, Níger e África do Sul.

Os destacamentos militares franceses em África correspondem também ao interesse de estabele-

A PROPÓSITO DO "PRÉMIO NOBEL DA PAZ" PARA ESQUIVEL

O que é o "Serviço Paz e Justiça" para a América Latina



O Prémio Nobel da Paz, Pérez Esquivel, fotografado na sua casa de Buenos Aires junto a uma escultura em tamanho natural do Mahatma Gandhi, cujos ideais promoveu e divulgou na Argentina

■ Luis Alberto Jara
□ IPS

SANTIAGO DO CHILE — O «Serviço, Paz e Justiça» (SERPAJ) para a América Latina, é «uma organização de direito privado, de inspiração cristã e não-violenta que promove acções solidárias e formativas na perspectiva de construir uma sociedade, superando as dominações». Assim definiram os dirigentes do SERPAJ-Chile, o organismo regional que ganhou foros de actualidade a 13 de Outubro último com a indicação do seu líder, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, como Prémio Nobel da Paz 1980.

Pérez Esquivel e o SERPAJ da América Latina tinham estado presentes em acções de defesa dos direitos humanos, todavia estes casos foram muito pouco divulgados. Por isso é que a obtenção do Nobel pelo cidadão argentino de 49 anos, constituiu uma surpresa até no seu próprio país.

Nuna conferência de Imprensa realizada a 15 de Outubro, na sede do SERPAJ-Chile, os dirigentes do secretariado chileno Fernando Aliaga e Domingo Namuncura, explicaram que o líder da organização cristã «não é uma figura de primeiro plano como monsenhor Hélder Câmara, do Brasil, por exemplo, porque realizou um trabalho muito valioso entre os humildes, na base popular e não pretendeu ser conotado publicamente».

Actualmente, disseram, a projecção do SERPAJ enfrenta-se com dois problemas: a) a «incompreensão dos postulados da não-violência que é marcada no estilo de Gandhi ou Luther King. Na

América Latina a não-violência adquiriu novas conotações, pois não só se realizam protestos apoiados pela greve da fome, como também se está acedendo à organização de base»; b) a não-violência «procura espaço para um projecto de nova sociedade, mais justa», acentuou Namuncura. E os dirigentes chilenos salientaram que na América Latina «a não-violência desenvolveu-se com mais vigor porque nesta região os povos foram vítimas duma forte repressão. A não-violência não significa pacifismo. É uma acção constante para transformar as injustas estruturas da sociedade latino-americana. As acções que o SERPAJ desenvolve, orientam-se para a educação popular, organização de base, mobilização de grupos e acções concretas que se desenvolvem no âmbito cristão».

Como exemplo, revelaram que em anos recentes o SERPAJ-Chile habilitou uns dois mil dirigentes de base, abriu escolas em localidades periféricas, realiza um activo trabalho entre os mineiros do carvão de Lota — a 550 quilómetros ao sul de Santiago —, está presente entre os trabalhadores do Norte, Centro e Sul do país e entre os camponeses, desempregados, mulheres e organizações comunitárias.

O SERPAJ-Chile, disse Aliaga, «realizou uma mobilização activa em 1978, participando numa liturgia solidária com familiares de detidos desaparecidos. Em finais desse ano houve uma manifestação de massas e em Outubro efectuaram-se as jornadas de solidariedade com os pobres da América Latina».

Ambos os dirigentes recordaram que em 1979 participaram numa greve da fome em apoio aos familiares de detidos-desaparecidos e realizaram um acto solidário de protesto pelo assassinio de monsenhor Oscar Romero, bispo de El

Salvador.

«A não-violência não é património cristão. É património da humanidade. O movimento SERPAJ não é excepção», salientaram os dirigentes do SERPAJ-Chile.

O SERPAJ latino-americano foi estruturado em 1968, em Montevideo, (Uruguai) e nos anos a seguir realizaram-se encontros na Costa Rica (1971); Medellín, na Colômbia (1974); Buenos Aires (1975). Em 1977 a organização adquiriu um vigoroso impulso após a conferência de bispos latino-americanos sobre a não-violência evangélica. Na reunião de Medellín, na Colômbia, os bispos definiram a não-violência como «força social inspirada no evangelho e libertadora do homem». Em 1978 realizou-se um encontro de coordenação na Colômbia e o ano passado um outro no Brasil.

Actualmente, a organização está integrada na «área do Cone Sul Atlântico» (Argentina, Brasil e Chile, com sede central em Buenos Aires); área andina (em formação) e Centro, Norte, Caribe (que inclui países da América Central com sede no Panamá).

O documento «A não-violência activa: força de libertação», do SERPAJ, expressa «que na América Latina vivemos num contexto de violências que Medellín (Colômbia) e Puebla (México) chamaram de «violência institucionalizada». É «a violência dos poderosos». «A violência oprime em particular os pobres: não têm trabalho, não têm acesso à educação, vêm-se marginalizados dos cuidados de saúde».

O SERPAJ postula que «a resposta cristã à violência é de ruptura com a injustiça. Uma recusa que se compromete na construção duma sociedade sem dominações. Por isto, a não-violência evangélica é essencialmente uma força de libertação».

FRANÇA

Sentinela neocolonialista

cer pontos de sentinela na rota do petróleo que orla o continente, missão essa para a qual dispõem de pequenas ilhas com destacamentos permanentes no Canal de Moçambique e áreas vizinhas.

Essas pequenas ilhas — Gloriosas, Baixas da Índia, Europa e Tromelin do outro lado do canal — ficaram anexadas a Madagascar antes da concessão da independência a esse Estado, e nelas foram instalados dispositivos para vigiar o tráfego marítimo, além de outras instalações estratégicas.

Paralelamente a esta prática da presença armada directa e de operações de vigilância, a França

promove entre os seus sequeiros no continente, encabeçados pelo presidente senegalês Leopold Senghor, a criação de uma força interafricana equipada e «supervisionada» por Paris. A rejeição oposta a este projecto pelos países africanos, que se aperceberam claramente dos perigos que encerra, fez com que até hoje tais planos nunca tivessem passado do papel.

Mas Paris não consegue evitar uma crescente dependência da sua indústria em relação às matérias-primas africanas e, por isso, não vai deixar de recorrer à força e a manobras diversas para continuar a pilhar o continente e a manter as suas posições neocolonialistas.



Para-quedistas franceses «caem» sobre o Zaire para assegurar a continuação do poder de Mobutu e defender os interesses franceses no país

Estados africanos independentes debatem estratégia de exportação de mão-de-obra para Pretória

■ António Makwala

□ IPS

Todos os anos milhares de trabalhadores migrantes de Moçambique, Zimbabwe, Lesotho, Botswana e Suazilândia chegam às minas da África do Sul. Durante décadas e décadas, as colónias africanas portuguesas e britânicas constituíram grandes fontes de recursos humanos — mão-de-obra barata — para as minas e indústria sul-africanas. A África do Sul ditava mesmo as condições de trabalho, embora uma vez ou outra se visse obrigada a adoptar certas melhorias para fazer face às lutas laborais.

O sistema foi, sem sombra de dúvida, muito proveitoso para a África do Sul.

Em 1977, os ministros do Trabalho de vários países da África Austral reuniram-se em Maseru, capital do Lesotho, para iniciarem um debate em torno do problema dos trabalhadores migrantes e para organizarem uma estratégia destinada a enfraquecer o poder da África do Sul nesta matéria.

Um ano mais tarde, em Lusaka estabeleceu-se uma «Comissão Laboral Sul-Africana» (CLSA) na sequência de um encontro de países da África Austral e de outras zonas do continente. A CLSA ficou encarregada de estudar toda a problemática do trabalho migrante e elaborar as primeiras propostas para modificar o sistema actual.

Na semana passada, os ministros de Moçambique, Lesotho, Botswana, Zimbabwe, Malawi,

Zâmbia e Suazilândia reuniram-se em Mbabane para elaborarem em conjunto uma política quanto ao demorado processo tendente a modificar o sistema vigente dos trabalhadores migrantes para a África do Sul. Analisaram as condições de recrutamento, alojamento e trabalho desses trabalhadores e o novo sistema de compensação que se projecta aplicar.

Também se discutiram projectos de desenvolvimento em cada um desses países com vista a absorção de parte dessa força de trabalho que agora é explorada pela África do Sul. Estudaram-se igualmente as possíveis fontes de recursos e projectos técnicos para concretizar esses planos.

O ministro moçambicano da Justiça, Teodato Hunguana, que assistiu ao encontro de Mbabane em substituição do ministro do Trabalho do seu país, considera que as conversações tiveram êxito: «Conseguimos elaborar um estudo sobre o problema do trabalho migrante baseado nas nossas próprias análises e investigações e não já em receitas fabricadas por instituições alheias à nossa realidade» — disse aos jornalistas, de regresso ao Maputo.

«A questão do trabalhador migrante na África do Sul — prosseguiu — não é um problema isolado. A sua solução está ligada a toda a estratégia que se formulou este ano em Lusaka com a reunião cimeira dos nove países da África Austral e cuja aplicação exige que se lute contra a política sul-africana tendente a criar uma constelação de países controlados por Pretória.»

O objectivo do actual debate em torno do trabalhador migrante «não consiste em abolir esse trabalhador da África do Sul, mas sim em modificar o actual sistema que foi elaborado durante a dominação colonial e que serve os interesses e as necessidades da indústria mineira sul-africana» explicou ainda o ministro.

E acrescentou que, mesmo depois de terminado o regime do «apartheid» na África do Sul e dentro do sistema dos trabalhadores migrantes subsistiriam as actuais condições no contexto de «relações económicas normais entre os Estados independentes da África Meridional».

Em Mbabane, Hunguana afirmou que a dependência a que estão submetidos os países da África Austral só pode modificar-se mediante um processo de desenvolvimento nesses mesmos países, através do qual sejam eliminados o desemprego e o subemprego. Acrescentou que a posição de Moçambique perante o problema era a de conseguir o desenvolvimento necessário até atingir um nível tal que lhe permita diminuir o potencial de mão-de-obra obrigado a emigrar.

Acrescentou que os principais resultados obtidos em Mbabane foram a decisão de apresentar um relatório pormenorizado sobre o problema do trabalhador migrante no Congresso do Maputo — onde se reunirão em Novembro próximo representantes dos nove países da África Austral — e a decisão de convidar o Congresso Nacional Africano (movimento de libertação da África do Sul) e a SWAPO (movimento de libertação da Namíbia) como observadores à CLSA. «Outra decisão importante — disse o ministro — foi o da criação de um secretariado-geral para a CLSA».

Nestes últimos anos, a África do Sul enveredou por uma política de modernização mineira, que exige o incremento da mecanização e do recrutamento de mão-de-obra interna. Contudo, isto não significa que vá deixar de importar trabalhadores.

Hunguana afirmou que os trabalhadores moçambicanos emigrados na África do Sul constituem uma grande necessidade para a indústria mineira sul-africana, sendo que a maioria dos mineiros moçambicanos é bem qualificada. Por isso a África do Sul não poderá substituí-los a breve prazo.

Quanto às alterações que se pensam fazer, Hunguana mencionou a questão dos salários, das condições de vida, do trabalho e da vida familiar (os trabalhadores mineiros não estão autorizados a levar a família para a África do Sul).

«A questão de melhores salários é um dos aspectos importantes pelos quais os trabalhadores de todos os países lutam permanentemente, mas não nos podemos limitar a essa exigência. Há que exigir em globo melhores salários, melhores condições de trabalho, melhores condições de vida. Mesmo naquelas minas onde até se conseguiu melhorar a situação depois de um aumento da produtividade. A verdade é que na África do Sul os trabalhadores são tratados como simples máquinas» — concluiu o ministro Teodato Hunguana.

FOTO
EXCLUSIVO

«Vítima»: é este o simples título da obra do artista inglês Malcolm Pointer em exposição no Grande Palácio dos Campos Elíseos onde foi inaugurada a FIAC 80, a grande Feira Internacional de Arte Contemporânea que todos os anos decorre na capital francesa com a partici-



pação dos melhores artistas do mundo inteiro. (Foto Keystone)



Fiéis às suas velhas tradições, os ingleses continuam a envergar roupagens seculares e a levar a sério cerimónias cheias de «pompa e circunstância»: é o caso da mudança da presidência da Câmara de Londres, que vai processar-se no próximo dia 7 de Novembro, mas que já foi objecto de uma cerimónia para assinalar a eleição. Na foto: o novo presidente do município, coronel Ronald Gardner-Thorpe, quando se dirigia, devidamente escoltado, ao local onde iria ser eleito.



O sacrifício de Cristo continua a inspirar muitos oprimidos deste mundo, mesmo alguns que, em princípio, nada têm de comum com a civilização cristã. Na telefoto UPI/ANOP/DL: um índio, formado em Medicina, Jonathan Le Deux, autocrucificou-se em sinal de protesto contra a construção pelos norte-americanos de um bloco de apartamentos sobre um cemitério de índios



A Imprensa britânica une-se como um só «homem» à volta do Casal Real, depois da «ofensa» e «humilhação» que o rei marroquino, Hassan II, infligiu à soberana quando esta se encontrava com o marido de visita oficial a Marrocos. Foi o caso que o soberano deixou a rainha à espera dele, resolvendo ir descansar um bocadinho antes do banquete oficial. Na telefoto UPI/ANOP/DL: Isabel II e o seu anfitrião assistem a um espectáculo perto de Marraquexe

'COMANDOS' FASCISTAS BOLIVIANOS ACTUAM IMPUNES EM FRANÇA

«Comandos» fascistas bolivianos passeiam-se livremente por Paris, com uma missão bem determinada: liquidar os democratas do seu país que procuraram abrigo em França, na sequência do sangrento golpe dos «generais da droga» em La Paz. O órgão do Partido Comunista Francês, «L'Humanité» revelou a presença desses comandos, os seus locais de encontro, as placas de matrícula dos carros onde eles circulam armados e prontos a entrar em acção.

Contudo, até agora nem a rádio

nem a TV, solidamente controladas pelo poder, deram qualquer notícia sobre o caso. O Comité para a Defesa da Democracia na Bolívia (CONADE), por sua vez, denunciou a ameaça que esses grupos de assassinos a soldo representam para os democratas bolivianos. Mas até agora, as autoridades mantêm-se impassíveis, como impassíveis se têm mostrado ante o perigoso recrudescimento do nazismo em França. Só contra as pretensas «ameaças» de esquerda é que as autoridades de Paris parecem muito lestras.

A "DESMAOIZAÇÃO" DA CHINA

Em qualquer local, nas praças, à saída de uma rua, nas fachadas dos organismos oficiais, nas fábricas, nas salas de aula e oficinas está sempre presente um enorme retrato de Mao Zedong, o «Grande Timoneiro de 900 milhões de chineses», como gostava de ser chamado o defunto dirigente.



Jiang Ching, esposa de Mao durante quarenta anos, ascendeu aos mais altos cargos do partido precisamente nesses tumultuosos momentos, assim como os restantes membros do actualmente pejorativamente designado Bando dos Quatro.

E quem não tem conhecimento de que Kang Sheng foi o chefe dos serviços secretos de Mao?

E do domínio público que estas figuras e figurantes, sem a protecção de Mao, não teriam podido fazer aquilo que hoje lhes é atribuído. À excepção de Lin Piao que era respeitado como eminente chefe militar, os restantes eram personagens desconhecidas e odiadas. Especialmente no que se refere a Jiang Ching que era muito mal vista, assim como Kang Sheng que já no Oitavo Congresso do Partido Comunista Chinês (1956) tinha recebido a designação de «carrasco do Partido».

Os documentos oficiais do Partido, especialmente a folha do Comité Central de 16 de Maio de 1966, a decisão do CC sobre a Revolução Cultural de 8 de Agosto seguinte, os Comunicados da 11.ª e 12.ª Assembleia do CC desse mesmo ano e os Nonos e Décimos Congressos não deixam margem para dúvidas sobre estes problemas.

Com efeito para ilustrá-los graficamente, apareceu sempre a figura de Mao acompanhado por aqueles que, em seu nome e em princípio nos seus próprios, são actualmente alvo de todas as culpas.

A legitimidade desses documentos era, no entanto, ainda respeitada e oficialmente reconhece-se que todas estas personagens ocu-

terna como interna de Pequim.

Além disso, quer num sentido quer noutro, numa ou outra etapa do conjunto das gerações actuais de dirigentes chineses, obtiveram formação na escola de Mao e o seu compromisso objectivo com o maioismo é, segundo critérios de muitos, insuperável.

As autoridades explicam actualmente que as «atrocidades» sofridas, especialmente durante o decénio de 1966 a 1976, são fruto exclusivo das conspirações de Lin Piao, o Grupo dos Quatro, Kang Sheng e outros que «falsificaram» o «verdadeiro» pensamento de Mao.

Noutras ocasiões, tal como na Quinta Assembleia do 11.º Comité Central, efectuado em Fevereiro último, foi afirmado que nas vésperas da Revolução Cultural do Partido, foi apresentada uma errada avaliação do perigo do «revisonismo» e declarado que os actualmente repudiados «aproveitaram-se» para usurpar o Poder.

Em recentes declarações ao diário jugoslavo «Vjesnik», o antigo primeiro-ministro Hua Guo Feng reafirmou que os últimos anos da sua existência, Mao estava muito doente, apenas podendo falar e movimentar-se, circunstância que foi igualmente aproveitada pelos vilões para controlar a situação.

Apesar disso, disse Hua, Mao teve plena consciência desse problema e criticou por diversas vezes Jiang Ching tendo-lhe dito que ela não o representava e que deixasse de conspirar, tendo adiantado a designação de Grupo dos Quatro ao referir-se o seu grupo.

Terá sido essa a realidade dos factos? O marechal Lin Piao, ministro da Defesa, foi nomeado sub-chefe do Quartel-General Proletário encabeçado por Mao durante a Revolução Cultural e após a vitória, «íntimo companheiro de armas do presidente Mao», verdadeiro título nobiliárquico de então, além de seu «herdeiro directo». Com um tal poder ao seu alcance compartilhou a direcção do processo até que uma coligação de forças, onde Zhou Enlai tinha papel importante, o eliminou, no decurso de um misterioso assunto nunca desvendado.

Tem-se vindo ultimamente a falar com uma certa frequência no presumível começo de um processo de desmaoização da China, e talvez confundindo desejos com realidades, alguns esperam mesmo que se verifique uma total revisão e negação do papel desempenhado pelo extinto dirigente durante uma boa parte da história chinesa.

Os defensores desta hipótese consideram que está a actuar a favor da sua tese o generalizado repúdio, oficial e popular, em relação à «revolução cultural», o programa de reformas económicas que sob a designação das «Quatro modernizações» está a abandonar as práticas implantadas por Mao; a modernização das forças armadas com base em orientações completamente opostas às que eram preconizadas por Mao; a reabilitação dos perseguidos e eliminados durante o período 1966-76 e a crítica sistemática de Lin Piao, o Grupo dos Quatro, Kang Sheng e outros reconhecidos instrumentos do «Grande Timoneiro» na luta contra os seus opositores reais e imaginários.

Uma recente directiva do Comité Central do Partido regulamenta, limita e reduz parcialmente as expressões do culto da personalidade de Mao, embora não denuncie as suas causas, e mantém inalterável a imagem positiva do ex-mandatário.

No entanto os especialistas calculam que a estratégia das autoridades não é a anteriormente exposta, permitindo-se a um povo farto de várias décadas de miséria, temor e terror, reconhecer alguns erros do outrora infalível líder, procurando a todo o transe, embora de forma controlada, manter a sua imagem histórica favorável.

A tentativa de preservar a figura de Mao não é, em princípio, uma atitude ética. Trata-se de uma operação bem claculada, dado que a personagem encarna, como mais ninguém, o movimento comunista chinês, o nacionalismo e o anti-sovietismo.

E ao condená-lo integralmente seriam igualmente condenadas as bases da sua ideologia, que actualmente são tanto da política ex-

■ José Luís Robaina

□ Prensa Latina



O repúdio da revolução cultural chinesa é generalizado por todo o país procurando-se fazer esquecer a imagem dos guardas vermelhos, que de braçadeira no braço esquerdo e emblema com o rosto de Mao Zedong no sítio do coração, foram instrumentos utilizados para destruir as estruturas do partido dirigente e do Estado chinês.



Trabalhadores chineses seguem indolentes por um cartaz gigantesco, impensável anuncia-se a exploração do petróleo

A E O CULTO DA PERSONALIDADE

param posições «legais» na direcção do Partido.

A década maldita, que começou com a então chamada Grande Revolução Cultural Proletária e Socialista, terminou na segunda metade de 1976, após o falecimento de Mao, a 9 de Setembro e a prisão no mês seguinte da sua viúva e da facção que liderava.

Este período actualmente designado oficialmente como «ditadura fascista», «a mais monstruosa catástrofe da história da República Popular da China», «estado de sangrento terrorismo» e outras designações dessa ordem, foi caracterizado pela Assembleia do CC de 8 de Agosto de 1966 como «uma grande revolução que penetrou na própria alma do povo e representou uma nova etapa, ainda mais profunda e extensa no desenvolvimento da revolução socialista» mas também uma «poderosa força motriz para o desenvolvimento das forças produtivas sociais do nosso país».

Mais tarde e após o falecimento de Mao e das subsequentes depurações das suas estruturas, todos os documentos oficiais a classificaram desta forma, ou com títulos mais ou menos semelhantes.

Como se isto fosse pouco, até nos próprios Estatutos do Partido, aprovados no Décimo Congresso de 28 de Agosto de 1973, se declara: «Uma tal revolução terá de ser repetida no futuro». Ou, por outras palavras, a revolução cultural permanente.

Nesses dez anos, foi consolidada a política externa maoísta de confronto aberto com a comunidade socialista, os movimentos dos trabalhadores, comunista e de

libertação nacional e foi efectuado o estreitamento de vínculos com os Estados Unidos e com outros centros imperialistas.

A estratégia de preservar o nome de Mao força portanto os actuais dirigentes a verdadeiros actos de malabarismo que permitem precisamente averiguar até onde foi decidido levar a avaliação do «Grande timoneiro», como ele gostava que lhe chamassem.

Talvez que o caso de Liu Shaoqi, postumamente reabilitado no passado dia 17 de Maio, seja um bom exemplo a considerar nestes exercícios de retórica.

Oficialmente foi chamado «a maior injustiça da história do Partido» o facto do ex-vice-presidente do CC e ex-presidente da República, ter sido cruelmente perseguido de 1966 a Novembro de 1969, altura em que morreu por motivo de «doença» em Kaifeng, província de Henan, acusado de ser o «primeiro revisionista» do país e de ter organizado a oposição a Mao para fazer a China retroceder aos tempos do domínio imperialista.

Actualmente chegou-se à conclusão de que tudo isso era falso dado que o «pensamento de Mao», na altura defendido, era «falsificado», pois as investigações realizadas posteriormente foram adulteradas e obtidas mediante torturas e o conceito de «revisionismo» que serviu para justificar todos os acontecimentos estava «pouco desenvolvido», contendo claros «erros de análise» «contrários à realidade».

Na ocasião das cerimónias fúnebres de Liu Shaoqi, perante

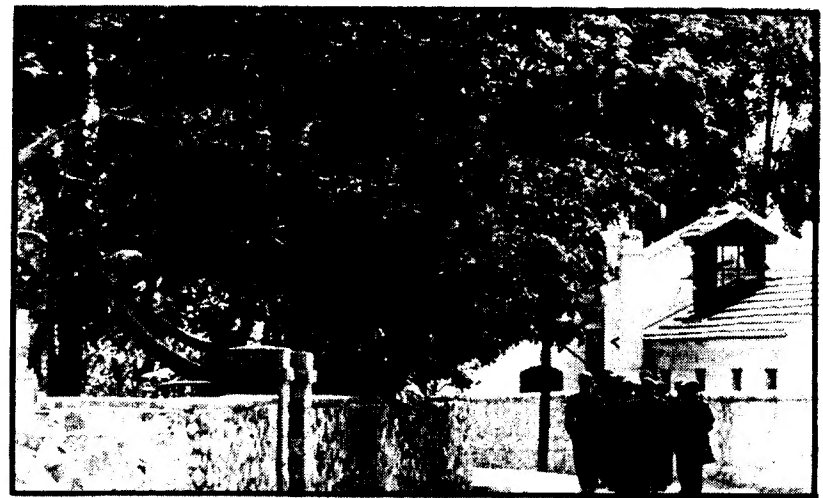
10.000 pessoas concentradas junto do Palácio do Povo, Deng Xiaoping mostrou os limites auto-impostos, tendo em seguida assinalado as «extraordinárias» contribuições do veterano dirigente terminando com uma conclusão curiosa: a história não esquecerá nunca os méritos dos fundadores e dirigentes da Nova China. Liu Shaoqi, tal como Mao Zedong, Zhou En Lai e Zhu De, viverão eternamente no coração do povo. Juntou então a vítima, o réu e um dos cúmplices essenciais (Zhou En Lai) como se o povo chinês tivesse esquecido o papel de cada um deles na obra montada por Mao.

O desconhecimento não foi motivo deste «lapso» de Deng, dado que o actual homem forte do regime acompanhou Liu na tragédia ao ser denunciado como o segundo homem do «Quartel-general contra-revolucionário».

Tanto Liu como Deng conheciam a fundo aquelas circunstâncias, e este, que conseguiu sobreviver, ainda conhecerá mais por certo, dado que foi novamente destituído e perseguido em 1975 por ordem de Mao, segundo consta do documento partidário oficial correspondente. O erro de Deng nem sequer é pessoal. Com perspectivas mais ou menos parecidas, todos os dirigentes o repetem, unidade de acção que obviamente obedece àquilo que constitui a versão oficial dos factos.

E como será possível conjugar tanta desigualdade?

A volta da reabilitação de Liu, a Imprensa chinesa publicou inúmeras elementos onde se podem encontrar as respostas a estas per-



Um dos factores que obrigam a mudar alguns critérios de Mao Zedong, embora sem ser destruída a essência do maoísmo é a modernização das forças armadas, que receberam uma estrondosa derrota no decurso da sua invasão do Vietname dado que a teoria de «sucessivos ataques» impulsionada pelo «Grande Timoneiro», demonstrou encontrar-se inadequada em relação ao espaço e ao tempo.

guntas. O editorial de 16 de Maio do diário, «Renmin Ribao», órgão oficial do Partido é um valioso exemplo até pelo seu próprio título: «Restaurar o que era originalmente o pensamento de Mao Zedong».

Reconheceu que a 12.ª Assembleia do 8.º Congresso (31 de Outubro de 1968) trabalhou em «circunstâncias anormais tanto na vida como no seio do Partido, tendo sido atingida uma situação em que não era possível qualquer discussão», e condenado Liu com base em investigações que, por «vários meios ilícitos», foram obtidas por Lin Biao, o Grupo dos Quatro e outros, o editorial lançou duas afirmações cheias de interesse.

Segundo a mesma fonte tais investigações «enganaram outros membros do Comité Central do Partido, inclusivamente os seus principais dirigentes».

O engano colectivo de veteranos dirigentes, com quarenta e mais anos de vida partidária, muitos deles companheiros de Liu desde os seus primeiros passos no movimento operário, não deixa de ser um achado. Porém, mais à frente o artigo acrescentava ainda que: Mao foi sempre um dirigente profundamente preocupado em reparar as injustiças.

Acentuando essa faceta, o Editorial acrescenta que «embora (Mao) tenha expressado a sua aprovação (...), na altura em que se apercebeu de que havia à sua volta um ambiente de falsidade, que as provas tinham sido obtidas por coacção e que os camaradas injuriados eram perseguidos na cadeia, mostrou uma grande indignação e fez valer a sua autoridade para que se desfizessem os obstáculos criados por Lin Biao e pelo Grupo dos Quatro e corrigiu rapidamente o errado tratamento infligido àqueles camaradas».

Seguidamente formulou uma apreciação que deve ser tomada especialmente em consideração: as injustiças de que Mao «não teve possibilidade de se aperceber» estão a ser reparadas pelas actuais autoridades.

Da leitura pode obter-se a conclusão de que Mao foi também um dos enganados por Liu; que apesar do seu imenso poder, reforçado ao máximo no apogeu da Revolução Cultural, houve casos que «não pôde resolver» e que quando queria desfazer uma injúria deveria ter-se «aberto caminho entre os

obstáculos que o interpunham entre Lin Biao e o Grupo dos Quatro», onde segundo a versão de então se situava o verdadeiro poder.

Mao, prisioneiro de Lin Biao e do Grupo dos Quatro propiciou o período mais tenebroso e mais amargo por que passou o povo chinês, evidenciando, no entanto, o limite imposto aos actuais reajustamentos, o rumo futuro e a impossibilidade actual de esperar acontecimentos melhores na China.

Talvez só possa rivalizar em ironia com a tese que o complementa: o nexo de continuidade entre Mao, que «não pode resolver» determinados problemas e os governantes actuais, que o estão a pôr em prática. Isto é os que sobreviveram às depurações de Mao são os que actualmente «restauram» o seu «verdadeiro» pensamento.

Nos próximos meses, a China será cenário de acontecimentos que ratificarão ou negarão estas considerações. O julgamento secreto a efectuar ao Grupo dos Quatro, que se espera deverá ter lugar em Setembro do próximo ano, e o balanço oficial dos trinta anos decorridos desde a libertação, especialmente os da «Revolução Cultural», serão momentos fulcrais desta reelaboração da história.

O próximo Congresso do Partido, que terá lugar nos primeiros meses de 1981, consolidará estas perspectivas.

No entanto, este país terá de estar preparado para as surpresas que por certo surgirão. A unidade e a estabilidade, lema prioritário actualmente, expressa também uma necessidade e uma falta. Muitas vezes no passado se falou de unidade, estabilidade e vitória e as frases passaram a ser bastante vazias de conteúdo após a liquidação de uns e outros.

O que parece não virá a sofrer sensíveis alterações será o «restaurado» pensamento de Mao Zedong, cuja ideologia continuará «iluminando» o caminho do povo chinês, embora as suas fotografias e frases apareçam menos frequentemente, dado que uma sociedade que se moderniza e se enriquece tecnologicamente com a ajuda dos Estados Unidos e de outros países do sistema não pode coexistir com expressões tão absurdas de culto da personalidade.



indiferentes nas suas bicicletas passando insensível ainda há pouco tempo: no cartaz óleo nacional em cooperação com uma

companhia ocidental (no caso, a Elf Aquitaine francesa). Este «new look» chinês enche de regozijo certos corações ocidentais. Resta saber se têm razão para tanta alegria. (Foto Keystone).

UMA EXPERIÊNCIA DE PODER LOCAL NA RDA

Os sindicatos de autarquias permitem melhor utilização dos meios



Vivendas: individuais construídas pelo sindicato das autarquias.

■ Panorama DDR

Mais de dois terços das cidades e das aldeias da República Democrática Alemã cooperam entre si, no seio dos cerca de 800 sindicatos autárquicos existentes. A cooperação entre organismos de Estado, empresas e instituições com vista a aumentar o potencial produtivo e a melhorar as condições de vida e de trabalho reveste-se de uma importância cada vez maior. Esta cooperação vai-se alargando progressivamente a todas as esferas da vida social e reflecte-se também na actividade dos sindicatos de autarquias cujo número tem vindo sempre a aumentar. Estes sindicatos nasceram por decisão dos representantes populares das autarquias e estão em conformidade com as normas constitucionais do país e com as leis sobre autarquias locais.

As experiências mostram que a formação de sindicatos de autarquias permite alargar a gama de actividades das pequenas cidades e aldeias, conferindo-lhes novas possibilidades de prosseguirem com êxito a linha política decidida pelo IX Congresso do PSUA e que consiste em garantir permanentemente a prosperidade do povo. A concentração das possibilidades locais e dos fundos pertencentes às empresas cria, no seio do sindicato, condições mais favoráveis à intensificação da produção e à melhoria de vida e das condições de trabalho dos habitantes.

Os princípios que regem a constituição destes sindicatos são: adesão voluntária, inteira igualdade de direitos, manutenção da autonomia política, económica e jurídica das diferentes autarquias.

Há mais de dez anos a aldeia de Straupitz e outras sete localidades do distrito de Lübben, província de Cottbus, constituíram um sindicato de autarquias que foi um dos primeiros do género na RDA. A en-

trevista que se segue foi feita pela redacção da revista «Panorama Kommunal» com Karl Mörl, membro do partido cristão-democrata da RDA (CDU), presidente da câmara de Straupitz e que há vários anos dirige o conselho do sindicato.

Pergunta: A cooperação das autarquias no sindicato deu resultados satisfatórios?

Resposta: Inteiramente satisfatórios. Citar-lhe-ei alguns exemplos. Cerca de 700 pessoas (ou seja um sétimo da população das nossas aldeias) vivem agora em casas novas ou modernizadas. A vida social tornou-se mais rica e mais diversificada. Todos os anos organizamos uma festa cultural e desportiva que tem sempre enorme afluência. As numerosas manifestações que se realizam nos clubes das aldeias são também muito apreciadas, sobretudo pelos jovens. Tudo isso foi possível graças à cooperação entre as várias aldeias.

P: Qual a influência da cooperação entre as autarquias sobre as empresas agrícolas?

R: Essa foi uma das primeiras questões que abordámos por altura da constituição do sindicato. Como noutras regiões, o trabalho cooperativo da agricultura ultrapassa os limites da aldeia. Projectos como os do ordenamento do território e outros contribuem para alargar os horizontes dos camponeses. A isso acrescem as questões de natureza prática. Devido à concentração e à especialização da produção não é raro que os camponeses vão trabalhar para aldeias vizinhas. No domínio da política municipal, como aliás noutros domínios houve que vencer a velha tradição segundo a qual cada um é responsável apenas pela sua própria localidade.

Citarei, uma vez mais, alguns exemplos. Entre as diferentes autarquias organizamos transportes

em comum, o que diminuiu muito o tempo gasto no percurso casa-trabalho. Consertámos as estradas de maneira a que os veículos potentes da cooperativa de produção agrícola pudessem passar por elas sem dificuldades e com maior eficácia. A aproximação entre as nossas aldeias favoreceu o estreitamento dos laços entre as cooperativas (nove) que acabaram por se fundir. Actualmente os rendimentos por hectare aumentaram em média de um terço em relação aos níveis verificados no começo do

trabalho comum, e o acréscimo da produção leiteira é de mais de mil litros por vaca e por ano.

P: Quais são, segundo a sua opinião, as razões dos progressos obtidos no seio do sindicato das autarquias?

R: O essencial está em que pusemos em comum os nossos meios e as nossas forças e assim continuará a ser no futuro. Porque o resultado não é apenas a soma do que já existe, mas uma força social maior, uma eficiência maior. A autarquia maior do nosso sindicato tem 1500 habitantes, a mais pequena, 200. Entregue a si mesma esta localidade poucos resultados poderia obter. Tomemos, por exemplo, a concentração dos nossos esforços na transformação e aumento de dimensões das casas de habitação.

Após madura reflexão, as oito representações populares, organismos democraticamente eleitos, decidiram atribuir rotativamente os seus fundos às diferentes autarquias membros dos sindicatos por um período de um ano de cada vez. Esta fórmula permitiu-nos realizar durante os três primeiros anos um aumento de 50% da produtividade do trabalho. Graças à cooperação no domínio da construção civil, o sindicato abriu novas possibilidades às aldeias, possibilidades que anteriormente eram quase exclusivas das aglomerações urbanas.

Claro que tudo isto levanta problemas. Quando fundámos o sindicato, havia muitos cépticos que pensavam que a sua aldeia iria acarretar com todos os ónus em benefício das outras. O que veio a ser desmentido pela prática. A discussão sobre as tarefas a realizar em matéria de política municipal,

por exemplo o local onde será instalado este ou aquele equipamento destinado a todo o sindicato, consolidou a confiança mútua, estimulou o sentido das responsabilidades e a certeza de que este modo de proceder serve os interesses de todos.

P: Qual o papel das diferentes representações populares?

R: Concluímos que a cooperação no seio do sindicato torna as assembleias locais ainda mais conscientes das suas responsabilidades. Quanto mais elevado é o nível de cooperação melhores são os resultados alcançados. Actualmente os membros eleitos dos nossos órgãos populares reflectem sobre projectos de envergadura cada vez maior e multiplicam as suas actividades políticas. Nas aldeias como nas cidades a democracia não é uma palavra destituída de sentido. Por exemplo, é costume os habitantes darem a sua opinião sobre projectos apresentados pelo sindicato. Esses projectos são-lhes explicados com auxílio de esquemas desenhados. E só depois de o projecto ter sido adoptado pelas diferentes assembleias é que é incluído no plano e passa a ser obrigatório. Esta participação democrática nas decisões reforça a confiança que os habitantes depositam nos seus representantes locais cuja autoridade tem vindo a ser cada vez maior. O conselho do sindicato, que reúne os presidentes das câmaras e outros eleitos das diferentes aldeias coordena e controla a aplicação das decisões tomadas pelos organismos populares.

P: Quais as perspectivas para o futuro trabalho do sindicato?

R: Os representantes populares e os seus conselhos entendem que a cooperação no seio do sindicato abre um vasto campo de actividades, nomeadamente no campo do ordenamento do território, sobretudo nas regiões rurais do nosso país. Dito por outras palavras: interessa unir todas as empresas para melhor aproveitamento dos recursos financeiros fornecidos pelos organismos do Estado. Conseguimos uma utilização mais eficaz dos fundos afectados às assembleias para a cooperação e dos meios que as empresas consagram a esses fins.

Por exemplo: a construção de uma conduta de água para todas as localidades do nosso sindicato. Esta obra permitiu melhorar a qualidade de vida dos nossos cidadãos e as condições de produção das empresas. Progredimos mais de pressa nessa obra e encontramos soluções melhores porque unimos os fundos desbloqueados para esse fim pelos organismos populares e os meios financeiros e materiais fornecidos pelas empresas. Também utilizámos a mesma fórmula na reconstrução e remodelação de um velho edifício da aldeia de Straupitz que será dotado de apartamentos modernos de duas assoalhadas e meia para onde irão muito em breve habitar umas vinte famílias de todas as aldeias. Os operários mais jovens vão assim os seus problemas de alojamento resolvidos pouco a pouco. ■



O novo ginásio, construído em conjunto pelas sete autarquias, e que é utilizado pela escola de Straupitz e pelos desportistas amadores de todas as aldeias.

A RÁDIO AO SERVIÇO DAS POPULAÇÕES NAS ILHAS DE CABO VERDE

■ Carlos A. Arnaldo

□ Informações UNESCO

Leva-se menos de uma hora a fazer a travessia do Mindelo a Santo Antão, as duas ilhas mais setentrionais do arquipélago de Cabo Verde, situado a uns 600 quilómetros da costa ocidental da África. Mas com a violência dos ventos que batem no barco, a viagem parece interminável.

Coberta por uma vegetação luxuriante, Santo Antão, a mais isolada das seis grandes ilhas que formam a República de Cabo Verde, também é uma das mais ricas. Se o lado que fica voltado para os ventos é árido e nu (consequência de mais de vinte anos de seca), o lado não ventoso tem colinas em socacos, estradas ladeadas de flores, casinhas agrupadas junto de caminhos a que as árvores dão sombra, bananeiras no leito meio seco dos rios — coisas inimagináveis em grande número de outras ilhas.

O desejo de chegar mais depressa a essa ilha e a outras, motivou um programa de formação de educadores, agricultores, responsáveis por questões de saúde e de alimentação, para que pudessem utilizar a rádio. Assim, toda a população de Cabo Verde — quase 400 000 pessoas — tornava-se acessível através de emissões radiofónicas.

Com o auxílio financeiro da República Federal da Alemanha, a Unesco forneceu consultores para a realização de uma pequena unidade de produtores, recrutados em vários ministérios. Os consultores fizeram uma série de cursos de formação sobre mensagens, códigos, produção radiofónica, organização de grupos de escuta, emprego do feedback.

No Mindelo, a estação Voz de São Vicente ofereceu um estúdio. A equipa só teve que instalar um equipamento portátil e magnetofones.

Noutra cidade, Praia, a equipa beneficiou de um local que converteu em estúdio. As paredes foram



O chefe de uma cooperativa de venda, na aldeia de Varzea de Santana, conversa com produtores de rádio rural.

cobertas de painéis de cortiça e instalou-se uma cerca acústica feita de velhos sacos de açúcar. Depressa os produtores aprenderam a deslocar-se com o seu magnetofone de modo a estarem prontos

para fazer, em qualquer altura, uma entrevista. Longas conversas — por exemplo, sobre um enterro — transformaram-se bruscamente numa discussão séria sobre problemas agrícolas. O entrevistado

era o chefe da associação local de venda.

Um elo vivo

A equipa, actualmente composta por 19 produtores, realizou programas sobre produtividade agrícola, cooperativas de mercado, saúde, segurança, puericultura, nutrição, planeamento familiar, alfabetização e formação pedagógica dos professores do ensino primário.

No plano técnico, uma equipa de engenheiros suecos inspeccionou as ilhas e instalou emissores provisorios de modulação de frequência na Praia e em Monte Xota, na ilha de Santiago.

Próxima etapa: serão erguidas torres permanentes e será montada uma rede de antenas a fim de reforçar os sinais.

Até ao fim do programa, em Dezembro de 1980, os produtores de rádio terão sistematizado os seus programas e realizado os métodos de organização de grupos de escuta, para que toda a articulação da nova rede de modulação de frequência fique estabelecida.

5 NOVAS AGÊNCIAS DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS INAUGURADAS NOS AÇORES

PICO

S. JORGE

FLORES

GRACIOSA

LAGES DO PICO

VELAS E CALHETA

Sta. CRUZ DAS FLORES

Sta. CRUZ DA GRACIOSA

Para melhor servirmos a população açoreana, inaugurámos agora em Velas e Calheta, (na ilha de S. Jorge,) Lages do Pico, Sta. Cruz das Flores e Sta. Cruz da Graciosa, 5 novas Agências da Caixa Geral de Depósitos, alargando, assim, o serviço já prestado pelas nossas Dependências de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Horta, Nordeste, Vila Franca do Campo, Ribeira Grande e Vila do Porto, para um mais completo apoio à economia dos Açores.

OUTRAS DEPENDÊNCIAS JÁ EXISTENTES:

EM S. MIGUEL

PONTA DELGADA NORDESTE VILA FRANCA DO CAMPO RIBEIRA GRANDE

NA TERCEIRA
ANGRA DO HEROISMO

NO FAIAL
HORTA

EM Sta. MARIA
VILA DO PORTO



Os nossos serviços, cada vez mais, junto de si.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

PELO MUNDO

SÓ PARA SÓCIOS

As autoridades de Pretória, na África do Sul, ficaram indignadas: os parques da cidade estavam cheios de «negros»! Não queriam tolerar esse «mal», mas também não tinham muitos meios para o combater: não era possível expulsá-los pela força, nem convinha colocar cartazes «Só para brancos», porque essa atitude provocaria novos distúrbios. Assim, as autoridades municipais decidiram pôr os parques à disposição de clubes desportivos e organizações juvenis de membros exclusivamente brancos. À entrada de muitos parques e jardins apareceram agora as advertências: «Só para sócios».

MEXILHÕES PARA MEDIR A POLUIÇÃO

Mexilhões vão ser agora utilizados para determinar o efeito que têm sobre a vida marinha, as operações de exploração de petróleo e de gás do Mar do Norte. Duzentos mexilhões foram já enviados para uma zona a 480 km de distância da costa nordeste da Escócia, onde foram colocados em «gaiolas» presas às estruturas das plataformas de petróleo a várias profundidades até 120 metros. Os mexilhões permanecerão nas gaiolas debaixo das plataformas durante várias semanas após o que serão retirados e examinados por cientistas da «Shell».

O sr. Tim Wilkinson, perito da companhia petrolífera para questões de ambiente, afirmou que as operações de «offshore», tal como as que são executadas no Mar do Norte, envolvem uma descarga inevitável de despejos para o mar. Esta experiência está integrada num vasto programa de investigação com vista a descobrir para onde vão esses despejos, a forma como eles se diluem e decompõem, e quais os efeitos que poderão ter a longo prazo.

Os mexilhões foram escolhidos devido à sua capacidade de actuar como papel borrão, absorvendo determinadas quantidades de compostos químicos contidos na água que os rodeia e retendo os produtos químicos durante um certo tempo. Assim, é possível obter uma indicação sobre os níveis de poluição visto que eles acumulam níveis químicos que fornecem uma imagem suficientemente clara.



A ESPERA DOS REFÊNS

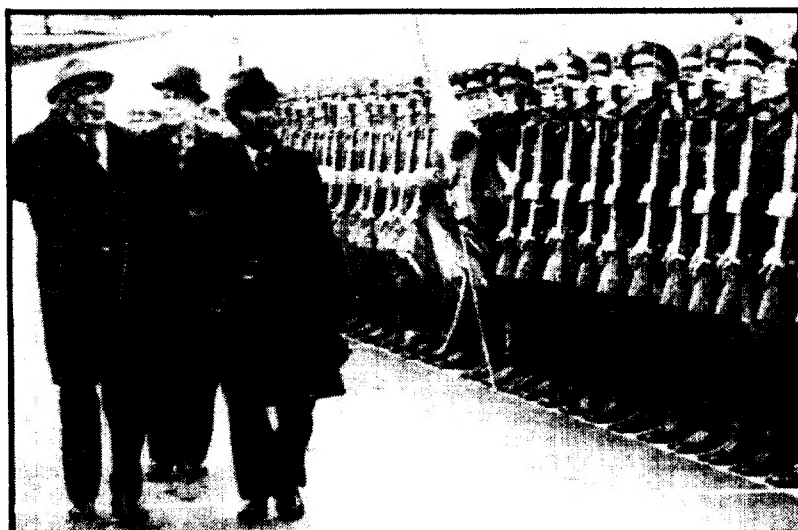
De há vários dias a esta parte a libertação dos reféns americanos, que já perfizeram um ano de cativeiro no Irão, parece iminente. No passado domingo as equipas de numerosas cadeias de televisão americana já estavam a postos em diversas cidades alemãs para a eventualidade da chegada dos reféns à RFA. Na telefoto UPI/ANOP/«DL», vêem-se os preparativos para a cobertura da sua entrada no hospital da força aérea dos EUA em Wiesbaden.

A GUERRA CONTINUA



A guerra entre o Irão e o Iraque prossegue o seu curso inexorável, depois de terem falhado as previsões do «passado militar» de Bagdad e após muitas e variadas malogradas missões de mediação. No Irão, a palavra de ordem é mobilizar e instruir militarmente. Todos os homens com mais de 18 anos foram convocados para se registarem no Ministério da Defesa. A foto dá-nos uma imagem do treino de milicianos que está a ser dado pelos guardas da revolução num campo perto de Teerão. Os exercícios são violentos como a guerra para a qual se preparam os instruídos. E as balas que se encontram nas armas matam como as dos iraquianos. Lá no Irão a hora não é de facto para brincar aos soldados. (Foto SIPA PRESS)

COOPERAÇÃO URSS-ETIÓPIA



O chefe de Estado etíope, Mengistu Mariam, deslocou-se na semana passada a Moscovo para uma visita oficial à URSS, que constitui mais um passo no reforço da cooperação entre os dois países. Num banquete que ofereceu em honra do visitante, o dirigente soviético Leonid Brejnev aludiu aos perigos de guerra generalizada no Golfo e no Índico, propondo um acordo que limitasse a presença militar nas águas internacionais. Na telefoto TASS/ANOP/DL: Brejnev e Mengistu passam revista à guarda de honra, no aeroporto de Moscovo, à chegada do presidente etíope.



TUNEL SOB O SUEZ

O primeiro túnel construído sob o Suez, que fará a ligação entre o Egipto e o deserto do Sinal, foi recentemente inaugurado na cidade do Suez, pelo presidente Sadat. A telefoto UPI/ANOP/DL dá-nos uma imagem da cerimónia.

EXCLUSIVO

N.º 45/80

